

José Edmilson Silva Gomes

# Dos sonhos...

uma jornada  
simbólica a

# Budapeste

Orelha capa

Orelha contracapa

Viver em Budapeste não foi apenas um destino acadêmico, mas um marco na trajetória de vida, capítulos que preencheram essa história e expandiram os horizontes.

Deixe essa *playlist* te acompanhar. Mais do que marcar momentos, essas músicas ajudaram a passar por eles. Aqui, a música mostra como é possível transformar dificuldades em aprendizado e memórias.



**Dos  
sonhos...**

uma jornada  
simbólica a

**Budapeste**

## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

### **REITOR**

Hidelbrando dos Santos Soares

### **VICE-REITOR**

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

### **EDITORA DA UECE**

Cleudene de Oliveira Aragão

### **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carolina Costa Pereira

Ana Cristina de Moraes

André Lima Sousa

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior

Daniele Alves Ferreira

Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão

Heraldo Simões Ferreira

Jamili Silva Fialho

Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro

Paula Bittencourt Vago

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho

Sarah Maria Forte Diogo

Vicente Thiago Freire Brazil

José Edmilson Silva Gomes

**Dos  
sonhos...**  
uma jornada  
simbólica a  
**Budapeste**

1ª Edição  
Fortaleza - CE  
2025

# Dos sonhos... uma jornada simbólica a Budapeste

©2025 *Copyright by* José Edmilson Silva Gomes

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

## Coordenação Editorial

Cleudene de Oliveira Aragão

Nayana Pessoa

## Diagramação e capa

Narcélio Lopes

## Fotografia da capa

Rio Danúbio, Budapeste. José Edmilson Silva Gomes, 2024.

## Revisão de Texto

Maria Meiriane Freire Aguiar

Bibliotecária: Meirilane Santos de Moraes Bastos CRB-3/785

G633d Gomes, José Edmilson Silva  
Dos sonhos... [livro eletrônico] uma jornada  
simbólica a Budapeste / José Edmilson Silva Gomes.  
- Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2025.  
PDF.  
ISBN: 978-65-83910-06-6

Narrativa literária. 2. Literatura comparada. I. Título.

CDD: 801.953

---

Todos os direitos reservados

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará

CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893

www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Dedico estes escritos com amor às narrativas sinceras  
das pessoas que eu encontrei nessa jornada.

# Prefácio

Professor Dr. José Jackson Coelho Sampaio

Acompanhar a decisão de Edmilson de pleitear um doutorado sanduíche no exterior e sua escolha pela Hungria, as sucessivas articulações internas - no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPSAC) e na Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PROPGPq) da Universidade Estadual do Ceará (Uece) - e externas, na Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - até a aprovação do pedido, as sucessivas articulações entre familiares e amigos para gerar as bases que possibilitariam seu deslocamento (incluindo a entrevista na Embaixada da Hungria, em Brasília) e a agência de viagens para apoio, e as primeiras mensagens de *WhatsApp* vindas de Budapeste, com ótima qualidade de texto e de conteúdo, levaram-me a sugerir a sistematização de uma caderneta de campo capaz de gerar o diário de campo de um fisioterapeuta brasileiro, nativo do litoral cearense, no estranho mundo húngaro, herdeiro da Panônia, do Império Austro-Húngaro e de uma experiência singular de república democrática popular.

Depois das reuniões *online* para acompanhar seu desempenho, de trocarmos ideias sobre método científico, sobre as relações entre saúde mental e trabalho, sobre Filosofia, História e Poesia, e de testemunhar o produto finalizado, desenvolvi uma certeza: teríamos um produto adicional de alta qualidade a compor o portfólio da experiência. E esta certeza decompõe-se nas várias reflexões que fundamentam este Prefácio, vinculadas a orgulhos e invejas, espelhamentos e diferenças, expectativas e resultados.

Orgulho por testemunhar a ousadia e a resiliência deste ex-orientando de mestrado, atual orientando de doutorado, parceiro sensível nas atividades do Grupo de Pesquisa Vida e Trabalho (GPVT) e do Laboratório de Humanização da Atenção em Saúde (LHUAS). O jovem cresceu e é corajoso. Inveja por trilhar os caminhos de doutorado sanduíche internacional, vivendo três das quatro estações do ano na Europa Central, comunicando-se em língua não familiar, enquanto eu não tive esta experiência (fiz mestrado e doutorado já casado e com três filhos em idade escolar, além das oportunidades serem muito menores naquela época), sequer fiz pós-doutorado (além das questões civis, entrei tardiamente na vida acadêmica e trilhei também os caminhos da gestão universitária, então, quando dei por mim, havia entrado na zona de conforto e perdera as oportunidades).

Espelhamentos na abertura intelectual, na articulação entre vida na assistência e vida acadêmica, no

gosto pela poesia, na voraz curiosidade pelo conhecimento do mundo e nos olhos claros espantados pelo sol do equador e pela aridez da caatinga. Diferenças geracionais (a idade dele está no meio do caminho entre a de minha filha caçula e a do meu neto mais velho), tecnológicas (ele domina a vida *online* como eu jamais dominarei) e ideológicas (identidade na concepção político-social democrática, solidária, inclusiva, porém, diversa no olhar dele que navega por concepções mágico-religiosas). Ah, um detalhe, nossa *playlist* é bem diferente, pois desconheço parte das referências musicais que ele indica neste.

Expectativas que se somam na dedicação ao trabalho, na alegria de fazer bem feito, na disciplina bem informada, na busca pelos melhores resultados, apesar dos obstáculos e da gradativa desvalorização do trabalho em saúde e do trabalho intelectual que se nutre das contradições entre liberalismo econômico e autoritarismo político, entre miríade de desregulamentações da atividade trabalho e a oligopolização global de quem detém as patentes e os sistemas de exploração. Resultados subjetivos como os das reconfigurações das visões de mundo e de objetivos como as produções de artigos, livros, capítulos de livro, participação em eventos, dissertações e teses. O jovem cresceu, é corajoso, continua amável e é produtivo na melhor medida.

Gustave Flaubert dizia que o estilo é o autor (*Madame Bovary c'est moi*). Este livro o comprova: está aí o Edmilson, por inteiro, leve e denso, fluido,

espontâneo, introspectivo, audaz e sonhador. Sua sensibilidade perspicaz identifica os problemas e suas possibilidades de superação, com ressonâncias literárias, mas, sobretudo musicais. O estilo é curiosidade, aventura e música.

Fica exposto o sonho de Edmilson com *O Jardim de Diógenes*, do húngaro Róbert Hász, e a cadeia de eventos que passam pelas ligações da Uece com a Universidade Eötvös Loránd Tudományegyetem (ELTE), e minhas próprias ligações que levaram à concessão feita a mim do título de *Professor et Doctor Honoris Causa* em Psiquiatria, pela ELTE. Há muito o que explorar nestas veredas da mente humana, na tentativa de compreender o necessário e o fortuito, o destino e a liberdade.

E nas narrativas capitulares do antes, do durante e do depois, sobressaem-se as conquistas teórico-metodológicas e a empatia com a cultura do outro, as experiências de pesquisar em Fortaleza, Ceará, no auge da pandemia da Covid-19 e de ser Pesquisador Visitante da ELTE em Budapeste, Hungria.

Também se destacam o périplo interno por Budapeste, suas gentes, suas ruas, avenidas, igrejas e bibliotecas, história e arquitetura em planta baixa, e a expansão do mundo pelas peripécias que atravessam a Europa por Szentendre, na Hungria; Bratislava, na Eslováquia; Viena, na Áustria; Madri, na Espanha; Bruxelas, na Bélgica; Amsterdã e Amersfoort, na Holanda.

O leitor tem em suas mãos um documento acadêmico, inspirado livremente no dispositivo antropológico do diário de campo, também tem um estilo que traduz o autor, fluido e generoso, por fim tem um documento humano, um testemunho de uma experiência viva, que é honesto e sagaz.

Sejam bem-vindos – professores, pesquisadores, estudantes, sonhadores e pragmáticos, curiosos e críticos criadores de saber - ao rumor do vento sobre o rio Danúbio, ao som distante de um poema sinfônico do húngaro Franz Liszt (Liszt Ferenc) ou de uma rapsódia inspirada em música cigana, aos elegantes interiores das bibliotecas de Budapeste, à sensação da primeira neve pré-natalina que deslumbra o olhar nordestino e ao banquete que une um discreto sabor de páprica com os suaves goles de um vinho seleta da região de Tokaj. A arte e a ciência devem ser um banquete para todos, é o que nos prova este livro.

# Sumário

- 15** | **Apresentação**
- 18** | **Capítulo Zero**  
O Sonho que deu origem à jornada
- 25** | **Capítulo 1**  
Guerra e cuidado: os tempos são outros
- 34** | **Capítulo 2**  
O recomeço
- 39** | **Capítulo 3**  
O mar: dimensão das possibilidades
- 45** | **Capítulo 4**  
Os sonhos vividos na Hungria: um diário de campo
- 69** | **Capítulo 5**  
Amores e dissabores: momentos inesperados
- 78** | **Capítulo 6**  
Novos campos histórico-afetivos: descrevendo lugares fantásticos
- 97** | **Capítulo 7**  
Resiliência-musical

- 104** | **Capítulo 8**  
A sexta mudança
- 111** | **Capítulo 9**  
Corpo-cidade e as memórias sociais do clima, da política e das loucuras coletivas
- 115** | **Capítulo 10**  
Brasilidades: (dis)sabores e sincronicidades
- 125** | **Capítulo 11**  
Ser pesquisador visitante na *Eötvös Loránd University*
- 141** | **Capítulo 12**  
Uma vida pelo trabalho: de *workaholic* ao espaço consciente
- 149** | **Capítulo 13**  
A família
- 154** | **Capítulo 14**  
“Here Is December Everyday!”
- 164** | **Considerações Finais**
- 168** | **Referências**
- 174** | **Agradecimentos**

# Apresentação

Escrevo sobre essa jornada com a maior serenidade, sinceridade, anseios e catarse possíveis. Não somente uma jornada acadêmica de estudos, porém, uma realização pessoal/profissional que envolve os mistérios dos sonhos. Isso tudo é sobre um sonho que não acaba em sua realização (a viagem), mas em histórias concretas de tempos que ressoam significados ao valor que isso representa em uma coragem pela vida. Tudo aqui parte de um sonho real ou idealizado, por representações metafóricas ou simbólicas, eu diria até que um sonho lúcido cheio de sentidos e historicidades.

A vida como ela é, plena de amor e sombra nas várias lacunas desse *esteio do viver*, como diria Marcus Vinicius Esmeraldo Melo. Entre silêncios e ruídos, sonhos e pesadelos são dicotomias do acaso, um apelo à mudança nesta geração, como marcas de tatuagens ancestrais.

Um *gap* da mais alta entrega às viabilidades da vida e dos sonhos sobre o percurso acadêmico e pessoal, de trabalho e de esperança(r), assim como fui educado. Não há motivo maior para expor em palavras do que a motivação intrínseca de uma luta singular e, ao mesmo tempo, familiar para muitos que almejam uma ilusória plenitude — talvez não a romantizada,

mas a vivida — enfrentada pelo próprio destino, que se materializa ou se dissipa a depender dos novos ventos e da entrega de si, contra a maré do que é superficial.

Os *insights* a contar nessa narrativa ajudam a entender melhor os sentimentos, emoções, objetivos e relacionamentos de uma vida ressignificada com recorte de tempo marcante na experiência de uma viagem de Fortaleza a Budapeste.

Dizem que um sonho em que você está se comunicando com alguém desconhecido ou que não é deste tempo atual pode ser uma mensagem de amor ou orientação e é a partir desse movimento de *orientação* que eu me guio e me encorajo nessa vida desperta, dissipada em partes pelo concreto-real, mas é ali que a experiência acontece.

Este livro é dividido em 14 capítulos a começar pelo período pré-sonho, o sonho em si e o momento de (re)viver aquilo com os escritos de diário de campo no Leste Europeu, especificamente, em Budapeste, na Hungria. Já posso ressignificar o que Chico Buarque disse sobre a língua húngara, em nova roupagem e novos tempos, sendo a língua húngara a única que no mundo dos sonhos é revelada e respeitada. Realmente única e de raízes complexas.

Porventura, o meu orientador do mestrado e do doutorado, professor Dr. José Jackson Coelho Sampaio, também me inspira nessa elaboração poética, até nos nomes, emoções e a audácia em certos pontos cirúrgicos. Depois desse sonho que vos escrevo, mais à frente,

ganhei um livro de poesias que ele escreveu, talvez não por acaso denominado *Cartografia do Sonho* (*Az álom Kartográfiája*), publicado em edição bilingue com tradução para o húngaro, o que representa premissa ainda maior para textos autorais.

Carl Sagan, um dos cientistas mais admirados do nosso tempo, ao escrever *O Mundo Assombrado pelos Demônios*, destacou o valor essencial da ciência para nossa sociedade atual e para o futuro. Contudo, é indispensável que integremos também o conceito de falseabilidade, proposto pelo filósofo austríaco Karl Popper, que nos ajuda a distinguir ciência de pseudociência. Em tempos de polarização política, tem-se alimentado um debate *acalorado*. Esse cenário, marcado por discursos repetitivos e pouco fundamentados, preocupa — afinal, com tanta retórica e pouca análise crítica, corre-se o risco de que não se leia o novo, não se crie o inovador, e apenas se reproduzam ideias gastas.

Sendo assim, inspirado pelos grandes mestres, produzo este texto metafórico como uma forma de catarse acadêmica, buscando expressar os sentidos que emergem — ora em paralelo, ora fortemente entrelaçados — nesta jornada de luta e paixão pela vida, pelo trabalho e pelo processo de ensino-aprendizagem. Entre a dicotomia da ciência, o real concreto e as subjetividades da existência humana, as ideias fluem, unindo reflexão e vivência.

# Capítulo Zero

## O Sonho que deu origem à jornada

Este sonho, nunca contado – exceto para uns quatro ou cinco amigos mais próximos e familiares – merece um espaço especial. É o ponto de partida, o sussurro que se transformou em tempestade criativa. Por isso, decidi chamar este capítulo de *Zero*, uma introdução fora das normas e formalidades, como um convite para uma leitura livre, desatenta às exigências da ABNT, mas cheia de intenção para reverberar no simbolismo onírico.

Quero falar diretamente com quem se propõe a mergulhar neste sonho e descobrir o que ele tem a dizer (mesmo ainda sem muitas respostas, mas deduções). É aqui que tudo começou: a jornada, os riscos, as reviravoltas. Que este capítulo-zero sirva de portal para esta narrativa autobiográfica por meio de relatos em formato de diário de campo pré, durante e pós-viagem.

Desde a infância, apesar dos exemplos negativos relacionados ao álcool vivenciados no contexto familiar, comuns em muitas famílias nordestinas, permanecem ainda boas lembranças das experiências compartilhadas. Com o tempo, houve uma transformação, que levou ao entendimento do passado. É dessa mudança que se ressignifica este espaço-tempo. Meu pai, João Batista, quase bíblico, permanecem vivas essas memó-

rias, e uma das imagens mais marcantes é a de quando ele acordava cedo e, durante o café da manhã, nos contava sobre seus sonhos. Sim, herdei dele não apenas o par de olhos com heterocromia central, mas também uma verdadeira herança onírica.

Não busquei entender isso de uma forma técnico-científica pelo qual desejo ainda me formar na pós-graduação, tentando buscar respostas na Neurociência ou em outras áreas da saúde, pois é algo muito mais ligado ao laço afetivo e às memórias simbólicas familiares. Embora os sonhos envolvessem pessoas próximas e tivessem um caráter revelador, ele ficava pensativo por horas após compartilhá-los, como se fosse um rito. E é justamente essa necessidade de conexão e significado que me levou a escolher Budapeste como cenário e a contar uma história que nasceu, literalmente, de um sonho.

Há uns três a quatro anos, pouco antes de começar o mestrado, ainda estava atuando como residente na cidade dos meus pais, os sonhos naquela época já eram magníficos, intercalados a alguns pesadelos quando me mudei para Fortaleza. Mas o sonho que tive nesta época (por volta de 2019/2020) foi o seguinte:

Na cidade dos meus pais, onde ainda descansava, sonhei que caminhava por ruas que hoje me lembram Bratislava ou pequenas vielas típicas dos Balcãs: estreitas, históricas, cheias de charme e cultura. Do sonho, alguns detalhes permanecem vivos. As paredes tinham um tom amarelado, igual às que vejo diariamente aqui em Budapeste. As imagens e simbologias que emer-

giram naquele sonho me marcaram profundamente, como se fossem sinais me conectando aos povos húngaros, embora sem respostas divinas claras.

No sonho, eu percorria essas ruas até entrar em uma loja. Não sei dizer se era um café, um sebo ou uma loja de *souvenires*, mas o nome do lugar era impactante: *O Jardim de Diógenes*. A tradução veio naturalmente, como um reflexo do sonho internacional (risos). Acordei com um hiperfoco em pesquisar sobre esse nome e, após horas na internet, encontrei uma obra intitulada *Le Jardin de Diogène*, do autor expatriado húngaro Róbert Hász. O intrigante é que a capa do livro retratava um senhor muito semelhante ao do meu sonho, alguém que parecia agir como um mentor, em analogia às interpretações oníricas tradicionais.

Li apenas a sinopse da obra e, mesmo após tentativas de contato com o autor via e-mail, percebi que aquele mistério era algo que eu precisava decifrar. A experiência me inspirava a buscar mais, talvez até a visitar o (não)lugar do sonho algum dia. Um ano depois, ingressei no mestrado em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Jackson Sampaio. Minha pesquisa não estava diretamente relacionada à saúde mental, área de sua expertise, mas à saúde do(a) trabalhador(a), uma área que sempre me despertou interesse desde a graduação em Fisioterapia. Foi também sob orientação da professora Patricia Collares, que plantou a semente desse interesse, com foco em inovações, políticas e intervenções em saúde.

Por sorte, consegui comprar um exemplar de *Le Jardin de Diogène* na Amazon, mesmo sendo uma obra rara com poucos exemplares disponíveis. Infelizmente, só possuo conhecimentos básicos de francês e a obra não está traduzida para outro idioma, fora o húngaro do original. Esse livro, e o sonho que o precedeu, ressoaram por anos. Compartilhei a história com alguns amigos, mas guardei boa parte para mim, intrigado pela conexão entre o sonho e a realidade.

No segundo ano do mestrado, descobri que meu orientador tinha parcerias institucionais com a Hungria, país do autor. Isso reacendeu o interesse em explorar mais sobre as origens da obra e sua conexão com minha trajetória. Percebi que o sonho não era apenas uma experiência onírica transnacional, mas também um convite para alinhar a pesquisa acadêmica com a curiosidade pessoal.

A formação em escola pública, iniciada na antiga quarta série, também foi um marco dessa jornada. Com as condições financeiras dos meus pais já limitadas, a transição para o ensino público se deu de forma natural, representando uma nova fase. A curiosidade pelas ciências naturais, nutrida nesse ambiente, foi o motor que me trouxe até aqui. Sempre busquei superar as limitações e descobrir novos mundos por meio do estudo, um caminho que me levou a acreditar que, mesmo partindo de uma origem humilde, a educação pode abrir portas inimagináveis.

As conexões são muitas. A narrativa do autor Róbert Hász, em seu livro repleto de mistério sobre pessoas sábias com um conhecimento muito além do *pão e circo*, provoca reflexões. Essa sociedade, adornada pela ilusão de controle e poder, contrasta fortemente com os personagens do autor, que refletem profundidade e resistência. Curiosamente, Hász também escreveu *A Fortaleza*, nome da minha cidade natal, o que estabelece outro elo simbólico entre sua obra e minha trajetória pessoal.

Já na Hungria, embora não me lembre exatamente do dia, as reflexões impulsionadas pelos escritos no diário de campo, que meu orientador tão bem me incentivou a redigir, me levaram a perceber algo importante. A história do sonho, que até agora carece de início ou fim, é, na verdade, a narrativa do momento presente. Uma história onírica para fechar ciclos e novos rumos, até encontrar outras histórias, talvez. Sinto a necessidade de escrever sobre essa jornada, quem sabe como meu primeiro livro, um registro simbólico das emoções vividas em meio a um mundo controverso e caótico.

Envolvido pelo trabalho, decidi continuar meus estudos e comecei a refletir sobre os desafios enfrentados durante a pandemia da Covid-19. Percebi a necessidade de narrar os detalhes dos pesadelos que começaram a ressurgir nesse período. Assim, dediquei o próximo escrito às experiências vividas como trabalhador em diferentes níveis de complexidade da rede de saúde, um ambiente marcado por tensão e aprendizado.

Os textos que seguiram formam um diário de campo, elaborado ao longo de sete meses em Budapeste, na Hungria. Neles, busquei registrar não apenas os desafios cotidianos, mas também as percepções que essa experiência única proporcionou, tanto no campo profissional quanto pessoal.

# Capítulo 1

## Guerra e cuidado: os tempos são outros

*As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor (...) para melhorar os olhos,*

já dizia Rubem Alves.

Este capítulo apresenta um ensaio crítico e autoetnográfico acerca de uma vivência na pandemia da Covid-19 e a dicotomia/relação trabalho assalariado e trabalho de formação acadêmica.

A narrativa surgiu no primeiro ano do doutorado em Saúde Coletiva, ao cursar a disciplina de Seminário Crítico de Pesquisa Social, com a proposta de utilizar uma das técnicas metodológicas apresentadas para a construção de uma pesquisa qualitativa. Esse espaço foi uma forma visceral de impulsionar a temática, com o objetivo de fomentar uma reflexão crítica sobre a narrativa escrita e ressignificada do não dito nessa temporalidade ocupacional. Era um texto que ressignifiquei, e agora faz sentido compartilhá-lo aqui.

Os conceitos trazidos enfatizam a sobrecarga de trabalho em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) concomitante aos estudos no período de crise sanitária que afetou intensa e diretamente o nosso

mundo contemporâneo por pelo menos três anos (2020-2022), assim como, as intempéries desse imbróglio que reverberou em adoecimentos e reflexões simbólicas que atravessam o corpo psicossomático na relação vida, trabalho e estudo.

No contexto brasileiro, início de 2020, foi detectado o primeiro caso do novo coronavírus, seguido pela transmissão comunitária do vírus. A alta transmissibilidade da doença levou a população ao isolamento social, conforme descrito por Silva *et al.* (2020, p. 21). Assim, a pandemia da Covid-19 evidenciou diversos aspectos que influenciaram a formação da percepção social sobre esse fenômeno (Oliveira *et al.*, 2023).

O termo *trabalhador-acadêmico* refere-se a um conceito estudado por pesquisadores nas áreas da Saúde e da Educação (Martins; Oliveira; Francisco, 2021). Os autores discutem que o trabalhador-universitário, ao ingressar no mundo acadêmico, considerado privilegiado (mas até que ponto?!), precisa atender às exigências de um mercado legitimado institucionalmente, utilizando-se de instrumentos de avaliação somativa para garantir a qualidade. Isso, por sua vez, resulta em um *ouroboros*, a imagem da serpente que morde a própria cauda, pois é consumido pelo próprio produtivismo.

Este capítulo tem como base a autoetnografia performática discutida por Raimondi, Moreira e Barros (2019), que aborda as chamadas ‘narrativas invisíveis’. No entanto, diferencia-se da abordagem dos autores ao adotar uma perspectiva não médica, inserida em uma

conjuntura distinta, mas também marcada por eventos singulares. Além disso, o trabalho amplia a discussão ao descrever os trilhos metodológicos tratados por Raimondi *et al.* (2020).

Tanto o estudo quanto o método foram motivados pelo texto autoetnográfico *Crise, explicações alucinatórias e perspectivas de vivência como doente grave de covid-19* (Sampaio, 2021) que nos traz uma experiência de sobrevivência referente aos cuidados recebidos em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), desenvolvida em estilo poético, destacando as marcas profundas, virais, farmacológicas e comportamentais, fatidicamente físicas e simbólicas, deixadas no corpo e na subjetividade do autor, pelo vírus SarsCov2. Em meio a isso, as inspirações para a própria resiliência e a de quem o lia, como seus orientandos distanciados de suas orientações e aulas.

Este texto justifica-se pela experiência do próprio autor no campo de estudo e prática na saúde do(a) trabalhador(a) e no contexto pandêmico. Há muito do *não dito* que é omitido nesse campo epistêmico. Como também, inspirado nos recursos da análise do discurso, a ampliação das percepções adquiridas nesse recorte de tempo com seus simbolismos e movimentos de narrativa histórica (Silva, 2008). Com 31 anos, natural de Fortaleza, formado em Fisioterapia (Prounista) e com residência em Saúde da Família e Comunidade pela Escola de Saúde Pública do Ceará, em território indígena anacetaba. Atuou entre 2020 e 2022 na Unidade

de Terapia Intensiva (UTI) de um hospital de urgência e emergência e exerceu, por seis meses, atividades de gestão em serviços da Atenção Primária à Saúde em Fortaleza. Durante esse período, enfrentou o desafio de conciliar o trabalho em meio à crise sanitária com as exigências do mestrado em Saúde Coletiva, lidando com as limitações impostas pela pandemia e as demandas do campo profissional e acadêmico.

Trabalhar e estudar durante a pandemia trouxe diversas repercussões psicossociais, com destaque para o aumento da tensão emocional, principalmente devido à necessidade de ajustes na rotina (como alterações nas escalas de plantões, prazos de entrega de atividades e a escrita da dissertação), tudo isso paralelamente à vida social e à preocupação com a saúde de familiares, amigos e pessoas sob cuidado no trabalho. A sobrecarga de trabalho durante a pandemia e o acúmulo de tarefas foram fatores determinantes para o desencadeamento de sintomas de estresse.

Além disso, a falta de interação social com colegas de trabalho e da universidade, já que a maior parte dos encontros ocorreu de forma online, gerou um sentimento de isolamento, distinto da *solitude* da rotina. Assim, a separação entre trabalho e vida pessoal tornou-se quase impossível em uma jornada imersiva de trabalho. Contudo, os efeitos sonoros da UTI foram atenuados por sons sinfônicos, funcionando como um fator de proteção e revelando o que eu consigo chamar de resiliência-musical.

Inspirado também por um outro tempo/espço, é possível agora, na pós-pandemia, escrever com mais tempo, consciência e técnica; digerir melhor, literalmente, após a vertigem do período anterior, que me fez perder vários quilos devido à dificuldade de comer normalmente; respirar, mesmo quando o ar parece faltar ou de fato falta; e pensar e repensar as imagens, reconfigurando-as com outras perspectivas ou formas possíveis de ver.

Ainda sobre a *resiliência-musical* e a representação do divino como válvula de escape nas religiosidades (imagens, preces, conselhos e dogmas), isso se justifica na letra da música *Façade of Reality*, da banda holandesa Epica, traduzida para o português como *fachada da realidade*. A canção retrata o que não é dito, criando uma associação (ou dissociação) com o contexto a ser ressignificado.

*People created religious inventions to give their lives a glimmer of hope and to ease their fear of dying. And people created religious ascensions. To subject the others and to enslave just to further enrich themselves* (Epica, 2003).

Muitos recorrem ao divino, mas o divino se revela em nós (Melo, 2019), está em nós, ou é o casual e o necessário, tudo ao mesmo tempo e seus contrários, de forma dialética.

Essas questões afetaram diretamente o sono e o equilíbrio da vida profissional e pessoal. A maneira fluida de gerenciar essas demandas geralmente é usada pelas instituições a fim de culpabilizar o trabalhador-a-

cadêmico, sendo que não é ofertado nenhum subsídio de apoio para promover bem-estar principalmente no ambiente intensivo. Isso é frequentemente chamado, no contexto social, de *trabalhador frágil*, no sentido de ser associado a uma geração que tem dificuldades em lidar com as intempéries que surgem. É aquele visto como *mais fraco* por não conseguir cobrir escalas de última hora, sendo percebido como privilegiado por também estar trilhando caminhos na vida acadêmica, entre outras formas de julgamento velado.

Essa construção social remete ao conceito de alienação, proposto originalmente por Karl Marx, e desdobrado por David Harvey ao contextualizar a situação concreta do ambiente de trabalho. Harvey observa que o trabalhador aliena suas habilidades (que variam conforme a formação), suas energias (que dependem das características pessoais) e seu tempo (que é determinado pelos vínculos contratuais) em troca dos salários necessários para a sobrevivência (que variam conforme a lógica dominante de exploração). Isso caracteriza o isolamento do trabalhador em relação ao que produz, aos demais trabalhadores e às dinâmicas essenciais de reprodução social e do cuidado (Harvey, 2016).

No pico da primeira onda pandêmica devíamos ter considerado fortemente, naquela conjuntura, pelo menos naquele segmento, a Covid-19 como uma doença ocupacional.

Além dos aspectos da *solitude*, das dores e lampejos, o grau de confiança na saúde pública manteve-se, a sensação de que eu deveria estar ali, já que tive habili-

tação e experiência para estar ali, mesmo na desvalorização em relação a salários, o aditivo de insalubridade não paga os efeitos do que não é dito, mas vivido, entre a vida e a morte.

As relações entre equipe, usuários(as) e famílias se tornaram ainda mais fragmentadas, aumentando a distância para que a multiprofissionalidade fosse exercitada com interdisciplinaridade. Atuar naquele período, naquela situação e condições, exigia capacidade de ressignificar e desenvolver resiliência, resultados praticamente impossíveis em indivíduos isolados, categorias isoladas, nichos hierárquicos mais ou menos invisíveis de saberes e práticas, e gestão espontaneísta do cuidado, na espera mágica de que tudo fosse um pesadelo e que acabaria subitamente.

Aproximando ainda mais o olhar – agora marcado por lágrimas de sangue –, percebemos que a luta pelo óbvio atravessa o fazer assistencial, tensionando a linha tênue entre a responsabilidade ética e o compromisso democrático dos novos tempos. No cotidiano das instituições que acolhem um corpo após o outro, o cuidado se apresenta, em grande parte, como um ato predominantemente técnico. Relatar essa dinâmica de forma meramente episódica levaria a uma análise superficial; no entanto, ao evidenciarmos essa realidade, conforme nos convida Kilomba (2019) em sua tese, desvelamos camadas mais profundas e estruturais que ainda persistem no campo da saúde, entre tantos outros exemplos.

Dada a complexidade específica de cada ponto da rede de cuidados, que varia conforme as tecnologias utilizadas, percebe-se que cada pequeno gesto tem grande significado: o simples cuidado, o aperto seguro de mão, o bom dia/tarde/noite, a escuta atenciosa, a congruência no olhar perdido que pede ajuda, a atenção às síndromes decorrentes das longas internações, que devem ser prevenidas, e as diversas abordagens para garantir a ‘segurança do paciente’. Este conceito, que é muito atual nos hospitais, deveria ser seguido de maneira rigorosa, assim como a saúde dos trabalhadores em períodos de crise sanitária.

O conceito de *clínica ampliada e compartilhada*, conforme Silva (2022), propõe que os profissionais de saúde, especialmente os sanitaristas, atuem além de suas especialidades, integrando suas competências no campo da saúde pública. Silva (2022) destaca que o cuidado aos(as) usuários(as) e das situações de saúde deve ir além da especialização técnica, adotando uma perspectiva interdisciplinar que considera os aspectos sociais, econômicos, culturais e psíquicos, superando ainda o enfoque biomédico.

A prevenção de danos futuros depende da sensibilidade nos cuidados, considerando as necessidades individuais de cada pessoa e sua condição. Nesse contexto, os profissionais, sobrecarregados pela pressão do tempo, pela fratura da equipe e por jornadas de trabalho excessivas, acabam se tornando insensíveis e sem supervisão adequada em nível macro. Esse proble-

ma não é exclusivo da prática do trabalho, mas resulta de uma lacuna mais ampla que reflete as iniquidades estruturais e merecem atenção para pesquisas e gestão do cuidado (Lucchesi; Macedo; Marco, 2008, p. 22).

Uma associação na sociedade do espetáculo:

*Iniciam-se os ritos de autocuidado (necessários), a preparação para o evento semanal, uma preparação única até o momento de encontro com os demais atores em cena, com diálogos escassos e a rigidez do essencial já esperado.*

*As intercorrências acontecem, e a preparação deve ser constante, antes, durante e após cada etapa do roteiro protocolar. Muitas vezes, em uma prerrogativa vital, a equipe se une, a tensão cresce, e, no final, uma vida é salva ou perdida. E assim, as cortinas sobem e descem.*

A avaliação e análise dessa discussão envolvem o processo de luto, os impactos da estafa mental e física (*Burnout*), a precarização do trabalho em saúde e as repercussões do isolamento social e fatores psicossociais que afetaram os corpos que viveram esse período. Inicialmente sem um *prazo para terminar*, o cenário era caracterizado pela incerteza, com o medo do desconhecido, sem a imunização adequada ao início da época, e o aumento de mortes amplamente divulgadas. O contexto político e social estava marcado por uma atuação do Estado sob uma perspectiva necropolítica, o que implicava em riscos psicossociais para aqueles que não contraíam a Covid-19 e, para os que a contraíam, enfrentavam o impacto de duas dimensões:

o risco de adoecimento físico e os danos psicossociais decorrentes da crise.

Este campo precisa ser repensado, buscando estratégias de cuidado com menos rigidez, condição essencial para o bem-viver. Que respeite as vidas, e que, ao mesmo tempo, preserve as nossas, para que possamos seguir, sãos e salvos, para cuidar dos que ainda necessitam de nós. Que a esperança, não mais esperada, mas vivida, nos guie na construção de um amanhã onde o cuidado seja uma música leve entre o humano e o divino, onde a saúde seja, enfim, uma prática de acolhimento, não apenas de protocolos.

Por um Sistema Único de Saúde (SUS) do tamanho da subjetividade do povo brasileiro!

# Capítulo 2

## O recomeço

*Eu hoje tive um pesadelo e levantei ATENTO, a tempo(...)!*

Poema - Cazuzu e Frejat

Minha compreensão da vida se desenrola a partir de uma herança cromossômica e espiritual. Cresci ouvindo os sonhos, anseios e virtudes, além de herdar uma teimosia, inquietação, preocupação, fúria, música, estudo, carinho e o sobrenome que mais utilizo (Gomes). Esses sonhos são geracionais e inefáveis, refletem as nuances da vida e dissabores.

Alguém uma vez parafraseou Freud dizendo que “às vezes um charuto pode ser apenas um charuto”. Essa frase ilustra a dualidade contínua entre o real e o subjetivo/simbólico, que expressa a vida (psico)social em sua ampla dimensão. A frase atribuída a Freud sublinha a importância de não interpretar tudo, reconhecendo que às vezes as coisas são exatamente como parecem. No entanto, o relato também sugere que muitos aspectos da vida são carregados de significados profundos e simbólicos, especialmente aqueles transmitidos pelas gerações que permeiam o inconsciente (Freud, 2005).

Hoje, ao refletir sobre a vida, consigo analisá-la com mais harmonia livre das confusões que um dia tempestearam aqueles momentos. É como se, finalmente, eu compreendesse o que significa estar em um ciclo de descobertas oníricas, onde o inesperado se revela como parte de um processo de descoberta interior. Olhar para o passado, com suas memórias e lições, torna-se um exercício de fortalecimento. Esse movimento, que muitas vezes nos impulsiona e, em outras, nos paralisa, continua vivo e pulsante na trajetória da vida. Ele nos lembra de que estamos sempre em movimento, mesmo nas pausas e nos momentos de reflexão.

Há memórias que são quase intangíveis, incapazes de ser plenamente descritas em palavras. Elas nos alcançam como toques profundos no coração, fragmentos de um tempo que não conseguimos traduzir por completo. A efemeridade, com sua natureza transitória, parece predominar em nosso mundo, onde os privilégios patriarcais frequentemente tentam distorcer as verdadeiras essências do ser. Em contraste, há o silêncio das heroínas, aquelas figuras que, mesmo distantes dos holofotes, são responsáveis pelo acolhimento, pelo refúgio e pelo conforto. Elas representam a força presente nos gestos de cuidado e na preservação do que é possível, enquanto não se perdem.

São tempos intensos, calorosos e visionários, onde as circunstâncias atuais nos convidam a repensar o que vivemos e a atribuir novos significados. Nesse contexto, a catarse literária surge como uma oportunidade de ressignificação, uma forma de encontrar no-

vos sentidos para as experiências que marcaram nossa jornada. Ela nos oferece uma maneira de transformar o que parece ser uma simples memória ou vivência efêmera em algo mais profundo e revelador.

*Os não lugares* das nossas vidas — aqueles espaços de transição, de liminaridade, onde não nos sentimos plenamente em casa nem totalmente fora de lugar — são espelhos dos nossos próprios estados interiores. E, ao nos permitirmos sonhar, buscamos constantemente os sonhos lúcidos, onde a mente se abre para novas possibilidades de visão, de compreensão. É nesse estado que procuramos um lugar de paz, uma fuga das tensões externas que se impõem sobre nós, seja nas relações de poder ou nas exigências do trabalho.

Os sonhos lúcidos são metáforas da nossa busca por autenticidade e tranquilidade. Eles nos alertam sobre a necessidade de encontrar um equilíbrio entre os desejos e as realidades que enfrentamos, lembrando-nos de que, embora a vida seja repleta de complexidades e desafios, sempre há a possibilidade de encontrar um espaço dentro de nós onde a paz pode habitar.

Não é sobre fugir das dificuldades, mas sobre aprender a viver com elas de maneira mais consciente. Neste espaço, podemos nos afastar da positividade tóxica que nos força a seguir um padrão de sucesso ou felicidade preestabelecido, e nos abrir para uma existência mais genuína e conectada com o que realmente importa.

Em meio ao turbilhão dessa imersão quase terapêutica, é possível cultivar um espaço de silêncio e con-

templação, onde sonhos e memórias se tornam guias para uma vida mais autêntica e repleta de significado.

O novo começo surge como uma semente que, após a tempestade, encontra terreno fértil para brotar ou uma muda de jiboia que pode vingar em qualquer lugar nas boas águas, nada de tão especial quando você quer o seu lugar. O mundo se abre novamente, como um campo vasto e desconhecido, onde a esperança se mistura com a incerteza. A travessia para outro país, distante das raízes, é como atravessar um rio que separa dois mundos: o familiar e o desconhecido, o passado e o porvir. Nesse movimento, cada passo dado é uma página em branco, pronta para ser escrita com as novas experiências que só uma jornada onírica pode proporcionar.

No entanto, essa viagem também é uma imersão profunda. Ao mudar de cenário, o corpo se adapta ao novo, enquanto a alma reflete e questiona (um *delay* consciente). Ainda assim, atravessa sem medo, rumo a um autoconhecimento que antes parecia distante.

Nessa nova jornada, os caminhos exteriores se tornam metáforas dos labirintos internos. As incertezas do futuro, que inicialmente parecem pesadas, transformam-se em companheiras silenciosas, que nos ensinam a abraçar a impermanência e a natureza da transitoriedade.

O recomeço não é apenas um deslocamento geográfico, mas uma travessia simbólica, um fenômeno de transição que ecoa tanto na paisagem externa quanto na interna. Cada novo lugar abriga um universo por descobrir, mas também reflete a metamorfose do próprio viajante. Sob a

ótica da neurociência, adaptar-se a um novo ambiente estimula a neuroplasticidade (De Paula, 2022), ampliando conexões sinápticas e refinando nossa percepção do mundo e de nós mesmos. No entanto, talvez o maior recomeço não esteja nas mudanças externas, mas na jornada intrapsíquica – aquela que, mesmo quando as estações passam, permanece em movimento dentro de nós.

*O SONHO... (1846)<sup>1</sup>*

*O sonho*

*É o dom mais belo da natureza.*

*Abre o país dos desejos*

*Para encontrarmos nele*

*Tudo o que falta à nossa vida.*

*Em sonhos*

*O pobre não passa fome nem frio.*

*Anda vestido de púrpura*

*Sobre a mole alcatifa de belas salas.*

*Em sonhos*

*O rei não julga, não castiga, não concede perdão...*

*Saboreia a calma.*

*Em sonhos o adolescente encontra a sua amada*

*Por quem sofre de um amor proibido*

*Que lhe arde no peito e o consome.*

*Eu, nos meus sonhos,*

*Rompo as cadeias dos povos escravizados!*

---

<sup>1</sup> PETŐFI, Sándor. Az Apostol / O Apóstolo. Responsável pela edição húngara: Pál Dániel Levente. Responsável pela edição brasileira e pela série Biblioteca Pannonica: Marco Aurélio Schetino de Lima. Curitiba: Editora Clássica, 2022.

# Capítulo 3

## O mar: dimensão das possibilidades

Estar perto da praia no litoral brasileiro, na região Nordeste, especialmente em Fortaleza, é uma experiência que transcende o simples contato com a natureza. É como se cada grão de areia contivesse um universo de possibilidades, e cada onda que se quebra na orla sussurra segredos antigos e futuros ainda por desvendar. A vastidão do mar abre a mente e o coração, como diz a música da banda Within Temptation '*Cause you the sea set me free*', inspirando reflexões profundas sobre a vida, os sonhos e as jornadas que estão por vir.

Caminhar pela praia ao entardecer, com a desculpa de mais à frente, depois de dois quilômetros e meio, tomar um açaí batido com fruta, um manjar dos deuses, quando o sol não tão tímido começa a colorir o horizonte fantástico do poente, é um momento de renovação. O som das ondas flui livremente forte, sem as barreiras impostas pelo cotidiano, apesar do quebra-mar. O cheiro do mar salgado e brisa fresca trazem consigo uma sensação de liberdade e de infinitude, como se o mundo fosse mais vasto e cheio de promessas do que jamais se imaginou.

O mar, com sua imensidão verde-azul, é um lembrete constante das possibilidades que a vida pode oferecer. Cada horizonte visível é apenas o começo de algo maior, e a linha onde o céu encontra o oceano é um convite para explorar o desconhecido. Estar em Fortaleza, diante dessa grandiosidade, desperta um desejo quase irresistível de aventurar-se, de buscar novos horizontes e de descobrir outros mundos. É um preâmbulo perfeito para qualquer jornada, uma preparação do espírito para a resignificação que virá ao explorar novos lugares e culturas.

Assim, cada passo dado na areia é uma promessa de avanço, e cada mergulho nas águas mornas do Atlântico, quase na linha do Equador, é um batismo simbólico de coragem, determinação e inquietude. A praia não é apenas um destino, mas um ponto de partida, um lugar onde as possibilidades se tornam tangíveis e os sonhos ganham forma. É o início de uma viagem interior e exterior, onde cada onda traz uma nova perspectiva e cada maré uma nova oportunidade de crescimento e descoberta.

Ainda imerso nos excessos burocráticos e tentando preservar a privacidade não respeitada, continuo em Fortaleza, à deriva, observando e nadando nesse mar. Com controvérsias poluídas e descontextualizadas da vida cotidiana, é tempo de zarpar, ainda que para um destino desconhecido. Mesmo que o coração possa apertar, essa explosão dopaminérgica é necessária, uma nova luta.

O mar, com essa vastidão, ao ser contemplado e sentido, ou melhor, ao nos permitirmos senti-lo, reverbera no estado mental fixado no desejo mais profundo: a tão almejada paz e a virtude de saber que somos apenas *pó* e ao *pó* retornaremos (em latim: *memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*).

Alguns sutis exemplos de como o mar nos chama: quando uma amiga diz “vou te levar ao mar”, “vamos dar um mergulho”, “vou subir no andar tal para ver o mar”, “voltei pela praia”, “vim pela praia”, ou nos olhares de mar revoltado, inquieto ou de desejo. É simples e complexo. Parece piegas, mas lembra o verbo amar batendo e rebentando como as ondas ou pairando como um mar calmo, mas que nunca é calmo.

Além dessas metáforas, a relação entre os efeitos da água do mar e o corpo humano vai além do campo contemplativo e é respaldada por diversos estudos científicos (Gomes, 2022). A água do mar, rica em minerais, pode influenciar positivamente o organismo, estimulando a produção de endorfinas e promovendo uma sensação de bem-estar e relaxamento.

Nesse contexto, surge a talassoterapia, uma prática terapêutica que utiliza a água do mar e o ambiente marítimo para tratar uma série de condições físicas e psicológicas. A ideia central da talassoterapia é que os componentes naturais do mar podem restaurar o equilíbrio do corpo e da mente, além de promover a conexão com a natureza e contribuir para o alívio do *stress* (Gomes, 2022).

Assim como a água do mar tem o poder de restaurar e equilibrar o corpo e a mente, a consciência sobre nossos próprios atos e sentimentos também pode trazer equilíbrio às nossas relações e à nossa própria vida. As pessoas não se *enferrujam* simplesmente por falta de algo externo, mas, muitas vezes, pela falta de atenção aos detalhes internos que moldam nossa percepção do mundo e nossas atitudes. A inveja, por exemplo, surge da incapacidade de lidar com as próprias carências ou limitações, refletindo uma maldade sutil que exige nossa atenção. Assim como a talassoterapia utiliza o poder restaurador da natureza, um toque de consciência pode atuar como novos *insights* para os nossos comportamentos, trazendo mais harmonia e menos dificuldade para todos ao nosso redor.

Se a ingratidão se manifestar através de atitudes intolerantes ou ações de má índole, aprenda com isso e dê um passo atrás. Não vale a pena seguir por esse caminho, e você não precisa perder sua energia. Existem pessoas *sanguessugas* — aquelas que projetam suas frustrações sobre os outros — com as quais não vale a pena se envolver.

Em meio às dificuldades, a vida pede mais harmonia. Eu, pessoalmente, encontro essa harmonia na *resiliência musical*, como quando estava aprendendo a tocar violino e extrair sons dos meus próprios anseios. Cada nota reflete o tom do aprendizado e da disciplina, enquanto o suor se mistura com lampejos de superação.

Gosto da parte mais essencial do violino, sua *alma*, que, curiosamente, significa *maçã* em húngaro. Posso falar do sabor que reside na alma das coisas, do simbólico e do real, por meio de devaneios sinfônicos. A metafísica dos tempos febris, quase confundida com a complexa filosofia de Kant em *Metafísica dos Costumes* (Kant, 2003), é uma questão de espaço e tempo. Sutilezas da vida contidas em *caixinhas* acústicas de experiências individuais, com seus limites. Disse o compositor e palhaço: “O poeta riu de todos. E por alguns minutos foi feliz”.

Sentado, escuto um senhor idoso, com o cigarro difícil de acender e os pés firmemente fincados no chão, lutando contra o forte vento. De maneira contemplativa, ele diz: “O mar é muito maior que a parte da terra”.

A frase do senhor, “o mar é muito maior que a parte da terra”, trouxe uma reflexão sobre a relação entre o conhecido e o desconhecido, entre o que dominamos e o que é vasto e misterioso. Enquanto a terra é o território que pisamos e controlamos, o mar representa a imensidão e o desconhecido, um espaço que, por mais que tentemos compreender, sempre escapa aos nossos limites. Esse contraste remete ao processo de aprendizagem, onde o conhecimento que temos é apenas uma fração do vasto campo de possibilidades que ainda temos. É um convite à humildade, ao reconhecimento de que sempre há mais a aprender, mais a descobrir.

Algo similar ocorre quando você sobrevoa Lisboa, com suas nuvens próximas ao mar, onde céu e mar

se confundem em um ponto pleno de harmonia. As turbulências assim como as relações existem, mas dizem que não derrubam, continua o voo ao destino. A futura nova versão mantém a poeticidade dos momentos, destacando o contraste e a conexão entre o céu e o mar. Além disso, torna a imagética mais vívida e integrada às realidades.

*Cross the oceans in my mind  
Find the strength to say goodbye.*

Oceans - Evanescence.

# Capítulo 4

## **Os sonhos vividos na Hungria: um diário de campo**

Uma vez, o meu orientador no mestrado, agora no doutorado, disse que, ao morar em outro lugar, o sentimento de respeito, cidadania e diplomacia se incorpora à sua vida e continua presente para sempre aquela sensação de apreço pela possibilidade de novos lares.

Para essa experiência do doutorado sanduíche, a pergunta que mais escuto é: “Mas por que você escolheu esse país?” Não sei se é apenas por curiosidade ou apenas testar a leitura crítica sobre o mundo (não alienado).

Quero compartilhar com vocês a sensação de morar em um país com uma história incrível de resiliência. Mesmo enfrentando dissabores políticos, como qualquer região controversa, os povos húngaros tiveram que se reinventar após várias guerras, adquirindo força para continuar e se reerguer (uma história de superação). Essa experiência ressoa profundamente com minha vivência, o que explica o grande apreço por este lugar e pelas pessoas que encontrei a partir disso.

Recentemente, nas Olimpíadas de 2024, em Paris, a Hungria conquistou medalhas de ouro na natação

e na esgrima. O país, com nove milhões de habitantes – quase a população do meu estado, Ceará, no Brasil – está entre os que mais receberam prêmios Nobel no mundo. Alguns dos laureados vieram da universidade onde eu escolhi fazer o doutorado sanduíche. Isso é contra hegemônico, veja o *ranking* dos outros países que sempre estão na posição de privilégio, quem ainda prevalece no *topo* e o que é ser esse topo?!

Viajar para o exterior e se conectar profundamente com um novo país é uma experiência que transforma. Adotar a cultura, aprender a língua e apreciar as nuances do cotidiano local não é um abandono de raízes, mas uma expansão delas. É um reconhecimento das novas oportunidades e aprendizagens que essa imersão proporciona, um sentimento de pertencimento que vai além das fronteiras geográficas.

A convivência com diferentes tradições e perspectivas promove um amadurecimento único, ampliando a compreensão do mundo e de si mesmo. Envolver-se com o novo país é celebrar a riqueza da diversidade, valorizar o que ele oferece e integrar essas experiências na própria identidade. Não se trata de *virar casaca* ou de qualquer sentimento de inferioridade em relação ao país de origem, mas sim de abraçar o crescimento que vem com a adaptação e a convivência em um ambiente diferente. Essa vivência no exterior enriquece o olhar, fortalece a resiliência e cultiva uma apreciação mais profunda tanto pelo novo lar quanto pelas próprias origens.

A quem possa interessar, minha cidade natal, Fortaleza, possui uma história fascinante, marcada pela presença de umas poucas famílias de imigrantes húngaros e por seus prédios repletos de memórias. Como costumamos dizer lá no Ceará, é uma *terra boa*, cheia de riquezas culturais e histórias que nos conectam a diferentes partes do mundo. Tive a oportunidade de conhecer mais sobre essa herança durante as orientações do meu doutorado na Uece. Meu orientador, além de compartilhar valiosas orientações científicas, encantava com narrativas das suas vivências, incluindo histórias memoráveis de suas andanças, especialmente no período em que atuou como reitor.

## Pré-viagem

*A história sozinha cria estereótipos, e o problema com estereótipos é que não é que eles não são verdadeiros, mas que eles são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história.*

Chimamanda Ngozi Adichie (2019)

De todos os sonhos mais recentes, o mais significativo foi o ‘sonho lúcido’, apesar de todo clichê da lucidez, que pode ser superior a qualquer maldade e iniquidade.

Almejar os sonhos (desses conscientes) nem sempre será o suficiente, sonhar por sonhar também é bom, as expectativas vão se atualizando a partir dos encontros e seus significados (embates ou amizades). Ao cursar o mestrado em Saúde Coletiva, visando ir a campo e entrevistar pessoas, comecei a estudar sobre

Análise do Discurso na perspectiva dialética do materialismo histórico (Pêcheux, 1997), para entender melhor o que dizem os discursos, empíricos ou oníricos. E estou agora construindo e analisando meu próprio discurso, numa hermenêutica autorreferente.

### **O dia 26 de maio de 2024: a viagem dos sonhos**

O caos se diluindo... a primeira impressão do continente europeu deu margem a uma narrativa histórica construída sob o olhar brasileiro colonizado. É uma contradição de vários mundos, cada personalidade, estética e presença.

Sobrevoando os alpes suíços e austríacos, lembro do calor de casa... do amor materno, do *nervoso de família*, tamanho cuidado de longos e cansativos dias à espera do “não sei o que vou encontrar” ... “*like a Cloud Nine*”, em tempos de tornar-se *Cumulus Nimbus*, porque a vida quer da gente é coragem.

“*Are you happy?*”, perguntou uma senhora alemã, em um voo turbulento tarde da noite de um final de semana na última parada, de Viena para Budapeste. Ela me olhou intrigada com a história (escutou com atenção, com o corpo e com a mente) daquele rapaz brasileiro que estava cansado, quase o tempo todo sem dormir nesta longa viagem (quase 20h, passando no percurso por três aeroportos). Foi quase um tipo de cuidado essa pergunta, mas respondi que, agora pousando, estou mais aliviado (não foi bem uma resposta, mas retratou a sensação do momento). Foi a minha primeira conversa

formal em inglês em outro país, e ela, de forma cuidadosa, demonstrou acolhimento em pequenos gestos. Contou sobre sua filha, que também era professora de inglês e havia estudado fora. Já era tarde quando chegamos a Budapeste, mas, com um sorriso no rosto, ela apontou para a janela à sua esquerda e disse: “Olha, as luzes de Budapeste à noite, você pode ver.” Por alguns minutos, fiquei completamente encantado. Foi um momento muito afetuoso, e aquela visão iluminada revelou a beleza impressionante da cidade. Que lugar deslumbrante!

Aprendi que a *felicidade* por estar feliz com algo se refere à conclusão dos momentos que foram tão ansiosamente calculados, não falo desse lugar de uma ansiedade produzida pelo mercado de trabalho, mas algo que é intrínseco ao *distress* e *eutress* (Selye, 1956) que ocorrem no mundo da vida, do trabalho e do estudo, é uma tripartição que merece atenção técnica, mas também muito pessoal, e carece de redes de apoio. No mais, quanto às nossas escolhas... que o mundo as receba bem!

### **Os primeiros dias da viagem: *homesick***

#### **Quase uma semana de adaptação... memórias do 5º dia**

Algumas angústias guardadas imergiram pelos dias frios da primavera às margens do Rio Danúbio, os pássaros migrando à brisa da primavera e o rio de correnteza forte que carrega uma secular história de invasões e guerras, em novos barcos contra a correnteza que mantém novas vidas despertas daquela beleza... o choro tardio, o frio que pertence à alma.

Como o sabor de uma maçã nesta primavera do Leste Europeu – e lembrar, que curiosamente, a palavra alma, em húngaro, significa maçã. Memórias se misturam em um turbilhão de sensações, trazendo à tona o doce e doloroso sentimento de *homesickness*. Escrevo com lágrimas nos olhos e um sorriso discreto nos lábios, porque é profundamente reconfortante ter raízes firmes e uma vida que pulsa vibrante.

Com os olhos já cansados, termino de escrever neste final de semana de noite chuvosa, a primavera indo embora junto com os sonhos lúcidos que escapam, aos badalos da Capela de São Rokus e as sirenes que alertam uma falsa segurança, em Budapeste, a cada hora, mas nesse anseio parecia mais uma noite típica dos contos de Edgar Allan Poe.

Segunda semana... “mais foco, menos ansiedade”, diz um influenciador nas redes sociais. Aqui, vale lembrar *O Perigo de Uma História Única* (2019), que, nos dias de hoje, pode se refletir nas redes sociais impondo narrativas e, muitas vezes, fomentando o *bullying*. Você tenta manter a atenção e o foco, mas os *dementadores* da bolha real estão sempre à espreita. Mesmo à distância, observam, *stalkeiam* e operam nas lacunas visuais e nos algoritmos do mundo contemporâneo.

Noites em pesadelos que não cessam, peço maturidade nos processos e proteção divina. Só eu e, o mais íntimo dos sentimentos, sei da importância de ter ido para tão longe viver algo que talvez sejam sonhos adolescentes, imaturos, mas cheios de vida e vontade de mudan-

ças, os traumas não são os mesmos, acolho eles. A vida ensina a cada passo dado contra o frio da estagnação.

Há 15 dias, agora após o solstício de verão, dia 20 de junho, sob altos e baixos, como as ondas do rio Danúbio quando cheguei e agora, numa cheia que banha as novidades ou as carrega para longe, uma maré alta de anseios até a seca natural do sol na Europa Central. Aqui parece tudo peculiar, como bem nos lembra a história.

Pulei a parte inicial do livro *Danúbio*, de Carlos Magris, e fui direto ao trecho em que ele fala sobre a Hungria — a curiosidade foi maior. Assim, à beira do Vajdahunyadvár, no Városliget, me deixei levar pela leitura. O Parque da Cidade vai se tornando meu lugar favorito daqui, não à toa, tem uma casa de música húngara no meio do Parque (*Magyar Zene Háza*), um lugar de arquitetura muito interessante. Começo a ler e me mover na história, aspirando novas sensações daquele lugar, em pleno solstício de verão europeu, o sol não arde como em Fortaleza, é ameno, a incidência de raios UV é muito baixa aqui.

Chegou o dia 26 de junho. Lembro da foto tirada no aeroporto de Fortaleza com minha mãe, irmã e prima. De fato, as mulheres são mais fortes que nós e têm a sensibilidade de reconhecer o sofrimento no olhar.

Agora, após um mês na Hungria, comparo minha experiência ao filme *Divertida Mente 2*: antigas e novas emoções emergem simultaneamente, algumas amadurecidas, outras ainda não. Tudo acontece de uma só vez, em um curto espaço de tempo, tornando a interpretação dessa nova realidade no exterior ainda mais desafiadora.

Conheci alguns brasileiros que também viajam por aqui em suas próprias histórias, com muito mais apego ao local que eu, de fato, me faço descobrir, porém, atento às outras histórias de vidas e propósitos, aprendo com cada um.

Considerando doutorado sanduíche no exterior um trabalho de pesquisador internacional, o peso do mundo não nos cabe, mas é crucial discernir tanto os caminhos que escolhemos navegar quanto aqueles que já percorremos para podermos avançar de maneira consciente e resiliente. O mais importante é entender o que nos permitiu sobreviver e prosperar em meio às adversidades.

No campo de trabalho, muitas vezes encontramos dissabores, uma realidade que exige atenção redobrada. Contudo, é igualmente essencial reconhecer e valorizar aqueles que realmente cuidam de nós, pois, com um olhar atento, é possível distinguir a genuinidade do interesse dissimulado. Saber identificar esses elementos não apenas nos protege, mas também nos fortalece, permitindo a construção de um ambiente mais seguro e positivo, tanto profissionalmente quanto pessoalmente.

### **O período de adaptação: dos sonhos à realidade**

Escrevo este texto com as nuances do neoclássico e a leveza da história que carrego, embalado pelas melodias do Metal Sinfônico, cuja sonoridade evoca a atmosfera medieval — algo que ressoa com este novo e distinto lugar onde me encontro. A cidade vai além da

modernização necessária para seu funcionamento pleno; um exemplo disso é a mobilidade urbana, um grande diferencial que contribui para seu charme e fluidez. Isso se torna ainda mais evidente na alta temporada, quando pessoas de todo o mundo circulam incessantemente, arrastando malas por suas ruas movimentadas. Bem-vindo ao caos do lado Peste.

No entanto, o verdadeiro encanto está em percorrer suas vias arquitetônicas, onde cada brisa — seja quente ou fria, nos dias incertos — traduz com veemência o virtuosismo do neoclassicismo, de forma contemplativa e genuína.

Sinto que tenho vivido de forma mais sensível e emocional, explorando camadas de significado que antes passavam despercebidas. Apesar de sempre ter tido uma abordagem mais racional, essa experiência tem me levado a perceber nuances mais sutis nas relações e nas mudanças ao meu redor. Essa interpretação surgiu em conversas com colegas da Psicologia (risos), com quem convivi mais do que com os da Fisioterapia, que costumavam ter uma visão mais pragmática (risos).

A socialização e os ruídos na comunicação se tornaram aspectos que certamente refletirei com mais profundidade depois desta vivência, especialmente ao me readaptar à minha cidade natal. No entanto, sei que novos caminhos, lugares e encontros continuarão a me levar a experiências transformadoras, assim como aconteceu aqui.

A tontura social causada pelos encontros e mudanças nem sempre é fácil de assimilar. Afinal, são 32 anos vivenciando uma realidade já consolidada em um lugar do mundo, com inúmeros significados e narrativas a considerar. Recentemente, li algo que dizia: “confie nas distâncias que a vida te oferece”. É um calor específico em um lugar frio, mesmo no verão, em meio ao aquecimento global.

Carregamos o peso da própria historicidade sem recorrer a comparações constantes, compreendendo que, apesar das diferenças, é essencial reconhecer-se nessas análises, ainda que, muitas vezes, elas não ajudem a desbloquear medos e receios — talvez enraizados de traumas. A confiança nem sempre se estabelece com facilidade, mas é uma jornada contínua de auto-descoberta e adaptação.

Veio à tona uma discussão recorrente entre os imigrantes recém-chegados e os nativos de países estrangeiros. A controvérsia gira em torno da presença de imigrantes e da forma como eles são percebidos. No meu caso, vim com um objetivo claro e sempre me expressei com franqueza sobre o motivo de estar aqui. Talvez essa clareza tenha me protegido de muitos comentários racistas que permeiam a cidade, comentários que, de certa forma, encontram legitimidade na própria história social do país.

Já não mais iludido pelo romantismo de viver o *so-nho estrangeiro*, comecei a ressignificar essa experiência ao longo do tempo. Para quem vê de longe, parece breve,

mas é um tempo que vai além da cronologia. Ciente do contexto em que me encontro, mas sem jamais perder a essência de ser um brasileiro que valoriza suas raízes. Se minha pele e cor dos olhos são de alguma origem europeia, o desenho do rosto e dos zigomas indicam a ancestralidade indígena, e é esta mistura que faz o brasileiro.

Em encontros mais informais, ouvi comentários como: “Seu inglês não é bom” ou “Desculpe, mas seu sotaque não é britânico.” Essas observações frequentemente me levam a questionar: o que mais preciso fazer para me adaptar? Gastei quase 700 reais da minha bolsa para pagar aulas de inglês aqui no exterior, mas percebi que não era esse o problema. Eu tinha um bom vocabulário e uma boa pronúncia; parecia mais um bloqueio mental com tudo isso acontecendo ao mesmo tempo.

Uma experiência curiosa e sempre inesperada é a adaptação à comida e às bebidas húngaras. Não há como voltar, então resta apenas encarar a realidade e, quem sabe, contestar de vez em quando. Ainda assim, faço questão de lembrar, com certo orgulho, que nós, brasileiros, temos a melhor culinária do mundo. Embora eu goste da sopa típica que servem aqui — rica em páprica e carne —, ela ainda me remete, de certa forma, à comida brasileira.

Por muito tempo, carreguei a sensação de estar tentando me encaixar sem nunca sentir que realmente pertencia àquele lugar. Era uma dicotomia estranha: eu fazia parte, mas não tanto quanto imaginava. Esse conflito revelou as raízes dos bloqueios psicológicos que

enfrentei, especialmente na comunicação e na interação social.

No entanto, ao contrário do Brasil, a cerveja húngara me surpreendeu — é bem melhor. Em um fim de semana aleatório, depois de duas delas, finalmente consegui, durante uma interação casual, desabafar e expressar tudo isso com mais leveza (risos). Isso me fez lembrar de algo que ouvi antes de vir para cá: “Você vai acabar vivendo na boemia, já estou até vendo.” Mas, na realidade, foram apenas alguns dias e poucas experiências nesse estilo. Afinal, o que pode ser mais boêmio do que o Brasil, com seus autênticos frequentadores de bares e barracas de praia?

É possível separar a obra do autor, afinal, cada experiência é única e carrega sua própria perspectiva. O que compartilho aqui são as sensações fluidas e porosas desses encontros e desencontros que marcaram essa jornada. Não há nada definitivo, apenas momentos que deixaram marcas profundas e significativas, refletindo a complexidade das interações e dos desafios que enfrentei ao longo do caminho (sentir junto).

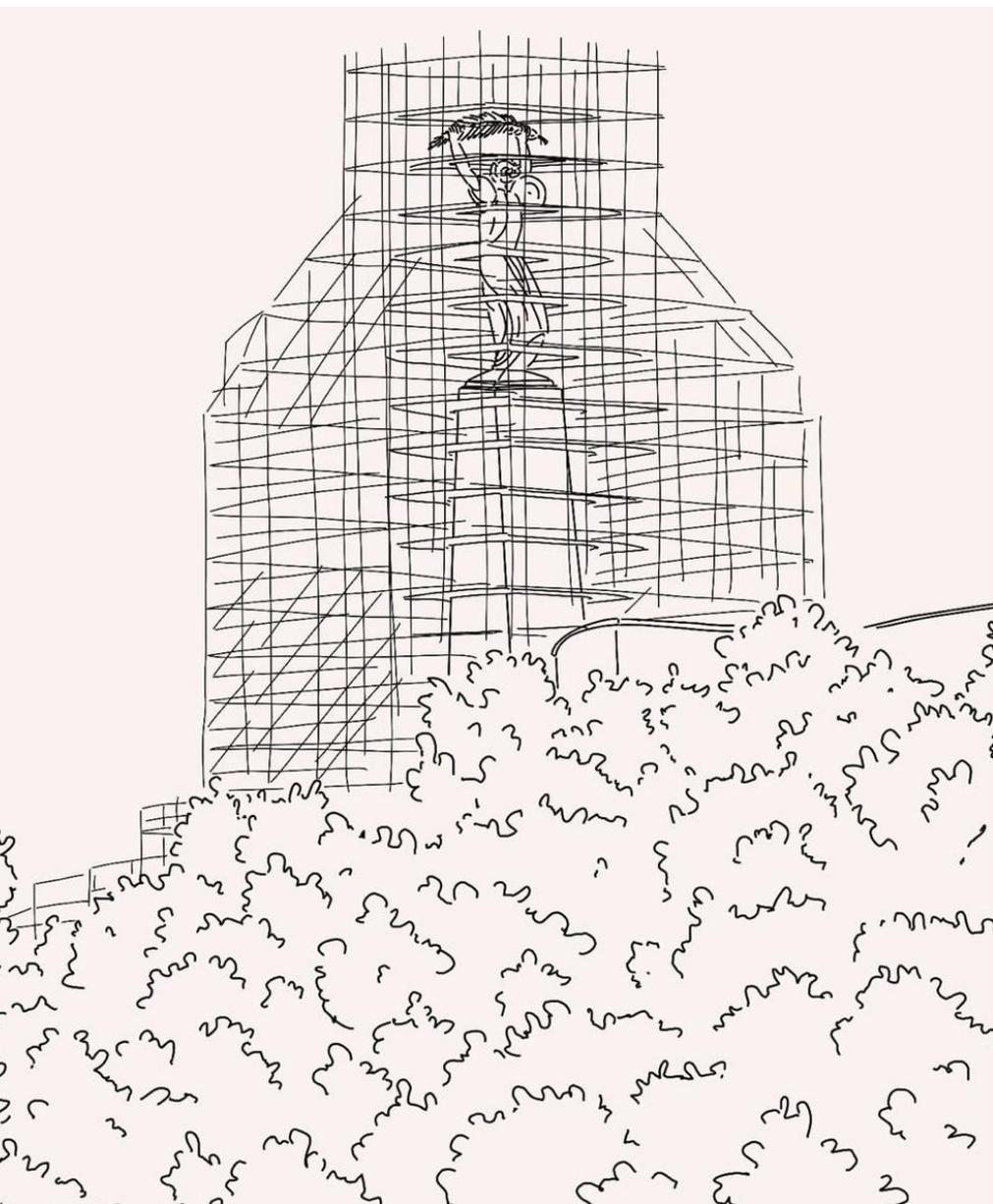


Imagem 1: *The Statue of Liberty. Just in cage...* - Roland Szakaly.

## Dois meses de experiência... metade do verão europeu

Estou me adaptando aos dois meses de vivência em território magyar. Já consigo compreender a forma como dialogam, mesmo não acompanhando todo o discurso, porém, entendo pausas, cumprimentos e palavras comuns de chegada e partida.

Ainda é verão, mas sem as intensas ondas de calor de julho. Agora, em agosto de 2024, as temperaturas no início do dia e no final da noite já ficam abaixo de 20 graus. Mal podia esperar por isso; o cearense veio para sentir frio. Minha amiga Alana, que viajou comigo para Curitiba, comentou carinhosamente que estou adaptado. Ela me viu sair de casa com apenas uma blusa e um corta-vento, enquanto ela usava duas blusas por baixo e um corta-vento.

Lembro-me de quando, tempos antes, fui acolhido por outra família para construir uma base sólida de afetos durante os estudos quando foi necessário. Dona Lúcia, uma mulher forte e fiel, sempre esteve ao lado de sua filha, Alana, cuja amizade me acompanhou desde a graduação. Uma querida amiga até hoje. Precisava lembrar disso – foram luz nesse caminho. E esse exemplo de lar com ou sem portas.

Sigo em busca de cafés aconchegantes, mesmo com a sociabilidade um pouco abalada. Há muitos pela cidade, alguns bem sofisticados, mas ainda prefiro os mais acolhedores, silenciosos e com meia-luz. Às vezes, percebo os trabalhadores dos cafés um pouco *aperreados*, mas os turistas em massa geralmente não notam isso.

As universidades aqui seguem rigorosamente o período de férias, e eu admiro isso. No Brasil, ainda confundimos muito as coisas, especialmente se você é um *workaholic* a serviço das empresas ou custeado pelo Estado produtivo.

Paguei algo como 400 florins (seis reais, na cotação direta do dia) por um ano como estudante na Biblioteca Metropolitana Szabó Ervin, no centro de Budapeste que, originalmente foi um palácio, uma impressionante mansão construída entre 1887 e 1889 para a família Wenckheim. Frequento há algum tempo e já coleciono boas recordações. Assim como em todo lugar, há horários limitados, um equilíbrio entre tempo pago e descanso. A ELTE anunciou em seu *site* que está fechada durante o período de férias, então meu refúgio clássico tem sido o silêncio dos andares não turísticos da Szabó Ervin, onde consigo também carregar meu *notebook* e celular para o dia cheio.

Fico intrigado com o fato de não limitarem a idade de estudante aqui a apenas 18 anos para pagar meia, como já vi em outros lugares. Em muitos estabelecimentos, a faixa etária para estudantes é geralmente limitada a 25 ou 27 anos, como se essa fosse a idade de aprendizado ou, talvez, uma questão de lucro. Um colega brasileiro, também estudante de PhD, já se irritou com isso por lá. Também penso que os longos anos dele passados aqui podem ter contribuído para isso, o que talvez seja uma boa explicação.

Chegar à biblioteca é uma boa aventura. Pego o *tram* número 6 entre a Deák tér (*tér* é praça, em húngaro, *praça verde da roda gigante*, como chamo mentalmente para me localizar) e a Oktogon (*rotatória do metrô*, depois da Ópera).

Meu trajeto começa no endereço provisório onde morei por dois meses, na Vasvári utca 9 (*utca* é rua, em húngaro), no Distrito 6, dividindo a casa com uma turca linda de 27 anos. Aproveitamos o tempo juntos na cozinha ou na parte externa da casa para conversar em inglês, o que melhorou bastante minha comunicação. Nunca imaginei que uma cultura tão diferente fosse tão receptiva e educada; realmente, tive sorte. Inclusive, quando avisei que não fumava, ela passou a não fumar com a porta do quarto aberta para não me incomodar. Até o cheiro de tabaco da cidade me adaptei melhor por conta disso.

Tive que fazer um esboço do trajeto que costumava seguir para ir à biblioteca nas férias de verão, às segundas e terças, já que nos outros dias ela estava fechada.

- Ponto de partida: A Vasvári utca é uma rua central em Budapeste, conhecida por sua proximidade com a Ópera de Budapeste, um privilégio para quem mora nas redondezas;
- Caminhada até a parada de *tram* (nome de transporte que eu ainda estranho, poderia ser chamado de trem ou *train*, de toda forma): Da Vasvári utca 9 e caminhando em direção à Nagymező utca, que é uma das ruas principais próximas.

Pegando o *Tram 6*, ainda um pouco confuso com os lados, ainda bem que o *Maps* mostra a direção e encontrei pessoas que me ajudaram falando inglês qual a direção certa, desconstruindo o estereótipo que paira a cidade:

- Embarque no *Tram 6*: peguei o *tram 6* na direção de Móricz Zsigmond körtér. O *tram 6* é uma linha circular que percorre um trajeto importante através da cidade, passando por várias paradas centrais.
- Viagem de *tram*: permaneci no *tram 6* por algumas paradas. A viagem em si é uma ótima oportunidade para observar a cidade, pois o *tram 6* passa por algumas das áreas mais movimentadas e interessantes de Budapeste.
- Desembarque: desci do *tram* na estação Harminckettesek tér. Essa é a parada onde você deve descer para seguir em direção à Biblioteca Szabó Ervin.

Caminhada até a Biblioteca Szabó Ervin (passando pela Universidade de Semmelweis) que tirei fotos e apresentei ao grupo de pesquisa e estudiosos na área lá no meu orgulhoso Ceará:

- Caminhada até a biblioteca: da estação Harminckettesek tér, você precisa caminhar até à Biblioteca Szabó Ervin. A distância é relativamente curta e a caminhada levou cerca de 10 minutos (uma vez que eu sempre ando rápido, isso é até engraçado porque alguns amigos me reconhecem assim de longe).

- Destino final: Você chegará na Biblioteca Szabó Ervin, um dos principais centros de leitura e estudo em Budapeste. A biblioteca é famosa por sua vasta coleção de livros e seu belo prédio histórico.

Recentemente, fiz uma pesquisa na Biblioteca sobre um livro de poemas, autoria de meu orientador, traduzido para o húngaro e o encontrei. O livro é intitulado *Cartografia do Sonho (Az álom kartográfija)* e foi produzido por meio de um intercâmbio cultural significativo entre a Universidade Estadual do Ceará (Uece) e a Eötvös Loránd Tudományegyetem (ELTE). Quando reitor da Uece, o professor Dr. Jackson Sampaio promoveu a reabertura do Núcleo de Língua e Cultura Húngaras da universidade, tendo estimulado a criação da I Semana de Cultura Húngara no Ceará (Uece, 2016). Esse evento marcou um momento importante de aproximação entre as duas culturas por meio da literatura e da ciência. É também um antecessor importante da minha oportunidade de estar aqui.

Szabó Ervin, que dá nome à famosa biblioteca localizada em um antigo palácio em Budapeste, foi um influente cientista social húngaro. A Biblioteca Szabó Ervin possui um andar inteiro dedicado a estudos sociais, oferecendo um vasto acervo para pesquisadores e leitores interessados em áreas como Sociologia, Filosofia e História. Ervin foi conhecido por suas contribuições ao pensamento socialista e por sua visão progressista sobre a sociedade húngara do início do século XX. O edifício, além de ser uma joia arquitetônica, é um centro cultural e acadêmico essencial para Budapeste.

Essa semana, ao retomar a escrita sobre bibliotecas, lembrei de uma frase de Carl Sagan, que dizia que, ao ler um livro, ouvimos a voz do autor atravessando o espaço-tempo, como se ele estivesse nos falando diretamente. Essa ideia me fez recordar uma reflexão do meu orientador, que costumava dizer que os livros abordam questões que os artigos técnicos ainda não conseguiram explorar plenamente, especialmente nos campos epistemológicos. Ou seja, aqui por onde passei na Europa Central, vivi histórias que também não eram minhas, mas que pude chegar um pouco mais perto.

### **Três meses em Budapeste**

O tempo que passo aqui, em Budapeste, tem um impacto profundo em mim, embora de uma forma estranhamente melancólica. Meu orientador de doutorado no Brasil uma vez comentou que tenho talento para os detalhes, e isso é verdade; ele foi perspicaz em sua observação, guiado por sua vasta experiência de cientista. Observo os jovens brasileiros da minha idade que também estão aqui e percebo que parecem presos em uma luta constante com a sensação de estar em uma cidade de cultura diferente, ou talvez em uma roda-gigante interminável, como aquela iluminada na Deák, no centro da cidade.

Tenho considerado me mudar para um lugar mais afastado, talvez em Buda, na busca por uma sensação de tranquilidade em meio ao ritmo agitado da metrópole. Ouvi dizer que o ambiente lá é diferente, não no sentido de distinção de classes, mas na esperança de

encontrar uma paz que, quem sabe, comece a se estabelecer dentro de mim.

Os pesadelos voltaram em momentos de estresse, e ontem à noite, não foi diferente. A busca por um lugar para morar tem sido uma das fontes de maior ansiedade para mim recentemente. Eu sabia que a situação imobiliária na Europa, de modo geral, estava complicada, com valores elevados e uma oferta cada vez mais restrita (principalmente no verão). No entanto, não imaginei que encontrar um lugar tranquilo para viver em Budapeste seria tão desafiador, especialmente sendo um estudante com uma bolsa de estudos (limitada) e sem conhecer a cidade.

O processo de busca tem se mostrado frustrante e desgastante. A cada dia que passa sinto o peso das dificuldades se acumulando. A combinação de preços exorbitantes, falta de disponibilidade e a pressão de encontrar um lar que se adeque à logística de estudos tem gerado uma sensação constante de incerteza. Em meio a isso, a cidade que antes me parecia vibrante e acolhedora, agora se mostra sob um ângulo diferente – onde as realidades econômicas e sociais me afetam diretamente. É uma luta constante entre o desejo de estabilidade e as novas barreiras que parecem intransponíveis.

Ah, os domingos... sempre um bom espaço para palavras guardadas ou silêncios. Para os melancólicos/bucólicos/ansioSOS todo lugar é absorvedor, como uma esponja. Vez ou outra tenho um pensamento sobre algo sentimentalmente ruminado (*overthinking*),

porém, esqueço de anotar (escritor iniciante/amador). Mas estava aqui refletindo a ordem das culturas e o que ouvi quando ainda estava no Brasil sobre não ter muito contato com brasileiro, para imergir na nova cultura, cheguei aqui com essa ideia, mas logo a desfiz porque o português é minha língua materna, preciso dela no mínimo de conforto, sutilmente percebido na tranquilidade, beleza e esperteza que tem nossa história contada e reinventada em outros lugares e pessoas.

Encontro as músicas certas para os momentos certos. Quando The Doors diziam que *people are strangers*, me lembro de um colega, que foi meu *roommate* no Brasil, que me chamava de *stranger*, amigavelmente ou não. Ele dizia que o personagem Dr. Strange, da Marvel (ou talvez da DC, não me recordo agora), se parecia comigo, agora que perdi os traços do rosto adolescente. Viva a genética da família, que parece sempre jovem e com sangue nos olhos. Mais espaço físico e mais ideias, mais espaço e introspecção.

Considerar o doutorado sanduíche no exterior como o trabalho de um pesquisador internacional vai muito além da simples experiência de mobilidade estudantil. Embora o peso do mundo não recaia sobre nós, é crucial discernir tanto os caminhos que escolhemos seguir quanto os que já percorremos, para avançarmos de maneira consciente, principalmente, nesse início da formação de pesquisador.

Ratifico que o mais importante é compreender o que nos permitiu sobreviver e prosperar diante das adversidades. Somos frequentemente confrontados com de-

safios que exigem não apenas habilidades técnicas, mas também inteligência emocional. Essa realidade demanda muita energia, pois cada obstáculo superado nos exige adaptação, foco e uma capacidade constante de lidar com tudo ao mesmo tempo nesse período no exterior. Reconhecer essas forças internas nos permite não só enfrentar as dificuldades, mas também crescer a partir disso.

### **Mais adaptado a Budapeste**

Nessa jornada, que já não é mais tão solitária, percebo que em cada novo lugar e experiência, alguém sempre é lembrado — amigos, familiares ou até mesmo aqueles que me ajudaram à distância. É algo belo, essa conexão silenciosa que surge em meio às mudanças. Observar as estações do ano mudarem tão lentamente, e ao mesmo tempo perceber como o tempo parece escapar rápido demais, traz uma sensação agri-doce. Como as oscilações incertas em tempos de crise climática, há uma dualidade constante entre a lentidão do ciclo natural e a urgência da vida que passa.

Em tempos de produção em massa, o campo político, ideológico e econômico permeia a Ciência. Ainda bem que ela resiste. Mas, afinal, o que dizem nossas pesquisas? Mais importante, quais lacunas elas ainda apresentam e que precisam ser enfrentadas? Nessa engrenagem de produção em massa, surge ainda a pergunta: a ética está sendo preservada no campo acadêmico? E quem, dentro desse cenário, é responsável por fazer a ética acontecer?

Uma resposta possível é participar ativamente dos debates (dialéticos) e das transformações necessárias em cada campo científico. É estando dentro do sistema que se pode questionar, discutir e promover mudanças significativas. Tome-se como exemplo a pandemia de Covid-19, que revelou a urgência de diálogos entre diversas áreas do saber e a necessidade de uma ciência que seja, ao mesmo tempo, global e local (Silva *et al.*, 2020).

Essa reflexão se aprofunda agora paralelo ao final do semestre letivo em Budapeste, a partir de experiências práticas. Durante esse período no exterior, por exemplo, enquanto paciente no sistema público de saúde, mantive meu olhar de pesquisador atento. O efeito comparativo só agora foi inevitável e levou a uma consideração pertinente: os sistemas públicos ao redor do mundo teriam muito a aprender com o nosso Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS não apenas oferece um modelo único de cuidado integral, mas também aponta lacunas que podem ser discutidas como oportunidades para inovação e melhoria contínua. Assim como o SUS, tenho quase a mesma idade de maturidade e a abertura para o aprendizado, que deve ser contínuo e cada vez mais acessível.

Apesar de ser um campo repleto de desafios e tensões, como já destacavam Túlio Franco e Emerson Merhy (2013), é na academia que se encontra o espaço propício para criar, pesquisar e produzir com ética. Nesse ambiente, onde o trabalho acadêmico se entrela-

ça com o pensamento coletivo, preserva-se a essência das Ciências – uma prática que deve sempre estar em diálogo com os saberes emergentes e com a realidade social ao seu redor.

A academia, portanto, não deve ser apenas um espaço de produção de conhecimento isolado ou palco de reproduções *enviesadas* de atitudes acumuladas pelas lacunas do sistema educacional, mas um campo de reflexão crítica e de transformação. Nesse contexto, ela deve ser capaz de gerar soluções inovadoras e fundamentadas, que dialoguem com as necessidades e complexidades da vida.

# Capítulo 5

## Amores e dissabores: momentos inesperados

*Quando a vida em si parece lunática, quem sabe onde está a loucura? Talvez ser prático demais seja loucura. Desistir de sonhos — isso pode ser loucura. Muita sanidade pode ser loucura — e a mais louca de todas: ver a vida como ela é, e não como deveria ser!*

Dom Quixote - Miguel de Cervantes Saavedra

Uma vez me falaram sobre o delírio e a melancolia passional dos húngaros, uma característica cultural que parece transpor a alma desse povo. Mas, ao refletir sobre isso, me pergunto se essa melancolia não é, de certa forma, uma assimilação ou até uma projeção de sentimentos meus enquanto moro temporariamente aqui. Sinto que, de alguma maneira, me vejo imerso em um tipo de melancolia silenciosa, como uma sombra que acompanha os húngaros em suas intensas experiências e olhares profundos.

Essa sensação de deslocamento e contemplação me leva a pensar também no morrer — ou, mais precisamente, no medo que ela me causa. Não é o medo da morte em si, mas o de uma morte injusta, que parece estar além da nossa compreensão ou controle. Uma

morte acidental, quem sabe, mas que, ao menos, carregasse consigo uma certa dose de heroísmo gentil. Seria isso aceitável? Como entender a vida e a morte através das lentes de uma cultura tão profundamente marcada pela paixão e pela introspecção?

Durante uma pausa obrigatória do verão europeu, tive a oportunidade de tirar alguns dias de descanso, embora com o olhar de pesquisador sempre presente, algo que nunca havia experimentado antes, já que costumava emendar um período de estudo no outro. Busquei conforto em um território de línguas latinas (espanhol), saxônicas (austríaco e holandês) e eslavas (eslovaco).

Após quase cinco horas de atraso em um voo para Madrid, me vi imerso em uma reflexão silenciosa. Como dizia como dizia a vocalista do Evanescence, Amy Lee, “um luar suave na terra castanha” e naquele instante, entendi que a serenidade para lidar com a espera estava em lembrar que, juntos, somos capazes de superar qualquer obstáculo. No entanto, a experiência carregava um sabor amargo: o atraso fora causado por um problema estrutural da companhia aérea, que se via escassa de profissionais para atender à demanda crescente. Só depois, tomei consciência de que aquele momento não era apenas um contratempo, mas o início de uma luta legítima por melhores condições de trabalho dentro da empresa.

Depois do *distress* aéreo, fui desbravar a cidade da mesma forma que Dom Quixote fez com seu fiel escudeiro, Sancho Pança. Em Madrid, no Museu del Prado,

vivi um verdadeiro *déjà vu*, onde os ecos da história me envolveram. O catolicismo marcante de toda Europa, presente em muitos detalhes, parece contar um lado da história, não apenas do passado, mas também reflexões, desventuras e desafios atuais. Cada obra, cada símbolo, parecia falar sobre a continuidade da fé e suas transformações ao longo dos séculos, conectando o ontem e o hoje de uma maneira inesperada e profunda.

Em uma conversa em portunhol com um nativo de origem latina (colombiana), refletimos juntos sobre a vida. Ao discutirmos o sentido de tudo isso, percebi que minha busca por respostas é, na verdade, uma busca pela compreensão das complexidades que habitam o interior de cada um de nós. Ele me perguntou: “Por que estuda tanto?” Sem uma resposta imediata, fiquei pensativo. No Brasil, passamos anos investindo em uma carreira acadêmica, muitas vezes desvalorizada, mas, felizmente, recentemente tive a oportunidade de viajar para fora e viver uma experiência internacional. Talvez essa seja a resposta que eu buscava: Foram por esses caminhos tortuosos dos estudos, muitas vezes vistos como um não lugar, que eu conheci novos amores e (dis)sabores.

A língua espanhola, junto ao calor intenso do verão madrileno, gerou uma série de tensões prazerosas, típicas de se estar em um país latino. Havia algo de acolhedor e protetor no ambiente. Madrid, com seus contrastes, oferecia essa combinação única de carinho e cuidado, ao mesmo tempo que impunha desafios

e riscos aos que se permitiam ser eternos amores. A experiência de estar ali era, de certa forma, como ser abraçado por uma cidade que, ao mesmo tempo, preservava suas tradições e se mostrava implacável com os forasteiros.

Musicalmente falando, é fascinante perceber como a música se torna uma ponte para diversas formas de expressão artística, especialmente ao observar como artistas de diferentes culturas ocupam espaços e influenciam o cenário global. Enquanto Karol G domina as rádios internacionais com seu *reggaeton* vibrante, e Jueves ainda embala as memórias trágicas de seus *b-sides* com uma melancolia única, começo a construir um mapa mental musical que vai além dos estilos.

Nesse processo, não posso deixar de associar o fenômeno da música pop brasileira, cujos artistas, imersos nesse ritmo global, tentam conquistar o mundo com suas próprias sonoridades. É como se houvesse uma troca contínua de influências entre o Brasil e o restante do mundo, uma dinâmica que se reflete na busca desses músicos por uma identidade própria que reverbera além das fronteiras nacionais.

Como em um embalo latino e dramático, um amor quase platônico, em sua essência, sem o aprofundamento de uma relação, assim foi na Hungria em muitos momentos. Uma experiência de encanto, marcada pela admiração à distância, onde as nuances fascinam e criam um cenário de um romântico idealizado. Mais uma idealização do que uma convivência real.

Imagine-se em um momento particular da vida, quando uma nova música toca pela primeira vez. Ela é desconhecida, porém, imediatamente parece sua. Não pelo tempo que você a conhece, mas pela maneira como ela ressoa com o instante, o lugar e a socialização que acontecem ao seu redor. Assim também são esses amores inesperados: encontros furtivos que deixam marcas pela intensidade de sua epifania, não pela duração ou pela concretude. Aliás, tudo foi muito rápido e foi o que tinha que ser.

O encanto que nasce no meio da banalidade da rotina de trabalho é um aspecto que toca a alma. Não se trata de um amor a ser consumado, mas de uma melodia etérea que paira no ar, suavemente transformando tudo ao redor, tornando o instante um pouco mais incerto, como se por um breve momento, estivéssemos mais próximos do que a realidade permite. É como um sussurro da vida, onde cada gesto e palavra, por mais simples que sejam, se tingem de uma beleza quase efêmera, convidando-nos a saborear o presente, antes que se desfaça.

Esse tipo de amor inesperado, nascido do quase acaso, revela tanto a essência do outro quanto as profundezas de nós mesmos. Ele espelha nossas aspirações mais silenciosas, como se fosse uma brisa suave que nos faz questionar o que significa verdadeiramente conectar-se. Nossos caminhos são bordados de histórias efêmeras, mas não menos poderosas, que nos transformam e deixam vestígios invisíveis, como marcas no vento. É uma dança delicada, que se desfaz antes

de ser compreendida por completo, mas que carrega, em sua fragilidade, a verdade do que somos e daquilo que buscamos.

Alguns comentários, do tipo clássico “vai voltar casado de lá”, carregam camadas culturais e sociais que projetam expectativas sobre nossos caminhos, especialmente quando estamos em contextos como uma viagem para estudo ou trabalho. Essas palavras refletem uma visão romantizada e quase inevitável de que momentos de transição ou deslocamento estão intrinsecamente ligados ao encontro de um amor transformador. No entanto, para quem escuta essas palavras com um objetivo claro e distinto, como estudar ou se aprimorar intelectualmente, tais expectativas podem causar repulsa ou desconforto, pois invadem um espaço que deveria ser de liberdade e autodefinição.

A repulsa surge porque essas expectativas não pertencem a quem está partindo, mas ao imaginário coletivo de quem observa. São como molduras que tentam encaixar vivências individuais em narrativas pré-estabelecidas. Quando você decide viajar para estudar, carrega consigo a clareza de um propósito, uma intenção que transcende a busca por conexões pessoais ou romances. É uma escolha pautada na autodeterminação e na busca pelo conhecimento, mas também no desejo de viver uma experiência que seja sua, sem a interferência das projeções dos outros. Assim, você pode estabelecer seus próprios limites e dar a essas vivências o espaço e a forma que realmente deseja.

Entretanto, há também o reconhecimento de que a vida interpretada pelo campo socioemocional nos cerca a todo momento. Em qualquer ambiente novo, somos inevitavelmente expostos a encontros, relações e conexões, sejam elas planejadas ou espontâneas. Esse convívio humano não precisa ser recusado, mas sim compreendido como parte da jornada. O desafio está em equilibrar as expectativas externas com a sua própria narrativa. Afinal, ser “gauche na vida”, como dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade, também é abraçar os desvios e as surpresas da existência sem perder de vista os objetivos dos seus sonhos.

Esses momentos de tensão entre o que se espera de nós e o que realmente buscamos são profundamente formativos. Eles nos ensinam sobre autonomia, sobre a capacidade de estabelecer limites e sobre a força de um propósito claro. Ainda assim, também mostram que a vida não é feita apenas de caminhos diretivos. Mesmo quando resistimos às expectativas dos outros, somos confrontados com a complexidade de nosso próprio ser, que muitas vezes se deixa influenciar pelas circunstâncias.

No final, o que importa é reconhecer que sua jornada é sua. Seja marcada pelo estudo, por encontros inesperados ou por ambos, ela será genuína enquanto estiver alinhada ao que você realmente valoriza. Afinal, o verdadeiro aprendizado de qualquer viagem, literal ou metafórica, não está em seguir o roteiro que os outros ou o sistema forjam, mas em descobrir e moldar o nosso próprio.

Ao desconstruir os estereótipos com os húngaros, descobri uma nova forma de aprender sobre a vida, uma lição silenciosa nas sutilezas do cotidiano. Valorizei a sinceridade crua, a cumplicidade em cada gesto e a intelectualidade que permeia todas as relações, sejam elas de amizade ou trabalho. Os húngaros, com sua direta transparência, misturam-se de forma curiosa à humildade que, como brasileiros, carregamos conosco. Talvez essa seja a ponte mais sincera entre mundos opostos, um entrelaçar de culturas que só se torna possível quando há espaço para a abertura genuína e a quebra das camadas de estereótipos, permitindo que o real toque o imaginado e transforme os encontros em algo mais profundo.

As interações com os povos de origem saxônica, como os austríacos e holandeses, e eslava, como os eslovacos, foram experiências mais superficiais, mas não menos reveladoras. A cultura austríaca, com sua formalidade e precisão, se chocava com a fluidez e a leveza das minhas vivências brasileiras, enquanto os holandeses traziam consigo uma racionalidade que, embora admirável, parecia distante de nossa impulsividade tropical. Já com os eslovacos, as barreiras linguísticas se tornaram ainda mais evidentes, mas, curiosamente, também despertaram uma sensação de acolhimento discreto, embora pautado por uma convivência de estrutura da cidade.

Esses momentos, embora de natureza breve, expuseram as complexas camadas de nossas identidades

culturais, revelando como, muitas vezes, as primeiras impressões são construídas por um emaranhado de estereótipos que nos distanciam, ao invés de aproximar. Ao mesmo tempo, provocaram uma reflexão sobre como essas diferenças, ainda que por vezes superficiais, se entrelaçam em um cenário de trocas culturais que exigem paciência e a disposição de ir além das primeiras camadas.

# Capítulo 6

## Novos campos histórico-afetivos: descrevendo lugares fantásticos

*So raise your banner, fight your war  
Break the silence, no remorse*

*Raise Your Banner - Within Temptation.*

### Bratislava, Eslováquia

Atravessando a ponte que corta o Danúbio na parte mais afastada do centro de Budapeste, sigo em direção à cidade depois de quase ser enganado por uma possível *pickpocket* na rodoviária. Porém, minha esperteza de cearense já calejado me ajudou a sair bem da situação. O ônibus que paguei em euros vai até Praga, o que me deixou curioso para conhecê-la também. No entanto, esta é uma viagem curta, entre Budapeste, Bratislava e Viena.

No *random* do Spotify, enquanto observo as paisagens que se desenrolam diante de mim, as músicas que tocam são uma mistura inesperada de sons, nada do metal sinfônico ao qual estou acostumado. Estou nessa fase de experimentação: sons, sabores e lugares que, de alguma forma, desafiam as minhas preferências

e abrem espaço para o novo. Isso é único, e, confesso, exige tempo para novas descobertas e para a aceitação dessas novas aberturas. Ideias fixas, por mais confortáveis que sejam, podem se tornar barreiras.

Só agora, ao percorrer o caminho, posso ver que nas proximidades de Budapeste, a Hungria se estende com campos vastos de plantações, criando uma zona agrícola que me impressiona. À medida que me aproximo da cidade de Győr, as plantações de girassóis e milho surgem, parecendo tropicais, “torradas pelo sol forte deste verão europeu”, como uma metáfora viva da nova experiência que estou vivendo.

A continuar minha viagem, lendo Cláudio Magris (2008) em sua experiência na antiga Panônia... inspirado ao escutar *Arcádia*, será essa a busca aqui? Uma utopia arcadiana, mas em confronto com a concreta realidade que me mantém em estado alerta a todo momento. O coração já está hipertrofiado, mas seguindo feliz, penso eu.

Encontro-me à meia-noite, em uma mesa de um *hostel* (hospedagem em formato moderno de cápsula nos quartos), lotado de estrangeiros no centro de Bratislava, capital da Eslováquia e que já fora residência dos reis da Hungria no período das invasões turcas. Então escuto um grupo de garotas falando sobre o Brasil.

Parecia mais confortável aos meus ouvidos ouvir voz feminina discutindo sobre influências europeias na arquitetura brasileira. Diferente do que o motorista de Uber disse sobre a parte negativa do perigo que os

turistas correm no Brasil – segundo ele “*it’s dangerous for tourists*” - estereotipando o país. Eu logo retruquei dizendo “*I love my country*”, com tom de saudade, e ele retornou com um “*oh, of course*”. Ele entendeu, talvez, o sentimento de um estrangeiro preocupado com a afetividade que tem sido construída sobre seu país nativo.

Saio do hotel de manhã, sem meus chinelos para não sobrecarregar a mochila – não gosto de andar com muitas coisas. Fui de tênis tomar banho, com receio de roubarem meu sapato no *hostel* (risos). Sim, ainda ando um pouco assustado aqui, resquícios dessa cultura hipervigilante que carrego comigo.

De Bratislava e Viena, numa *low cost* popular, viajo pela estrada ao longo de quase 2h passando por muitos equipamentos de energia eólica e ao céu azul de 32 graus em pleno meio-dia com sol e lua no céu sendo cortados pelas diversas rotas de aviões que cruzam a Europa a cada minuto.

Curiosamente, estou em território de Schengen, onde, neste momento, acontecem os primeiros preparativos para alguma Olimpíada, talvez de inverno. As Olimpíadas são símbolos de diplomacia, cuidado e integridade, embora isso possa ser apenas uma idealização. De fato, é um evento que atrai a atenção do mundo inteiro, que espera que o esporte seja uma forma de promover a paz. Isso me faz refletir sobre minha própria jornada, pois, durante a adolescência, desenvolvi uma visão mais rebelde (com causa) e, por isso, acabei não me identificando com esportes, apenas natação,

algo que contrastava com a minha família, que sempre cresceu vendo e praticando esportes.

O charme de Bratislava me encantou profundamente, especialmente ao visitar o Museu do Castelo de Bratislava, localizado nas antigas ruínas medievais. O museu tinha uma proposta interativa e sensorial que tornava a experiência ainda mais marcante. A exuberância da história local preservada ali era fascinante. Passei horas imerso na exposição, no alto da colina, de onde se abria uma vista impressionante do Danúbio fluindo serenamente.

## Viena, Áustria

Diferente de quando estive no aeroporto de Viena na minha chegada em maio de 2024 à Europa, entrar em território austríaco de ônibus *low cost* foi uma experiência distinta. O *glamour* austríaco que me contaram só pude perceber no aeroporto; parecia uma fachada de classe. No entanto, ao conhecer a história local e ver pessoalmente as exuberantes e arquitetônicas vias do centro da cidade, comecei a compreender melhor o que me disseram. O *Airbnb* onde fiquei tinha um caráter de *studio* (como é chamado um apartamento mais equipado, com banheiro e cozinha privativa dentro do espaço), hipermoderno, o que me permitiu relaxar mais, apreciando uma dormida mais confortável do que em um *hostel*. Os valores não mudaram, mas foi pago em euro, e o suado real brasileiro foi convertido – um pesar.

Já ciente dos estereótipos que ouvi em Budapeste sobre Viena, percebo que a Áustria está ali com toda sua exuberância para mostrar sua vitória e império conquistado, a forte influência católica com arquitetura que demonstra o poder que a igreja tem e teve em sua história (também obscura), mas ainda bem que temos mais abertura inclusiva hoje em dia, sendo mais eufemista, se aqui me cabe. Um austríaco me disse que prefere Budapeste, quase que citando o modo como Sisi (Elizabeth da Baviera, Imperatriz da Áustria) dizia sobre Budapeste. Fiquei surpreso. Pretendo voltar em Viena com amigos ou para algum concerto, percebo a cidade ainda mais lotada de turistas pela época do ano, mesmo com o calor exacerbado desses dias. Aqui também aprendi a valorizar meu suado Real, odiei gastar em Euro, consciente da desvalorização da nossa moeda.

É tempo de resignificar tudo — super recomendo. Digo isso no sentido de que, como diz o ditado, “quem vê cara, não vê coração”. Estar aqui exige coragem para fazer diferente, para ir além das expectativas e convenções que nos cercam. Ao mesmo tempo, é necessário ter um olhar atento, perceber as leituras eurocêntricas que permeiam a visão de mundo. Esse processo de desconstrução e reflexão não acontece de forma automática; é preciso um esforço constante para questionar as narrativas predominantes e reconstruir o entendimento das realidades que nos são apresentadas.

A vivência em outro país traz a oportunidade de desafiar e desconstruir muitos desses estereótipos, permitindo uma compreensão mais profunda e autên-

tica do que se encontra além das primeiras impressões. De fato, morar no exterior nos coloca frente a frente com a necessidade de uma adaptação consciente, onde a ressignificação de práticas e valores se torna imprescindível. Essa jornada de redescoberta e adaptação cultural é uma expansão dos horizontes e conexão mais profunda e crítica com o mundo ao nosso redor.

Ainda em Viena, fui visitar mais um museu, desta vez dedicado à interpretação dos sonhos, ao inconsciente e a Freud. Eu tinha que estar ali, naquele lugar icônico, mesmo que fosse apenas para contemplar. A visita teve que ser rápida, pois havia ainda tanto para explorar na cidade. Senti-me privilegiado, de certa forma, por estar dentro da casa onde Sigmund Freud viveu e desenvolveu suas teorias revolucionárias. Como pesquisador no exterior, estar nesse espaço de tanta importância histórica e intelectual foi uma experiência indescritível.

Freud não apenas fundou uma nova disciplina, mas também abriu caminhos para pesquisas e práticas que ainda influenciam o mundo contemporâneo. Visitar a casa de Freud foi uma jornada inspiradora, que reforçou a importância de entender o nosso passado para continuar inovando no presente. Um jovem imaturo disse: “As paredes da sua casa ainda devem ter o pó que ele usava”. No entanto, embora Freud tenha explorado o uso de substâncias psicoativas em sua época, é essencial lembrar que seu trabalho se concentrou na Psicanálise e na compreensão da mente humana. O uso de substâncias, seja devido ou indevido (sem qualquer

juízo), não apaga suas contribuições profundas à Psicanálise, à Psiquiatria, à Psicologia, à Literatura e à Cultura Ocidental – campos que, hoje, continuam evoluindo. Comentários de teor fantasmagórico não conseguem ofuscar a relevância de suas descobertas e sua marca duradoura naquele lugar e no mundo.

A obra de Freud transcendeu as ciências convencionais de sua época, inaugurando uma nova abordagem baseada na interpretação dos discursos coletivos e individuais, inconscientes. Embora suas descobertas tenham emergido na transição entre os séculos XIX e XX, elas continuam a reverberar no presente, possibilitando um avanço epistemológico contínuo. Um exemplo notável dessa reflexão é a tese de Grada Kilomba (Kilomba, 2019) em *Memórias da Plantação*, onde ela explora como as palavras e seus significados podem ser reinterpretados e adaptados conforme os contextos históricos e culturais. Nesse fluxo de pensamento, ela destaca a maneira como a linguagem e a memória coletiva moldam nossas realidades. A conexão entre passado e presente, como evidenciado por Freud e Kilomba, é crucial para fomentar um diálogo mais consciente e inclusivo em diversas áreas do conhecimento.

Eu poderia ter explorado muitos outros museus mais atuais, focados em teóricos contemporâneos e as tendências do momento, mas havia um sentido epistemológico profundo dos sonhos e do inconsciente que me levou a esse lugar. A visita à casa de Freud foi uma busca mais que histórica.

Paro no meio da praça de alimentação da principal estação de Viena (Wien Hauptbahnhof) e escuto a música *Railroad*, da Tarja, tentando romantizar essa viagem solitária, uma espécie de *férias* que nunca se concretizaram. Vejo muitos asiáticos e muçulmanos pela cidade, um verdadeiro *mix* cultural. Tomei um café em uma cafeteria subestimada, típica de grandes redes globalizadas, para matar o sono enquanto espero. Fiz o *check-in* antes do horário da minha viagem, e agora, dentro da estação, a vista para a cidade, com o relógio central em vidro espelhado, oferece uma boa imagem do momento. Aguardo no totem pela plataforma do meu trem para Budapeste.

Durante esta travessia pela antiga Panônia, lembrei-me de um trecho de Cláudio Magris (2008), em que ele reflete sobre como, aos olhos dos outros, podemos parecer niilistas — especialmente sob o olhar externo que enxerga apenas o homem no exterior, limitado à vida pública, superficial, das redes sociais. Um olhar que ignora o sentir profundo, o enfrentamento e a superação dos percalços que moldam cada cultura.

Voltando a Budapeste, dia chuvoso, como dizemos no Ceará, “bonito pra chover”, aqui eles acham um dia feio ou triste, talvez. Passo em um restaurante para almoçar e me dou conta de que eu não quero que esses escritos sejam vistos como algo vitimista, retrógrado ou comparativo... a ideia aqui é de sentir junto, expondo historicidades que precisam ser compreendidas.

A verdadeira essência de morar no exterior vai além das fotos e *posts* compartilhados nas redes sociais. A superficialidade dessas plataformas não captu-

ra as nuances da solidão, as dificuldades de adaptação e o esforço constante para compreender e integrar-se a uma nova cultura. A visão limitada e idealizada apresentada nas mídias sociais ignora os obstáculos reais enfrentados e as profundas transformações pessoais que ocorrem nesse processo. Por isso, é fundamental entender que viver no exterior não se resume a uma sequência de momentos *instagramáveis*, mas a uma jornada complexa que exige resiliência, abertura para o novo e uma reflexão crítica sobre as influências culturais que moldam essa experiência.

O som das batidas das músicas reverbera em corpo vibrátil (Rolnik, 2000) e da melancólica pulsão de vida boêmia dos artistas sinfônicos. Volto a essa definição que comecei a citar no Capítulo 1 quando percebi a importância dessa arte no período da última pandemia do mundo globalizado.

## **Bruxelas, Bélgica**

Ao chegar em Bruxelas, desembarquei no Aeroporto de Charleroi Bruxelas Sul, também chamado informalmente de Aeroporto Bruxelas-Charleroi ou Aeroporto Charleroi, é um aeroporto internacional localizado em Gosselies, uma parte da cidade de Charleroi, na Bélgica francófona, a 46 km ao sul do centro de Bruxelas.

Em seguida, parti para a estação Brussels Noord, uma das principais estações de trem da cidade, localizada em uma área central e movimentada. Saindo da estação (depois de lutar *ariado* para pegar o trem cer-

to), segui por uma ladeira que me levou até a Rue de Palais, uma rua de pouca luz, estava frio, mas me lembrou muito o centro de Fortaleza à noite (risos).

Ao longo do caminho, admirei a arquitetura belga e a atmosfera cosmopolita da região, que é moldada por sua rica história e pela diversidade cultural resultante de diferentes influências ao longo do tempo. Estive em frente à magnífica Catedral de Saint Marie, uma obra-prima da arquitetura gótica. A catedral, com suas impressionantes torres e vitrais coloridos, convidava a uma pausa para admirar a beleza do lugar, mas foi uma passagem rápida e não pude explorar seu interior repleto de história.

Essa caminhada me levou a um dos marcos mais importantes de Bruxelas, proporcionando não apenas uma oportunidade de admirar a arquitetura e história da cidade, mas também de mergulhar na cultura local e no ritmo da vida urbana da capital belga. A solidez da cidade, com suas ruas movimentadas e praças repletas de história, contrastava com a minha jornada, onde pude refletir sobre a experiência de estar ali, distante de casa, absorvendo tudo ao meu redor. Em meio ao bulício da cidade, encontrei momentos de introspecção.

## **Amsterdã, Holanda**

O encontro de diferentes nacionalidades em um clima amistoso revela a singularidade de cada um, com suas próprias excentricidades. Os canais de Amsterdã lembram a importância vital da natureza em nossas vi-

das, como um reflexo de sua presença essencial. Sinto a necessidade de retomar meus estudos e escritos sobre geografia humana. Com o inverno se aproximando, ecoa a velha máxima de que devemos tomar vitamina D para evitar a depressão sazonal, pois somos corpos solares, dependentes da luz. Seja como evidência científica ou como um saber popular profundamente enraizado, isso reflete as práticas de autocuidado coletivo.

As estátuas, imóveis e com suas histórias pouco contadas, ainda são um símbolo da valorização dos feitos e dos corpos. Se não fosse assim, estaríamos apenas repetindo padrões, sem inovação. Lembro-me do *show* da banda Epica em Amsterdã, onde a música vibrava em uma polaridade energética, alternando entre sinfonia e intensidade. Essa dualidade de sensações, com picos de dopamina, criava uma harmonia entre força e suavidade.

Os grandes castelos, igrejas, templos e instituições da cidade refletem a soberania entre o divino e o poder — seja de controle, razão ou emoção. Cada detalhe importa, contudo, os detalhes humanos ainda são difíceis de interpretar ou compreender como deveriam.

A impressão que tive da arquitetura e da mobilidade de Amsterdã é uma bela fusão entre o clássico histórico e o modernismo, sem nada a esconder. Essa junção é fascinante, visível até nos sorrisos das pessoas.

Refletindo, em um lugar cosmopolita e multicultural como Amsterdã, o simples fato de compartilhar a mesma nacionalidade ou interesses comuns não garante um entendimento mais profundo ou uma co-

nexão significativa entre as pessoas. Mesmo quando se encontra alguém do nosso país, os estereótipos, a maneira de se vestir, os gostos pessoais e as primeiras impressões ainda podem criar barreiras que tornam esses encontros superficiais ou desinteressantes.

Essa percepção surge porque, em um ambiente tão diverso, as pessoas podem se apegar a essas primeiras camadas de identidade (nacionalidade, aparência, tom de voz) e deixar de explorar outras facetas mais profundas que realmente moldam quem elas são. O choque cultural e as expectativas preconcebidas muitas vezes interferem na autenticidade das interações, levando a experiências que, em vez de serem enriquecedoras, tornam-se limitadas, reforçando rótulos em vez de superá-los.

Amsterdã, como um ponto de encontro de culturas, expõe essas diferenças de maneira muito clara, e pode gerar essa sensação de que, talvez pela conexão superficial aparente (como a da nacionalidade), os encontros ainda podem ser vazios ou pautados por estereótipos. Esse contexto faz com que encontros, que deveriam ser vibrantes e enriquecedores, pareçam tão frágeis.

Fora que, em Amsterdã, enfrentei diversas taxas: a taxa da cidade, a taxa de reserva do hotel e a exorbitante taxa pelo café da manhã, que só oferecia opções saudáveis ou produtos do supermercado. Isso me fez refletir sobre por que no Brasil não adotamos práticas semelhantes, mas aí penso o contrário, seria uma lógica de mercado que vai em (des)encontro com o que é

de mais gostoso, uma certa leveza do *jeitinho* que é. A precificação das coisas se mantém tanto para os turistas que visitam nosso país quanto para os residentes que, devido à inflação, também enfrentam taxas elevadas em euro, sem qualquer diferenciação.

O cenário em Amsterdã está saturado de turistas. Mesmo quando tentamos ser educados, percebo que as pessoas locais parecem cada vez mais impacientes. Esse é um fato notável na dinâmica da cidade.

É fascinante como somos abordados por estrangeiros que tentam adivinhar de onde somos. Essas interações são frequentemente mais interessantes do que quando falamos diretamente sobre nossa origem. A recepção varia: às vezes, um sorriso caloroso nos dá boas-vindas, enquanto em outras ocasiões, sentimos que somos vistos como ‘estranhos no pedaço’.

Parece um jogo sutil entre turistas e locais, onde se observa e tenta adivinhar as histórias por trás de cada rosto/estilo. Lembrei de uma referência que vi no Rijksmuseum, onde a relação contemporânea da Hungria, conhecida como Hougly, é facilmente identificável no quadro de Hendrick van Schuylenburgh.

Amsterdã, com sua infinidade de estímulos e diversidade, é uma cidade mundialmente visitada que oferece uma grande variedade de experiências. Para alguém que precisa de foco, essa abundância pode se tornar um verdadeiro desafio para se concentrar.

## Amersfoort, Holanda

O dia seguinte ao *Symphonic Synergy* do Epica em Amsterdã começou com aquela energia vibrante. Tivemos um encontro de fãs da mesma banda, nos encontramos após o mesmo concerto. Não é difícil achar brasileiros fora do país; esse encontro nos atrai sem percebermos, reconhecemo-nos nas multidões. Éramos quatro jovens desbravando agora um *countryside* da Holanda. Ainda embalados pela grandiosidade do *show*, que tinha sido mais do que uma simples apresentação, mas uma celebração de música e emoção, resolvemos aproveitar o dia explorando um pedaço menos óbvio da Holanda: Amersfoort.

Saímos relativamente cedo de Amsterdã, pegando um trem confortável e pontual – como tudo por aqui, apesar dos colegas brasileiroamente falando alto no trem (o que era proibido naquele vagão do silêncio). No caminho, risadas ecoavam enquanto compartilhávamos memórias do *show*. A paisagem pela janela era uma pintura em movimento: campos verdes infinitos pontilhados por moinhos e vilarejos aconchegantes, porém, eu estava focado em falar para o amigo sobre as aventuras de ser doutorando em Budapeste (quase uma autoanálise).

Amersfoort nos recebeu com seu charme medieval com prédios históricos. Nosso objetivo principal era visitar a famosa igreja *Onze-Lieve-Vrouwetoren* (Torre da Nossa Querida Senhora), cuja silhueta imponente dominava o horizonte divinamente, muito encantado com o holandês misturado com inglês ensinando tudo

sobre a cidade do alto, não parecia algo turisticamente pronto, tinha lá certa magia.

Entramos na igreja e fomos logo avisados sobre a subida desafiadora até o topo. Degrau por degrau, passamos por histórias incríveis narradas por um guia que parecia um personagem do passado. Ele nos contou sobre a construção da torre, que começou no século XIV, e os desafios enfrentados pela cidade ao longo dos séculos, desde incêndios até inundações. Tinha uma estátua no meio da torre ainda com luzes medievais, um encanto para um novo beato.

A subida era estreita, com degraus desgastados pelo tempo, mas a vista lá de cima compensou todo o esforço. De lá, podíamos ver Amersfoort em toda a sua glória: o rio serpenteando pela cidade, os telhados vermelhos das casas e, ao longe, o campo aberto. Tiramos fotos e rimos muito, especialmente tentando posar juntos sem ninguém tropeçar no espaço apertado.

Depois da torre, a fome nos levou a um restaurante charmoso em uma praça cheia de mesas ao ar livre. Eu, animado em experimentar algo típico, pedi um *carpaccio*. Quando o prato chegou, lindo e delicado, eu demorei um segundo para lembrar: *carpaccio* é carne crua. A primeira mordida confirmou o que meu estômago já temia – aquilo não era para mim. Enquanto meus amigos se deliciavam com seus pratos, eu tentava participar da conversa, mas o *carpaccio* ficou quase intocado. No fim, minha fome deu lugar à diversão de apenas estar ali, rindo das peripécias.

Como de costume, a conversa foi fluindo naturalmente, passando de música a histórias de nossas vidas no Brasil e experiências na Europa. O tempo parecia escorregar rapidamente, assim como o sol, que lentamente descia no horizonte.

Voltamos para Amsterdã no início da noite, novamente no trem. O cansaço misturado à satisfação dava aquele toque nostálgico. Uma combinação de histórias, risadas e dissabores de encontros como um *carpaccio* desastroso.

### **Szentendre, Hungria**

Szentendre, uma pequena cidade charmosa situada à beira do Danúbio, na Hungria, ofereceu uma experiência única que misturou história, cultura e uma sensação de pertencimento (certo conforto e calma), longe do caos de Budapeste, mesmo para quem está apenas de passagem. Ao explorar suas ruas estreitas e encantadoras, pude sentir a força simbólica do lugar, como se cada detalhe da cidade — desde a arquitetura até os adereços da época de Halloween que enfeitavam a cidade mais colorida, como na narrativa de Tim Burton, o mundo dos mortos é mais colorido que o mundo dos vivos em alusão a sua atmosfera cinematográfica, que se espalhavam pelas vielas — uma boa conexão com o passado.

Minha visita a Szentendre foi permeada por momentos simples, mas profundamente marcantes. Um deles foi o prazer de provar o lángos, depois de meses,

aquele tradicional lanche húngaro frito, vendido entre as escadarias que levavam até a igreja principal no topo da cidade. Ao saborear o lángos quente, com sua massa crocante coberta de queijo e creme azedo, estava não só desfrutando de uma iguaria local, mas também absorvendo uma parte da experiência cultural da cidade. Junto de um querido amigo húngaro, chamado Gergő, ríamos, trocando impressões e respeitando a autenticidade daquele momento, longe das armadilhas do turismo em massa. A cidade, embora com sua fama crescente, parecia ainda preservar um encanto genuíno de uma herança cristã ortodoxa e sérvia.

Chegamos à igreja principal, que dominava o topo da cidade, e logo me deparei com um pequeno cartaz que dizia: “*No tourists in the church*” (Sem turistas na igreja). Aquela mensagem, simples mas direta, me fez refletir sobre o impacto do turismo nas pequenas cidades e a busca por preservar o espaço sagrado e íntimo da comunidade local, apesar de ter visto a igreja por dentro, uma sombria ideia barroca, até lembrar da cidade de Ouro Preto no Brasil. Respeitamos a recomendação, mas aquele momento se tornou uma lembrança simbólica de como certos lugares ainda resistem, de alguma forma, ao olhar superficial do turismo.

Após o lanche e a visita à igreja, decidi explorar mais um pouco. A surpresa veio logo depois: atrás da igreja, encontrei uma estátua de Petőfi Sándor, um dos mais célebres poetas húngaros, citado nesse livro, cujas palavras imortalizaram o espírito de liberdade e

resistência do país. A estátua, com seu bigode característico e expressão firme, parecia se integrar perfeitamente ao espírito da cidade, que respirava história e cultura. Brinquei com Gergő dizendo que a escultura me representava em uma das vidas passadas, já que o bigode do poeta se assemelhava ao meu, o que nos fez rir ainda mais. Era uma conexão lúdica, mas também uma forma de vivenciar a presença daquele grande nome da literatura húngara de maneira descontraída, que Deus o tenha.

O dia estava terminando e a luz dourada do último crepúsculo antes do inverno parecia envolver a cidade em um manto de nostalgia, quase um adeus de saudade. O ar fresco e as sombras alongadas nas ruas de paralelepípedos (sim, fiz meu amigo húngaro dizer essa palavra) acentuavam ainda mais a beleza da cidade, que parecia transitar entre o passado e o presente com uma naturalidade impressionante. Eu não havia visitado os países balcânicos, mas a arquitetura e o clima de Szentendre, com suas influências do Império Austro-Húngaro, sobretudo da Sérvia, me faziam sentir a proximidade com a região dos Balcãs. As suas casas coloridas e fachadas ornamentadas, que evocavam uma identidade que transcende fronteiras. A sensação de estar vivendo uma experiência conectada a uma cultura mais ampla, que dialoga com a história de povos vizinhos, se fazia forte e palpável.

A cidade, com sua rica história e atmosfera única, me fez sentir conectado ao fluxo eterno do tempo,

um sentimento que ressoou com as lembranças da minha infância em São Gonçalo do Amarante, no Ceará. O conhecido *poço* no quintal dos meus avós maternos, José Dias e Ambrosina Sampaio, e a lagoa da Prejubaca, com suas margens familiares, evocaram as mesmas sensações de paz e pertencimento que encontrei em Szentendre. A imagem do Danúbio fluindo calmamente me lembrou das águas tranquilas de São Gonçalo, onde aprendi a nadar durante as férias escolares.

Além disso, as práticas de autocuidado da minha avó paterna, com suas ervas e cânticos, encontraram um eco na atmosfera serena dessa viagem. Essa jornada parece esse lugar onde passado e presente se entrelaçam, convidando-nos a refletir sobre nossas raízes e a importância de cultivar a memória.

Szentendre é mais do que um destino turístico, é um espaço simbólico onde podemos encontrar conforto e inspiração. As ruas estreitas, as casas coloridas e a vista panorâmica do rio criam um ambiente que nutre a alma e renova o espírito.

Ao finalizar o passeio, já estava coberto de névoa parte do rio. Em um mundo cada vez mais globalizado e padronizado, cidades como Szentendre oferecem um lembrete da verdadeira conexão com o mundo e como a história passa pelo respeito e pela vivência autêntica.

# Capítulo 7

## Resiliência-musical

A musicalidade que permeia as relações entre pessoas de diferentes idades em Budapeste me chama muita atenção. Como ocorre com as pessoas idosas em concertos dançantes, a música nas praças e em ambientes familiares também promove socialização. Há uma conexão profunda com as artes — seja na música, na literatura ou no cinema, especialmente na sétima arte, que é quase um patrimônio histórico-cultural. Essa vivência artística na cidade me inspira, não com a intenção de seguir uma carreira no campo das artes, mas pela força que elas têm de impactar a sociabilidade, a dinâmica urbana e, especialmente, o processo de criativo e de autoconhecimento.

Cresci imerso em um ambiente musical, onde a sonoridade fazia parte do meu cotidiano. Meu pai, dono de um bar, tocava Raul Seixas durante minha infância, criando uma atmosfera cheia de energia e rebeldia. Por outro lado, minha mãe, fã de ABBA, David Bowie, Queen e outros ícones da época, trouxe para minha vida uma diversidade sonora que se tornou essencial. Talvez, eu tenha ouvido essas músicas ainda no ventre materno, criando um vínculo sonoro mais profundo, que vai além da percepção consciente. Esse laço

entre mãe e filho, embora sutil e invisível, carrega uma força que transcende gerações, um elo essencial que me acompanha até hoje.

Meu irmão mais velho, por sua vez, sempre foi envolvido com a música. Ele teve uma banda e, até hoje, se dedica à música nas noites da cidade, além de ensinar fanfarra para seus alunos. Considero-o um grande educador popular, embora ele mesmo talvez não se veja dessa forma. Para mim, ele é uma verdadeira referência de como a música pode ser um elo poderoso de construção de comunidade, educação e expressão.

O termo que trago nesse capítulo é o de *resiliência-musical*, não se refere apenas à capacidade de superar adversidades por meio dessa arte, mas também à maneira como a musicalidade na sua vida, em suas diversas formas, se torna um vetor simbólico de transformação interna pelo sensível e até coletivamente com afinidades, a exemplo dos *shows*/concertos e amizades em longas filas de espera. Ela surge quando a música se torna um mecanismo de resistência diante das dificuldades da vida, os compositores que eu costumo acessar deixam isso claro em suas composições, seja na memória individual ou no contexto de uma vivência coletiva. Nesse âmbito, a música não é apenas um som ou uma melodia, mas um símbolo de permanência, adaptação e renovação.

A relação entre a música e a resiliência é profunda, pois a música possui uma capacidade única de atravessar temporalidades e fronteiras, mesmo as fronteiras com barreiras sociais bem visíveis. Ela se reinventa ao longo

das gerações, adaptando-se ao contexto sem perder sua essência, e, por isso, é um poderoso elemento simbólico de resistência e da alma. Quando alguém recorre à música em momentos de sofrimento/desespero, conflito ou calmaria, ela se torna mais do que uma fuga ou um afago temporário. A música é uma forma de existir simbolicamente, de criar sentido e de afirmar a própria identidade diante das adversidades externas ou internas.

A exemplo das músicas populares que surgem em momentos de opressão ou em tempos de crise sociopolítica. O símbolo de luta pela música, isso diz muito sobre o campo das artes na Saúde Coletiva, você percebe isso na Educação Popular. Ela não apenas documenta o sofrimento, mas também oferece uma narrativa de resistência e transformação, permitindo que as pessoas se conectem entre si, se reconheçam em suas dificuldades comuns e encontrem força em sua coletividade.

Além disso, a resiliência-musical se manifesta na prática cotidiana de músicos e ouvintes que, apesar das adversidades da vida, continuam a se expressar, a criar e a preservar as tradições musicais. A capacidade de adaptação e de transformar o que está dado em algo novo reflete a resiliência humana, ressoando no simbolismo de aprender e evoluir. Na minha adolescência, tive a oportunidade de começar a aprender violino. A música clássica sempre agradou aos meus ouvidos, e o violino, com sua complexidade, parecia antecipar uma vida de desafios. Os anseios de dominar as partituras e o aguçado ouvido para as notas acenderam uma nova

chama dentro de mim, tornando-se parte dessa tessitura intrincada que é o viver cotidiano.

Contudo, a resiliência-musical também se dá em um nível mais pessoal, o campo do autoconhecimento e associações que não seria possível na racionalidade. Ela pode ser uma forma de lidar com perdas (ou corações partidos), de expressar sentimentos que não conseguem ser ditos com palavras, e de criar espaços internos de acolhimento e transformação. Para muitos, ouvir uma canção pode ser uma forma de lembrar o passado, ressignificar a dor e, ao mesmo tempo, andar em direção ao futuro com uma nova perspectiva. A música tem o poder de devolver à pessoa o senso de pertencimento, de continuidade e de identidade. Assim foi durante esse período de adaptação transcultural no exterior.

Em um nível simbólico mais profundo, a ideia de resiliência-musical conecta-se intimamente à memória afetiva e coletiva. Nesse contexto, o termo não se refere apenas à experiência auditiva dissociada de seu significado, mas a um processo de vivência e transformação. A resiliência-musical simboliza a capacidade de enfrentar as adversidades da vida por meio da arte, afirmando a existência de forma ativa e significativa. É um movimento de renovação contínua da criatividade e da vitalidade, que transcende o tempo meramente cronológico. Esse conceito envolve a reconfiguração e reinvenção do indivíduo, encontrando força nas múltiplas formas de expressão musical que ressoam profundamente nos campos cognitivo e afetivo, ampliando os sentidos da experiência humana.

Nesse aspecto, lembro das vivências psicomotoras de formação pessoal que acessam esse campo de afeto e cognição a partir da experiência psicomotora na educação psicomotora (Bastos, 2000). Gostaria de ampliar mais as discussões no campo da Psicanálise, no entanto, as limitações de tempo e a necessidade de priorizar outras áreas de estudo, com a dinâmica de ser um pesquisador em formação, ainda não permitem esse aprofundamento.

Nessas andanças por Budapeste, tive a oportunidade de assistir a um concerto de música clássica realizado pela Orquestra da ELTE na renomada Academia de Música Franz Liszt. O programa incluiu a execução de *Ein Deutsches Requiem* (op. 45), de Johannes Brahms, uma obra-prima do repertório coral-sinfônico. A performance foi inesquecível, marcada pela profundidade emocional e pela excelência artística, deixando uma impressão duradoura em minha memória. Esse momento reforçou em mim a percepção da música como uma expressão universal, um poderoso elemento cultural capaz de transformar e conectar pessoas. Sem dúvida, essa foi a trilha sonora de toda a minha experiência no exterior.

Essa experiência também trouxe à tona lembranças de um antigo sonho musical, inspirado em minha mãe, que, na mesma idade que eu, também aprendeu a tocar, mas não deu continuidade aos estudos na música. Eu estudei violino por um tempo e, mais recentemente, antes dessa viagem, retomei as aulas. Motivado por essa redescoberta, decidi continuar os estudos, buscando melhorar minha concentração e manter o foco, mes-

mo sabendo da complexidade do violino. Ainda assim, guardo a certeza de que, em algum momento, retornarei a essa bela arte e a esse instrumento tão singular.

Talvez esse conceito de resiliência musical venha também do mistério dos sons, da precisão do estudo, dos encontros, das memórias e novas descobertas. Quando fazia fisioterapia, também tinha vontade de realizar um estudo sobre a postura dos músicos. Fica aí a dica para os novos pesquisadores.

As pontes, como nos filmes de fantasia, revelam mundos paralelos, e aqui, em Budapeste, esses universos coexistem entre Buda e Peste, elaborado no conceito subjetivo de *conforto térmico* discutido na tese de doutorado de Vieira (2022). O caos pulsante que cresce em um lado contrasta com a boemia burguesa/aristocrática do outro, enquanto os artistas parecem sobrevoar a cidade, captando a brisa dos tempos que se transformam em questão de dias ou semanas. Essa dualidade traz uma loucura saudável que paira sobre a cidade, como uma tela viva onde a vida se projeta de formas imprevisíveis.

No entanto, essa contemplação dos cenários e dinâmicas urbanas não é apenas um exercício de observação, mas uma jornada sensorial (o tal do sentir junto). A resiliência se torna o fio condutor dessa vivência, permitindo que mesmo em realidades que não correspondem aos sonhos, a capacidade de sonhar persista. Pois, se não pudermos sonhar, o que esperar da vida?

Sejam pesadelos ou sonhos lúcidos, o contraste entre a fantasia e a realidade encontra raízes profundas na

trajetória de quem carrega em si o solo quente e rachado de origens nordestinas. Não são meras palavras ou contrastes que derrubam um cearense, mas uma narrativa de quase a idade de Cristo em seu mártir que, entre as linhas, encontra aqui um momento de pausa para ressoar em sintonia/sinfonia. Nesse movimento de transição e permanência, a força se manifesta não apenas na resistência, mas também na contemplação do porvir.

As artes desempenham um papel fundamental no bem-estar humano, funcionando como poderosas ferramentas de expressão emocional, conexão social e promoção da saúde. Elas criam espaços de acolhimento e pertencimento, permitindo que as pessoas compartilhem experiências e sentimentos, transcendendo barreiras culturais e linguísticas. A música, em particular, tem a capacidade de manter os grupos unidos, fortalecendo os laços comunitários e as identidades coletivas. Em tempos de incerteza ou transformação, as artes não só oferecem conforto, mas também servem como fonte de inspiração (Mattos; Rangel, 2021, p. 404-405).

# Capítulo 8

## A sexta mudança

*Da janela ao corredor: 20 passos  
Um cigarro, a mesma cor  
Um dia pra gastar  
Quantas portas pra fechar lavar o cheiro e o gosto  
Foi sem hora pra voltar  
Feche os olhos quando eu for mostrar  
O meu mundo pra você que está sempre aqui  
Em tudo o que existe ao meu redor*

20 Passos - Pitty

Foram seis mudanças nos primeiros três meses de adaptação, fico imaginando como esse tempo é pouco, na perspectiva da existência, porém, como é muito no exíguo tempo do *corte pragmático* de um doutorado sanduíche no exterior, formalmente de seis meses, mas nunca ninguém sai ileso de nada nos encontros do pouco ou do muito tempo. Tudo é tempo, nas partidas de uma história que não fincou ou não deveria fincar.

Cada novo lugar que conheci me proporcionou uma sensação inicial de falsa segurança, mas, ao mesmo tempo, trouxe uma confiança crescente em mim mesmo e nas relações que fui construindo ao longo do

caminho. Não sou um jovem adulto que se moldou no niilismo europeu durante a juventude; venho com um foco mais definido e uma clareza de propósito. Isso, contudo, não me impediu de aproveitar ao máximo os caminhos que a vida oportunizou.

Essa determinação me levou a adotar uma postura quase *workaholic*, mesmo em momentos em que o ambiente ao meu redor, como nos verões de regiões onde os nativos europeus valorizam profundamente a desaceleração, pede o contrário. Enquanto muitos ao meu redor sabem exatamente o que significa reduzir o ritmo e relaxar, essa é uma experiência que ainda não consigo viver plenamente. A cada desafio enfrentado, essa diferença cultural me reforça a noção de que, embora a busca pela excelência seja importante, encontrar um equilíbrio entre produtividade e descanso é igualmente essencial.

Nessas idas e vindas que ainda não culminaram em despedidas definitivas, sinto que algo permanece inacabado nos encontros. Há uma sensação de desapego, mas também de pendências não resolvidas, palavras que ficaram presas na garganta. A insônia e os sonhos persistem, embora menos intensos do que antes. O tempo parece ter passado rápido, e a espera, que nunca foi meu forte, também não me pertence. As pessoas esperam muito, e talvez seja justamente essa expectativa não expressa que pesa mais do que qualquer palavra que ficou por dizer.

Essa sensação agridoce em Budapeste, na solidude conquistada, tem me levado a refletir profunda-

mente sobre a natureza dos relacionamentos. Começo a perceber que o paradigma em que vivemos está alinhado em desencontros, na dificuldade de nos alinharmos verdadeiramente uns com os outros. Muitas vezes, somos o próprio desencontro em ação, vivendo ciclos de expectativas e incompreensões mútuas. Essas divergências não devem ser vistas apenas como sinais superficiais; elas são, na realidade, indícios de questões mais profundas, que atravessam a vida em sua essência.

Reconhecer esses desencontros, porém, não significa apenas aceitar passivamente as dificuldades ou continuar no mesmo caminho. Pelo contrário, é um convite a repensar nossas atitudes, nossas escolhas e a forma como nos relacionamos. Em vez de insistir em padrões que nos levam a esses desencontros, talvez seja hora de buscar outros caminhos, novas formas de se conectar, que não perpetuem essa dissonância, mas que, ao contrário, promovam um entendimento mais autêntico e harmonioso.

Enquanto revisito as mil imagens de Budapeste, uma cidade onde o antigo e o moderno se entrelaçam com uma harmonia quase perfeita, comecei a refletir sobre o conceito de autenticidade. Esta é uma qualidade que, à primeira vista, parece nobre — algo que muitos desejam alcançar. Ao observar as fachadas dos prédios, que mesclam elementos clássicos com toques modernos e cuidadosos restauros, percebi como essa busca por autenticidade se reflete na própria arquitetura da cidade. A cidade, assim como seus edifícios,

parece nos mostrar que ser autêntico é saber integrar o passado e o presente, criando algo que ressoe com a verdade do que fomos e do que ainda podemos ser.

Budapeste, com sua capacidade de preservar o passado enquanto abraça o presente, torna-se uma metáfora para essa autenticidade que tantos buscam. Assim como os edifícios restaurados conseguem manter sua essência histórica ao mesmo tempo em que se adaptam aos tempos modernos, a verdadeira autenticidade talvez resida na capacidade de sermos fiéis a quem somos, sem deixar de nos transformar e evoluir. Esse ajuste harmônico entre o clássico e o contemporâneo (nem sempre sustentável), visível nas ruas da cidade e nas universidades, me fez refletir sobre como a autenticidade é, em última análise, uma sutileza entre o ser e o tornar-se, entre o preservar e o inovar.

As leituras que fazemos do mundo são, em grande parte, exercícios permeados por autossabotagem e julgamentos prévios. Temos a tendência de interpretar os fatos à luz de nossos preconceitos e inseguranças, muitas vezes ignorando a possibilidade de uma perspectiva mais metafísica e profunda que nos permita criar algo expressivo para o presente. Seria mais fácil se pudessemos fazer isso, mas raramente é.

Talvez a verdadeira válvula de escape para esses olhares julgadores, conscientes ou inconscientes, esteja na maneira como interpretamos nossos próprios traumas. Para tanto, é necessário muito discernimento para distinguir o que realmente nos pertence e o que

foi projetado sobre nós. Só assim é possível decidir se seguimos o fluxo das expectativas externas ou se escolhemos remar contra a corrente, buscando um caminho mais autêntico.

Enquanto caminhava pela Rákóczi tér, minha sexta nova morada em Budapeste, no Distrito 8 – curiosamente, meu número da sorte –, fui surpreendido por uma cena inesperada que me levou a refletir mais uma vez. Atravessei a praça e avistei um rapaz alto, com os cabelos soltos e uma camisa desabotoada que deixava o peito à mostra, apressado e com uma rosa presa entre os dentes. Parecia estar a caminho de entregar a flor a alguém, ou talvez a tivesse acabado de receber. Todos ao redor pararam por um instante, como se testemunhassem uma cena tirada de um filme, carregada de um simbolismo que transcendia palavras.

Esse momento me levou a desconstruir os estereótipos silenciosamente impostos, moldados por narrativas que frequentemente associam certas comunidades à ideia de perigo. A simplicidade e a beleza da cena evocaram a memória de Johannes Brahms, que, ao se encantar não apenas pelo povo camponês, mas também pela música vibrante nos cafés húngaros, encontrou inspiração no povo cigano para compor as célebres *Hungarian Dances*. A energia e o espírito dessa cultura, capturados por Brahms em sua obra, pareciam ressoar naquele cenário, revelando a capacidade da arte e da humanidade para transcender julgamentos e iluminar a beleza do cotidiano. Um colega húngaro

da academia comentou comigo que aquela comunidade se fortalece quando se depara com oportunidades atuais — uma esperança que, ali, se refletia nas ruas da cidade.

A experiência de ser um imigrante de primeira viagem é, por si só, um processo desafiador, com uma série de ajustes e adaptações a serem feitas, tanto no plano físico quanto psicológico. Para alguém vindo do nordeste brasileiro, essa mudança assume uma complexidade adicional, pois envolve não só a adaptação a um novo local, mas também o rompimento com a familiaridade de um contexto social e cultural distinto. A sensação de deslocamento, de estar em um novo lugar onde as referências e o cotidiano mudam drasticamente, é um dos aspectos mais imediatos e intensos dessa experiência.

No contexto da falsa segurança, há uma percepção de instabilidade que o imigrante pode ter nessas mudanças. Esse sentimento de segurança é ilusório, pois, ao chegar ao novo ambiente, nos deparamos com realidades desconhecidas e muitas vezes desafiadoras. Para um imigrante que cresce em um ambiente marcado pela violência social, como é o caso do nordeste brasileiro, a expectativa de que a mudança de cenário proporcionará uma segurança imediata pode ser frustrada, já que somos surpreendidos por outros desafios parecidos ou traumáticos.

O nordeste brasileiro, embora seja uma região rica culturalmente e com muitos recursos, também en-

frenta grandes desafios no que diz respeito à violência urbana, desigualdade social e falta de infraestrutura. Para um imigrante, deixar essa realidade ressignifica lugares, mas também implica enfrentar a saudade da familiaridade e a dor de um passado difícil.

Mesmo diante das adversidades, o imigrante pode carregar consigo um certo conforto gerado pelas relações sociais, familiares e culturais de sua terra natal, nesse caso, as brasilidades. Essa segurança necessária e confortável pode ser vista como uma forma de proteção emocional, uma maneira de lidar com as dificuldades cotidianas.

A segurança, no caso do imigrante, é vital. Ela não se refere apenas à ausência de perigo físico, mas também ao sentimento de estabilidade emocional e social. No novo país ou cidade, esse sentimento de segurança é muitas vezes abalado, por isso a necessidade de uma boa e firme rede de apoio. Para o imigrante, ainda mesmo que na condição de estudante, o desafio é reconstruir essas seguranças em um novo ambiente, o que exige tempo, resiliência e uma constante reconfiguração da identidade pessoal.

O processo de adaptação ao novo país é também uma transformação interna. Tempo para ajustar os valores, novas formas de convivência e até mesmo novas linguagens. Isso gera conflitos internos, como o desejo de preservar a identidade cultural e, ao mesmo tempo, a necessidade de se integrar à nova sociedade.

# Capítulo 9

## **Corpo-cidade e as memórias sociais do clima, da política e das loucuras coletivas**

*O que o corpo deixa transparecer nos registros de ação e movimento, tratamos como corpografia urbana do medo*

Marcelus Gonçalves Ferreira.

As influências do clima, a turbulência política, as tensões sociais e até as interações cotidianas começaram a se entrelaçar de uma forma que, inicialmente, parecia desconexa, sem relação aparente. No entanto, com o tempo, essas experiências passaram a fazer sentido dentro do campo subjetivo e astuto da mente humana, onde as nuances dessas vivências se manifestam e revelam outros aspectos. Os terrores noturnos que experimento de vez em quando parecem revelar algo das profundezas do inconsciente.

Na obra *Medo Líquido*, Zygmunt Bauman (2008), explora como o medo se tornou uma característica central da vida na modernidade líquida dos impulsos e fugacidades. Ele argumenta que, em tempos contemporâneos, vivemos em uma sociedade marcada por incerteza e imprevisibilidade, onde as instituições tradicionais perderam a estabilidade.

Bauman descreve o “medo líquido” como um medo difuso e incerto, diferente do medo concreto de épocas anteriores, quando as ameaças eram mais palpáveis e localizáveis. Na modernidade líquida, o medo se espalha por diversas áreas, como a economia, o terrorismo, o crime, as crises ambientais e a potencializada fragilidade das relações humanas.

Para Bauman (2008), essa sensação de insegurança constante afeta profundamente as interações sociais e a maneira como os indivíduos se relacionam com o mundo. O medo torna-se um mecanismo de controle social, sendo explorado por governos, corporações e mídias, o que contribui para uma sociedade marcada pela desconfiança e pelo isolamento.

Em resumo, *Medo Líquido* infere sobre o sentimento generalizado de insegurança que permeia a vida moderna com suas falhas institucionais, onde o medo não é facilmente identificável, mas é constantemente presente, moldando comportamentos e interações sociais.

Recuar para longe do caos cotidiano e observar, mesmo que, às vezes, a partir da vitrine das redes sociais, permite enxergar o mundo sob outra perspectiva, ressignificar os medos e perceber outros.

Os eventos que antes pareciam apenas sombras se revelam como parte de um jogo de intuição constante, onde o presente se entrelaça com as memórias coletivas e as narrativas das cidades. Nesse espaço, marcado pela alienação generalizada que nos cerca e nos insere, na frenética validação e status, proponho

um novo lugar – um refúgio onde a saúde emocional e as relações mais autênticas podem florescer, distante dos desgastados papéis, mas esse lugar não é físico, não estou falando de uma mera mobilidade acadêmica.

Nesse contexto, o *corpo-cidade*, agora, emerge como metáfora central: o corpo humano conectado à pulsação urbana, absorvendo e refletindo as tensões do clima, da política e das loucuras coletivas. É nesse ambiente que as memórias sociais se formam e se transformam, ressignificando as experiências e reafirmando a importância de buscar espaços de renovação diante das alienações impostas pelo tempo presente e nas vitrines dos estereótipos fixados em *posts* dicotômicos.

Morar em cidades cosmopolitas é uma experiência que desafia os limites da nossa própria identidade. As ruas, pulsando com vozes diferentes de todos os cantos do mundo, nos absorvem em uma sinfonia caótica, igual a sirene alta das equipes de segurança e saúde que cortam rápido a cidade. Cada lugar é um convite para descobrir algo novo, seja uma língua desconhecida ou uma expressão artística que transcende barreiras culturais. No entanto, essa multiplicidade também nos exige adaptação. A diversidade, embora rica e vibrante, coloca-nos frente a frente com os atritos que surgem quando tantas formas de ver o mundo se encontram e se colidem. Assim, o processo de assimilação da nova cultura se torna uma dança delicada, onde o equilíbrio entre preservar nossa essência e adotar os novos elementos ao nosso redor é constantemente desafiado.

O clima da cidade, com suas oscilações de temperatura e humores, não se refere apenas ao tempo atmosférico, mas à atmosfera emocional que ela gera em nós. O calor das multidões no verão, o vento gelado que corta as ruas no outono, e até a chuva repentina, refletem o ritmo peculiar e, muitas vezes, impessoal da vida urbana. Em meio à agitação, a busca por uma rotina que traga algum tipo de estabilidade torna-se uma tentativa quase poética de encontrar um abrigo no caos. No entanto, essa busca é contínua e, por vezes, frustrante, pois a cidade, com toda sua grandeza, é também indiferente às fragilidades individuais.

Ao mesmo tempo, as relações humanas em uma cidade cosmopolita podem ser profundamente paradoxais. Por um lado, somos constantemente expostos a novas possibilidades de conexão, a uma rede de pessoas que compartilham interesses e histórias distintas. Por outro, a velocidade da vida urbana e os preconceitos muitas vezes tornam as interações superficiais e efêmeras.

Então, a cidade é como uma companheira nas engrenagens do sistema social. Nesse cenário, a cidade não apenas nos oferece oportunidades, mas também nos testa, nos obrigando a confrontar a natureza efêmera das conexões humanas e a repensar o que realmente significa pertencimento.

E, se a cidade nos desafia no campo pessoal, também o faz no terreno sociopolítico. Uma metrópole cosmopolita, por mais que se orgulhe de sua diversidade, é marcada por inúmeras divisões. As tensões sociais estão sempre latentes, e as desigualdades, embora disfarçadas sob uma fachada de liberdade.

# Capítulo 10

## Brasilidades: (dis)sabores e sincronicidades

Na realidade, todos nós buscamos algo em nossas vidas: um desejo que deve ser reconhecido e compreendido. No entanto, nem todos estão dispostos a explorar o que isso realmente significa internamente, é um convite. Às vezes, é a sensibilidade que nos permite perceber nuances da vida que passam despercebidas. Não me refiro apenas à (neuro)divergência, mas a uma abertura para as experiências humanas que muitas vezes são ignoradas, como a *magia* que alguns tentam desconstruir, mesmo no contexto da vanguarda acadêmica.

Além disso, é possível dialogar sobre esses temas de maneira amigável e não confrontacional. É possível, com gentileza, contornar os sinais de alerta — as chamadas *red flags* — em uma conversa, sem gerar tensão. Vivemos tempos que pedem comunicação não violenta e uma autoanálise nas relações.

A sutileza na comunicação, no entanto, não se limita às palavras, mas também se manifesta na linguagem corporal e nos códigos culturais que variam entre sociedades. Guiado pelos tambores que marcam ritmos não estereotipados, mas singulares, percebo como certas nuances culturais — como a sutil sexualização que

o europeu parece não distinguir — atravessam as interações sociais. O charme latino, frequentemente interpretado de forma ambígua, carrega consigo a marca da herança brasileira, onde a expressividade e a esperteza exacerbada moldam as relações e a percepção do outro.

A observação de que o europeu parece não perceber essas nuances sugere uma diferença nas sensibilidades culturais. Muitas vezes, interpretações que simplificam ou reduzem as diversas expressões culturais, levando a mal-entendidos sobre o que realmente constitui o que é ser brasileiro/estrangeiro/latino. Essa percepção superficial pode ofuscar as ricas tradições indígenas e africanas que informam a identidade cultural da América Latina.

O *charme do latino* vai além da aparência física e envolve aspectos como hospitalidade, vivacidade e paixão que caracterizam interações sociais marcantes. A herança cultural é densa em tradições, folclore, culinária e formas de expressão artística, contribuindo para uma identidade coletiva vibrante e acolhedora no possível. Essa tapeçaria cultural de autenticidade.

O *acentuado grau de esperteza* refere-se à habilidade dos brasileiros em navegar em situações sociais complexas, utilizando humor e astúcia para estabelecer conexões e ultrapassar os desafios. Essa forma de esperteza, muitas vezes, considerada uma manifestação de resiliência, permite que as pessoas se adaptem e prosperem em outros ambientes, transformando dificuldades em oportunidades. Quando essa esperteza

é aplicada de maneira positiva, sem intenções maliciosas, ela se torna uma qualidade admirável e atraente, refletindo a beleza da criatividade e da solidariedade presentes na cultura brasileira, até invejável.

Cada pessoa carrega consigo uma história de perda que, de forma indelével, afetou a bússola dos sentidos e dos afetos, guiando-os até o presente. Este espaço, dedicado ao estudo e/ou ao trabalho, torna-se um refúgio onde as teorias acadêmicas, antes tão importantes, parecem agora pequenas e limitadas diante da vastidão das experiências humanas. O cotidiano, marcado por desafios e superações, traz uma perspectiva mais pé no chão, revelando que a vida real muitas vezes transcende as palavras e conceitos que tentamos articular.

As histórias que escutei são como fragmentos de vidas entrelaçadas, cada uma refletindo dores e alegrias marcantes. Não irei contar essas histórias, pois respeito a privacidade de cada um; elas são confidenciais e sagradas. Esses relatos são sentimentos que fluem no ar, semelhantes à fumaça de um cigarro que se dissipa lentamente, trazendo à tona lampejos de conexões com o divino. Cada palavra não dita carrega um peso emocional, quase como um mantra que evoca a expulsão de uma nova vida ou o reconhecimento do fim de um ciclo.

Nesse espaço de convivência, as experiências coletivas e individuais se entrelaçam, criando um ambiente onde o aprendizado não é apenas acadêmico ou trabalhista no sentido técnico, mas profundamen-

te humano. Cada riso, cada lágrima, cada momento de vulnerabilidade contribui para um mosaico vibrante de emoções, onde a dor e a esperança coexistem. Assim, percebemos que, por trás de cada rosto e expressão, há uma narrativa única — uma busca incessante por significado e conexão que transcende as fronteiras teóricas e, muitas vezes, os próprios limites do mundo transcultural. O que se revela é um grande testemunho da força e da fragilidade humana, onde o estudo e o trabalho se tornam veículos não apenas de conhecimento, mas também de cura e transformação.

As contradições divinas permeiam essas narrativas, ainda que talvez não com a mesma reverência com que Mór Jókai descreveu o Brasil no século XIX (Pál, 2024) ou sua afeição fállica pelo país e seu povo. O deslumbramento diante do exotismo, da exuberância e da singularidade, tão distantes da realidade húngara, parece ter se enraizado na memória coletiva, resultando em uma relação agridoce que persiste até os dias atuais. Nesse contexto, observa-se uma polarização política entre os jovens, que oscila entre o desejo por uma vida civilizada e a busca da própria individualidade.

É inspirador perceber como suas reflexões sobre a vida não apenas conectam pessoas com ideias semelhantes, mas também instigam a curiosidade daqueles que pensam de maneira diferente. Esses encontros criam oportunidades para explorar valores de forma enriquecedora e respeitosa, demonstrando que, mesmo em tempos de conflito, o diálogo ainda pode ser um caminho viável dentro de uma sociedade minimamente civilizada.

Lembro-me da fala de um colega britânico que afirmou orgulhosamente “*Cause I’m polite*”. A frase ecoou em diferentes situações, ilustrando como a cortesia pode influenciar interações sociais e dinâmicas comunicativas. A adoção de uma comunicação respeitosa não apenas fortalece as relações interpessoais, mas também pode mitigar conflitos e promover um ambiente de diálogo mais produtivo — um princípio relevante em qualquer contexto, inclusive no Leste Europeu.

Foi necessário percorrer longas distâncias e refletir sobre esse todo, distante de qualquer estereótipo narcísico. Essa jornada contribuiu para o fortalecimento dessa integridade. Nesse processo, tornou-se possível reconhecer as raízes profundas que permaneceram. De alguma forma, essas raízes não apenas sustentam o crescimento pessoal, mas também inspiram e influenciam positivamente aqueles que compartilham do meu caminho.

Fazendo novas associações, percebo que a nectarina é a estrela do verão nos supermercados locais. Inevitavelmente, isso me remete ao Ceará, onde a temporada das mangas e cajus se aproxima, tingindo o final do ano com cores e sabores característicos. Lá, as chuvas esparsas alternam-se com a intensidade dos raios UV, criando cenários únicos. Por muito tempo, acreditei que a nectarina fosse apenas uma variação do pêssego, mas hoje reconheço seu frescor distinto, que harmoniza perfeitamente com os dias longos de verão daqui, em um interessante contraponto às frutas tropicais.

Hoje, conversei com um amigo húngaro que conheci na academia do bairro (4%), alguém por quem tenho grande apreço por ser *abrasileirado*. Ele é uma mente brilhante, com um ego discretamente inflado, mas profundamente marcado por experiências intensas e por um coração que carrega cicatrizes. Compartilhei com ele que faltam apenas 41 dias para o Natal e que comecei a contá-los hoje, pois já tenho minha passagem de volta para casa — aquele lugar de acolhimento que, com o tempo, aprendi a valorizar ainda mais. Ele compreendeu esse sentimento de imediato, talvez porque, como muitos aqui na capital, também carrega raízes no interior, em cidades mais tranquilas, que contrastam com a agitação incessante da metrópole.

Percebo que a diferença entre nós, por vezes, se reduz a uma questão de perspectiva: viver em busca de uma sociedade mais justa, enfrentando as batalhas cotidianas, enquanto lidamos com a constante transformação do clima – um desafio que sempre nos convida a recomeçar.

Vivemos em um mundo onde as sombras e as luzes se entrelaçam, e cada um carrega as suas e seus enigmas. Com o poder da internet nas mãos, muitas vezes as pessoas revelam suas fragilidades mascaradas. Mesmo assim, seguimos buscando um equilíbrio, como quem tenta colorir o mundo, ainda que nem sempre seja possível.

O processo envolve permitir o resfriamento gradual, igual às estações do ano que atravessei por aqui, tudo é temporário, tudo. Porém, reconhecendo que as tentativas anteriores não foram infrutíferas, mas eta-

pas necessárias para ajustar e reconciliar lacunas previamente identificadas. Há uma vigilância ativa sobre as variáveis em jogo, ainda que possa persistir uma certa ingenuidade quanto à complexidade das brasilidades e aos aspectos éticos das interações humanas nessa análise geral sociológica.

O psicoterapeuta Flávio Gikovate (2009), ao abordar as complexidades das relações humanas, enfatiza a relevância do autoconhecimento e da autenticidade em nossos vínculos. Contudo, ele também alertava que expor nossas vulnerabilidades pode despertar reações diversas, por vezes atraindo pessoas que buscam exercer controle ou poder sobre os outros. Essa percepção ressoa nas nuances da experiência vivida, onde a fragilidade encontra diferentes olhares e interpretações.

Gikovate destacava ainda que, ao desvelar fragilidades, enfrentamos o desafio de lidar com a possibilidade de sermos vistos como *corpos melancólicos* – por vezes, difíceis de compreender ou acolher. Essa percepção, que atravessa o campo das emoções, encontra eco na jornada prática do dia a dia, marcada por desafios externos e internos.

Enquanto isso, a rotina cotidiana segue seu curso: no *notebook*, um lembrete aparece pontualmente, marcando o Dia da Bandeira do Brasil com seu símbolo nacional destacado. Lá fora, as temperaturas já caíram para menos de cinco graus, e a transição entre o outono e o inverno exige um aprendizado constante para enfrentar o frio que se intensifica.

Do outro lado o jornal expressa: “nesta sexta-feira, um ciclone vindo do Mediterrâneo trará neve à maior parte da Hungria. Os condados do Norte e do Oeste deverão enfrentar uma cobertura significativa de neve.” As palavras ressoam, misturando-se ao ar gelado, enquanto a mudança das estações transforma não apenas a paisagem, mas também as pequenas batalhas diárias para se adaptar a esse novo clima.

Nada tão difícil quanto parece, mas é processual para um corpo nordestino acostumado ao calor, a primeira geada é um impacto. A descoberta de como ligar o aquecedor com o auxílio do *Google Lens* e do *YouTube* trouxe alívio em meio à febre, evidenciando que, mesmo após três estações, o inverno é inegociável.

As amigas do doutorado que são nutricionistas, ao receberem relatos da adaptação, resumem: “Tentando sobreviver, né?!”. De fato, essa é a sensação em meio às dificuldades que, no exterior, ganham camadas adicionais – o clima gélido, os desafios sociais e os choques culturais ainda intensos após apenas alguns meses. No entanto, a experiência também carrega momentos de pertencimento, moldados por pequenos detalhes que dão significado ao presente.

No campo das incertezas, o desconhecido desafia e ensina. Embora o tempo cronológico pareça insuficiente para transformar tudo, as memórias criadas nesse intervalo ficam gravadas. Em um mundo de inteligência artificial e mudanças climáticas, onde tudo é rapidamente passageiro, a conexão entre o efêmero

e o duradouro emerge, trazendo uma nova percepção da temporalidade e daquilo que realmente permanece.

Na madrugada de uma sexta-feira de novembro de 2024, por volta da 1h, começou uma leve chuva misturada com neve, conhecida como *havas eső* (em húngaro). Parecia ser o grande evento da cidade naquela noite. Passei alguns minutos admirando a cena, mesmo que fosse apenas uma neve tímida, como se estivesse anunciando discretamente a chegada definitiva do frio. Não aguentei muito tempo, afinal, estava só de pijama, e acabei indo dormir, torcendo para que nevasse ainda mais. Os brasileiros, como de costume, brincam no grupo do *Whats App* sobre a situação.

Foi uma experiência única para mim, um cearense vendo neve pela primeira vez. Na manhã seguinte, finas camadas de gelo e lama das folhas das árvores haviam coberto toda a cidade, assim como os telhados das casas, transformando o cenário em algo completamente diferente do que encontrei ao chegar. Antes de sair, finalmente tirei da mala as roupas de frio que ganhei dos colegas no último *farewell party* da firma, já que no Ceará, nunca precisei usá-las. Apesar de já ter enfrentado 1°C em Curitiba, viver aquele momento em Budapeste, no dia seguinte à neve, teve um gostinho pleno de novidade.

Era como um recomeço, algo carregado de simbolismo. No entanto, confesso que os blocos de gelo espalhados pelas ruas traziam a sensação de estar dentro de uma geladeira com degelo seco – daquelas que

não são *frost-free*. Durante a noite, com o frio intenso, uma fina camada de água congelou, transformando o cenário em uma paisagem fascinante. Foi interessante observar a tensão entre o romantismo atribuído ao período de neve e o caos que ele pode provocar nos transportes, nas calçadas escorregadias e nos pequenos deslizamentos, literais e figurativos, da vida em sociedade.

# Capítulo 11

## **Ser pesquisador visitante na *Eötvös Loránd University***

*Education is the passport to the future, for tomorrow  
belongs to those who prepare for it today.*

Malcolm X

Tudo começou com as articulações no campo de pesquisa do Grupo de Pesquisa Vida e Trabalho (GPVT) e do Laboratório de Humanização da Atenção em Saúde (LHUAS), da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Nesse contexto, tive a honra de ser orientado pelo líder do grupo, professor doutor Jackson Sampaio, detentor do título de Doutor *Honoris Causa* pela Faculdade de Educação e Psicologia (*Pedagógiai és Pszichológiai Kar – PPK*) da Eötvös Loránd University (ELTE). Essa trajetória foi marcada pela contribuição de figuras notáveis que impulsionaram os possíveis encontros, os quais hoje alcançam projeção significativa, inclusive em eventos internacionais.

Destaco nessa articulação, por exemplo, o professor Dr. Pál Ferenc, catedrático da ELTE (2020) e professor do curso de Leitorado Húngaro da Uece, no qual participei por três edições. A última, realizada este ano, foi particularmente proveitosa, pois, estando exclusiva-

mente a estudar em Budapeste, pude me dedicar integralmente, ao contrário das edições anteriores, quando dividia meu tempo entre trabalho e estudos no Brasil. Menciono também o professor Dr. Bálint Urban, jovem docente da ELTE, que me apresentou ao renomado campus de Letras e sugeriu leituras importantes em húngaro; meu supervisor durante o doutorado sanduíche na Faculdade de Educação e Psicologia da ELTE, o professor Dr. Róbert Urban, carinhosamente chamado de Robi; e D’Mari Sanka, natural da Guiné-Bissau, com a qual compartilhamos a lusofonia e me proporcionou apoio na articulação de moradia nos primeiros dias da minha chegada à cidade.

Movido pelo desejo de estudar em uma universidade no exterior e alcançar um nível acadêmico mais avançado, compartilho aqui os desafios e conquistas dessa trajetória. A experiência de atuar como pesquisador em uma instituição estrangeira, especialmente em uma universidade secular que se destaca pelo avanço contínuo em inovação e tecnologia, tem se revelado extremamente enriquecedora. Essa característica, a meu ver, reflete o perfil do povo húngaro, reconhecido por sua notável precisão e inteligência na transformação de intenções em realizações, sempre considerando as nuances e complexidades do processo.

A pesquisa científica realizada por meio de parcerias interinstitucionais tem sido um pilar fundamental do trabalho desenvolvido, especialmente na colaboração entre a Universidade Estadual do Ceará (Uece) e

a Universidade Eötvös Loránd (ELTE), em Budapeste. Esse intercâmbio tem permitido a ampliação do conhecimento em áreas estratégicas e proporcionado avanços concretos, resultando no desenvolvimento de dois produtos acadêmicos previamente planejados.

A estudo foi facilitado pelo acesso ao amplo acervo internacional disponibilizado pela ELTE. A conexão à rede *wi-fi* da biblioteca da universidade, por exemplo, garantiu acesso imediato a bases de dados globais, um recurso essencial para a construção do Protocolo de Revisão Sistemática que fundamenta parte da tese de doutorado. Além disso, sob orientação do supervisor no exterior, foram indicadas referências metodológicas relevantes, com destaque para Revisão Sistemática em Ciências Sociais (Petticrew; Roberts, 2006).

O protocolo de revisão sistemática tem como objetivo analisar a relação entre intervenções em saúde e políticas organizacionais voltadas para a saúde dos trabalhadores. Esse tema está diretamente ligado à minha trajetória profissional, especialmente à experiência como tutor em um programa de pós-graduação na modalidade de residência em saúde, do qual também sou egresso.

A pesquisa busca comparar a efetividade das intervenções em saúde com a presença — ou ausência — de políticas organizacionais que, muitas vezes, não alcançam de fato os trabalhadores da área. Afinal, promover ações voltadas à saúde torna-se insuficiente quando problemas estruturais, como a precarização dos vínculos empregatícios, continuam a ser negligenciados.

Embora o foco do estudo esteja no setor da saúde, a abordagem metodológica adotada pode ser facilmente adaptada para outras áreas, como a Educação, ampliando seu alcance e aplicabilidade.

A experiência internacional na ELTE também me motivou a aprofundar os estudos em idiomas, especialmente húngaro e inglês, explorando suas histórias e contextos culturais. Apesar disso, mantive o foco na elaboração do Protocolo de Revisão Sistemática, contando sempre com o suporte valioso do Prof. Dr. Valter Filho, da Uece, cuja paciência e competência no ensino desse método de pesquisa são dignas de admiração na carreira acadêmica internacional.

Essa vivência ressaltou a importância da colaboração acadêmica e do intercâmbio de conhecimentos entre pesquisadores de diferentes instituições e nacionalidades. A troca de experiências e metodologias fortalece a qualidade das pesquisas, amplia perspectivas e contribui para a produção de conhecimento mais sólido e aplicável. Esse cenário reforça a necessidade de parcerias interinstitucionais, que possibilitam avanços científicos com maior impacto.

As disciplinas do doutorado, como Internacionalização, Letramento e Epistemologia, desempenharam um papel fundamental no enriquecimento dessa experiência, proporcionando uma preparação acadêmica mais sólida antes da viagem. Esse embasamento não apenas permitiu conexões valiosas, mas também impulsionou os desdobramentos futuros da nova jornada.

Além disso, a disciplina cursada de forma remota, voltada para a preparação ao doutorado sanduíche, teve um impacto significativo. Nesse contexto, os conselhos da professora Dra. Rossana Pacheco, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), durante as aulas, foram extremamente esclarecedores e inspiradores, contribuindo de maneira decisiva para a construção desse percurso acadêmico.

Essa trajetória, marcada por encontros enriquecedores, aprendizados intensos e a superação de barreiras pessoais, reafirma a força transformadora da educação e da pesquisa em contextos multiculturais. Desde o acesso a oportunidades acadêmicas inéditas até o enfrentamento dos desafios de adaptação em um país estrangeiro, cada etapa evidenciou como a troca de saberes entre diferentes culturas e instituições pode ampliar horizontes, fortalecer competências e inspirar novas perspectivas. A convivência com professores, colegas e pesquisadores de diferentes origens não apenas contribuiu para minha formação científica, mas também proporcionou um profundo entendimento das dinâmicas culturais e acadêmicas que moldam o cenário internacional da pesquisa.

As discussões constantes no grupo de mais de mil doutores em formação espalhados por diversos países evidenciam os desafios enfrentados, especialmente no que diz respeito às questões burocráticas. Apesar dessas dificuldades, é fundamental valorizar e defender o programa de doutorado sanduíche no exterior, que tem

proporcionado experiências acadêmicas e culturais transformadoras a muitos pesquisadores brasileiros, ampliando suas perspectivas e contribuindo significativamente para o desenvolvimento do conhecimento.

Embora o valor das bolsas oferecidas pela CAPES (Brasil, 2024) não tenha sido reajustado há algum tempo, o que pode dificultar o custeio da vida no exterior, a oportunidade proporcionada por esse tipo de apoio é de grande valor para os pesquisadores. Ser contemplado com uma bolsa do governo brasileiro não apenas facilita o acesso a instituições de excelência global, mas também favorece uma rica troca de conhecimentos e a ampliação de redes de colaboração internacional, essenciais para o avanço da pesquisa científica.

Essas vivências fortalecem não apenas as pesquisas individuais, mas também a ciência brasileira como um todo, inserindo-a em debates globais e fomentando o retorno de novas perspectivas para o desenvolvimento do país. Portanto, mesmo diante das adversidades, a defesa e o aprimoramento de programas como este são imprescindíveis para garantir a continuidade do avanço científico e cultural do Brasil no cenário internacional.

Estudar na Hungria foi, para mim, muito mais do que uma etapa acadêmica em construção; foi uma oportunidade ímpar de crescimento pessoal e profissional em um ambiente culturalmente diverso e intelectualmente estimulante, em todos os sentidos. Embora isso tenha implicado algumas dificuldades de adaptação em certos momentos, estas foram superadas.

Como doutorando em Saúde Coletiva e pesquisador visitante na ELTE, vivenciei uma realidade onde história, inovação, tradição acadêmica e poética coexistem de maneira única.

A capital da Hungria, com sua vasta herança cultural, apresenta-se como um mosaico de influências históricas que moldaram não apenas seu território, mas também a mentalidade de seu povo, isso é perceptível depois de meses aqui, por isso tão importante estudar e assimilar a cultura local vivendo naquele lugar. Essa convivência entre o passado e o presente é palpável na ELTE, uma instituição secular que equilibra seu legado com avanços contemporâneos em pesquisa e ensino. Participar desse contexto foi mergulhar em um espaço que, ao mesmo tempo, valoriza a tradição e busca incessantemente a inovação, não à toa, a universidade leva o nome de um laureado cientista local.

A transculturalidade dessa experiência se manifestou de maneira intensa e transformadora durante seis a sete meses de intercâmbio, nos quais cada mês parecia se estender como um ano. O idioma húngaro, com sua gramática complexa e raízes distintas, representou um desafio considerável, mas também despertou um profundo respeito por uma cultura que se expressa de maneira tão única, como uma narrativa de resiliência e renovação em meio às guerras. Não falo de um nacionalismo explícito, mas da forma como a sociedade, de maneira antropológica, se reinventa. Para-

lealmente, o uso do inglês como língua franca facilitou interações acadêmicas com colegas e professores de diversas partes do mundo, criando um ambiente verdadeiramente enriquecedor.

Conviver com a cultura húngara revelou muito mais do que as impressões superficiais de um visitante. Entre conversas informais, refeições com pratos típicos e discussões sobre temas históricos e políticos, pude perceber um povo resiliente, profundamente conectado às suas raízes. A experiência em Budapeste, uma cidade vibrante e cosmopolita, ampliou ainda mais minha compreensão sobre a relação entre cultura, história e inovação.

A interação com pesquisadores locais e internacionais não apenas expandiu minhas perspectivas, mas também me motivou a explorar estudos para além dos parâmetros tradicionais da minha área de estudo, além de proporcionar uma visão das diferenças nos estilos e sistemas educacionais.

Essa experiência transcultural, mais do que enriquecer minha formação como pesquisador, proporcionou um aprendizado sobre generosidade, adaptabilidade e visão de mundo. Não se tratou apenas de aprimorar minhas habilidades acadêmicas, mas também de compreender o valor das trocas humanas e culturais, que influenciam profundamente nossas perspectivas como cidadãos e nossas ações como cientistas em formação. Relato, a seguir, as principais atividades desenvolvidas na ELTE como pesquisador visitante.

Durante minha experiência internacional, tive a oportunidade de participar de uma visita técnica institucional que foi um passo fundamental para minha integração acadêmica. A atividade incluiu o acesso aos laboratórios do programa de PhD em Educação e Psicologia (ELTE), oferecendo uma visão mais detalhada da infraestrutura e dos recursos disponíveis. Essa oportunidade foi possibilitada pelo coordenador do curso de Psicologia, que também é meu supervisor no exterior. Seu apoio foi essencial para viabilizar essa experiência inicial, destacando-se como uma contribuição importante para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Particpei de aulas no âmbito do programa de mobilidade estudantil CHARM-EU (2024), focadas em projetos de intervenção e promoção da saúde em nível global (Glanz; Rimer; Viswanath, 2008), com a participação de estudantes de mestrado de diversas universidades europeias. As atividades foram estruturadas em exposições e debates, abordando principalmente a qualidade de vida de jovens em situações de consumo de álcool e iniciativas voltadas para populações migrantes. A análise desses temas evidenciou sua relevância em contextos locais, como o do estado do Ceará, no Brasil, que possui um histórico significativo de acolhimento de imigrantes e refugiados.

Durante as discussões, percebeu-se que muitos estudantes ainda estavam em um estágio de assimilação conceitual, especialmente no que se refere às distinções entre imigrantes e refugiados. Esse cená-

rio, característico de um ambiente de aprendizado intenso e desafiador, refletiu a abordagem pedagógica húngara no ensino de pós-graduação internacional, que valoriza a troca ativa de ideias e a construção do conhecimento por meio do debate. Nesse contexto, os professores desempenharam um papel fundamental ao corrigir conceitos errôneos e aprofundar o entendimento dos temas, contribuindo para uma maior clareza e aprofundamento da discussão. A metodologia do ensino húngaro, que favorece a reflexão crítica e o engajamento contínuo dos alunos, foi crucial para o enriquecimento do debate e para a formação de uma visão mais abrangente sobre as questões tratadas.

Essa experiência se destacou não apenas pela relevância dos temas discutidos, mas também pela oportunidade de compreender as intersecções entre diferentes sistemas educacionais. A dinâmica evidenciou como esses sistemas podem ser simultaneamente divergentes e complementares, ressaltando a importância de estratégias pedagógicas integradoras. Nesse contexto, o apoio contínuo dos docentes foi fundamental, não apenas para esclarecer conceitos, mas também para proporcionar o suporte necessário aos discentes ao longo do processo de aprendizagem, garantindo um entendimento mais assertivo e uma assimilação mais eficaz dos conteúdos debatidos.

A experiência também teve um forte componente linguístico, pois reuniu estudantes de diferentes países europeus, muitos dos quais, assim como no Brasil, não

têm o inglês como segunda língua oficial. Isso criou um ambiente ideal para aprimorar minha escuta e compreensão em um contexto multicultural e prático, distinto do aprendizado tradicional de idiomas. Diferente do que ocorre em métodos formais de ensino do inglês, muitas vezes focados em gramática e vocabulário de forma isolada, a interação real permitiu uma imersão mais natural e dinâmica no idioma, que é considerado a língua diplomática mais amplamente utilizada no mundo.

No intervalo da aula, fui convidado a participar de um café com os professores. Ainda era verão, e o clima descontraído refletia-se no ambiente. Os docentes, tanto convidados quanto efetivos da disciplina, estavam engajados e compartilharam histórias de suas vivências acadêmicas e do cotidiano. Foi um momento acolhedor e enriquecedor, que permitiu uma integração mais próxima e ofereceu uma visão mais humana do corpo docente. Embora no início eu estivesse me adaptando ao clima, à língua e à nova rotina, esse encontro contribuiu para uma transição mais suave e uma sensação de pertencimento.

Desde o momento em que comecei a ler o edital da CAPES para estudar na universidade que escolhi, junto ao meu orientador de doutorado, me empenhei em participar dos eventos promovidos pela ELTE e sigo com o desejo de continuar envolvido, talvez em uma condição de Alumni, mesmo que com o viés de ex-pesquisador visitante (ELTE, 2024). Mesmo que de forma remota, através de atividades como eventos *online* e *podcasts*

sobre a instituição, encontrei maneiras de me manter conectado. Os *podcasts*, em particular, foram muito úteis para melhorar o inglês, uma habilidade que precisava desenvolver e que era um dos meus principais objetivos ao buscar a experiência de estudar no exterior.

Reconheço que, além do desafio acadêmico, havia também uma barreira linguística, embora não tenha sido um obstáculo significativo, já que o inglês não é amplamente falado na Hungria, assim como no Brasil. Contudo, ao longo desse período, essa dificuldade se transformou em uma oportunidade de aprendizado contínuo, tanto no aprimoramento do inglês quanto no conhecimento básico do húngaro. Hoje, faço uma avaliação positiva do meu progresso nesse aspecto, especialmente considerando como consegui conciliar esse desenvolvimento linguístico com as exigências da minha formação como doutorando.

Paralelamente aos estudos realizados no Brasil, às produções acadêmicas e às orientações aos alunos da residência multiprofissional, esse espaço de formação e ensino revelou-se extraordinário, tornando a jornada ainda mais significativa. Trata-se de um processo transformador, que prepara para os desafios futuros e amplia as possibilidades de atuação no campo como pesquisador em formação.

A oportunidade de estudar na ELTE trouxe, além de novos olhares e inspirações (“eu também quero isso”, sobre estudar no exterior), um ponto de partida que demonstra que é possível. Este foi um sonho realizado,

mas poderia ter sido muitos outros, pois cada um tem o seu próprio caminho. Nesse contexto, fui convidado pelos docentes a compartilhar apresentações e relatos em semanas universitárias, grupos de pesquisa e outras atividades acadêmicas, relatando, diretamente de Budapeste e de forma remota, essa experiência enriquecedora para alunos e colegas em formação no Brasil. Uma verdadeira honra. No final das contas, esse processo é o que realmente importa: os aprendizados adquiridos e os frutos que essa experiência possibilitará ainda colher.

Em uma dessas jornadas acadêmicas, tive a oportunidade de visitar um café tradicional em Budapeste, um espaço repleto de história e charme que parece convidar à reflexão e ao diálogo. Foi lá que me encontrei com um doutorando indicado pelo meu supervisor no exterior, um pesquisador em processo de doutorado na ELTE. A conversa foi enriquecedora, destacando os desafios e as oportunidades de estudar fora do Brasil.

Discutimos desde as barreiras culturais e linguísticas até os benefícios de uma formação internacional, incluindo o acesso a diferentes perspectivas acadêmicas e a expansão de redes de pesquisa. Mais do que uma troca de ideias, esse encontro foi um momento significativo que trouxe clareza sobre as escolhas e os caminhos possíveis dentro do ambiente acadêmico e global. A conversa reforçou o valor do aprendizado mútuo e da conexão em uma jornada tão exigente quanto a do próprio doutorado.

Nesse encontro, experimentei pela primeira vez o *goulash*, um prato típico da Hungria. Era verão, e a praça estava rodeada de verde, criando um clima para uma conversa amistosa. Lembro-me de ele mencionar que precisava visitar o Városliget novamente para ver e tocar na estátua do *Anonymous*, possui uma caneta em sua mão, uma obra do artista Miklós Ligeti. Segundo a lenda, o personagem da estátua teria escrito as primeiras histórias dos húngaros como um cronista.

Uma das atividades que mais me chamou a atenção ao final da experiência na ELTE foi uma *lecture*, uma mesa redonda intitulada *How to Navigate the Scientific Journal Business?* (em tradução livre: Como Navegar no Negócio dos Periódicos Científicos?). Para mim, como estudante de doutorado, essa experiência foi essencial para ampliar os horizontes e trazer à tona uma reflexão mais crítica sobre o campo acadêmico, especialmente no que se refere às práticas predatórias no universo das publicações científicas.

Os palestrantes abordaram questões cruciais, como a importância de optar por bons indexadores, a atenção necessária ao tempo de publicação (com destaque para as plataformas de *preprint*) e os desafios do acesso aberto na ciência global. Um dos pontos discutidos foi o excesso de burocracia envolvido na implementação de periódicos (*megajournals*) com o objetivo de alcançar indexações relevantes, além da pressão para atender aos critérios de impacto acadêmico. Essas dificuldades frequentemente contribuem

para o crescimento de práticas e revistas predatórias, comprometendo a integridade do processo de publicação científica.

No encerramento, uma renomada professora destacou uma frase que me marcou profundamente: *Different perspectives is the key* (perspectivas diferentes são a chave). Suas palavras ecoaram como um lembrete poderoso de que, mesmo em meio à selva produtivista e carreirista que muitas vezes domina o ambiente da pesquisa científica, é possível encontrar caminhos alternativos e mais éticos. Essa reflexão trouxe um senso renovado de possibilidade, sublinhando a importância de construir um campo acadêmico que valorize a pluralidade e a colaboração genuína (leia-se com ênfase essa palavra) em vez da competição desenfreada de costume/rotina.

No contexto da ciência empírica e da formação de pesquisadores, os dados são vistos como informações e respostas em si. Contudo, é necessária mais sensibilidade e menos repetição, pois as bases psicométricas atingem o limite dos objetivos técnicos. Esse é o problema: tratar os dados como algo estático, em vez de considerar as formas de sentir. Os métodos precisam ser mais do que apenas quantitativos, incorporando aspectos mais complexos e subjetivos do processo humano. Um paralelo que foi possível com a escrita deste diário de campo, em formato que a Ciência ainda nos solicita.

A vida acadêmica e a profissional se entrelaçam como um caminho de múltiplas etapas, onde nem sem-

pre seguimos a linha reta. Às vezes, pulamos etapas, tomamos desvios e, ainda assim, cada experiência se torna uma parte essencial da jornada. Como um cartaz destacável, a vida oferece diversos significados conforme seguimos em frente, adaptando-nos aos novos desafios e aprendizados. No processo de formação, tanto acadêmica quanto profissional, há uma constante evolução, e o verdadeiro sentido vem de como aproveitamos e interpretamos cada fase dessa trajetória.

# Capítulo 12

## Uma vida pelo trabalho: de *workaholic* ao espaço consciente

Em uma dessas tardes de outono no Campus de Letras da ELTE, um ambiente bem mais familiar, brinca o amigo húngaro que há uma semelhança com o Campus da UFC no bairro Benfica, em Fortaleza, e já me sinto em casa. Peço orientações sobre a indicação de livros escritos em húngaro para presentear outro amigo húngaro (amo presentear os outros com coisas simbólicas). E descubro que existe uma coleção de autores brasileiros renomados que foram traduzidos aqui. Embora seja raro encontrá-los, é muito bom manter viva a memória disso, dos bons contos em outros ares. Sou grato pela paciência dos bibliotecários húngaros no esforço da busca e da comunicação em inglês para resultar nos devidos presentes (aqueles momentos).

As obras indicadas foram: Machado de Assis - *Brás Cubas síron túli emlékei* (Memórias Póstumas de Brás Cubas); Clarice Lispector - *Minden történet* (Todos os Contos) e *A csillag órája* (A Hora da Estrela); Luiz Schwarcz - *Légszomj* (Respiração Artificial), este último não foi recomendado, somente citado. Além destes, os livros de Raduan Nassar - *A múlt ölelése* (Um copo de cólera) e *Egy pohár düh* (Lavoura arcaica); Mário

de Andrade - *Makunaíma* (Macunaíma); Jorge Amado - *Gabriela, Szegfű és Fahéj* (Gabriela, Cavro e Canela); Ignácio de Loyola Brandão - *Zero* (Zero); Chico Buarque - *Budapest*; e *A modern Brazil elbeszélés - antológia* (Antologia do conto brasileiro); Carolina Maria de Jesus - *Aki átment a szivárvány alatt* (Quarto de Despejo); e o livro de Bernardo Guimarães - *A rabszolgalány* (A Escrava Isaura).

Inicialmente, eu planejava presentear com duas obras que mais despertaram meu interesse: o romance *Budapest*, de Chico Buarque e a coletânea de contos de Clarice Lispector. Não os encontrando em buscas físicas e eletrônicas, decidi seguir, com sucesso, outras indicações: *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, e *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão.

Encontrei uma resenha sobre a obra *Zero* (Lima; Bertocini, 2008) e ele reflete a história de José, que coincidência o nome do personagem, meu xará, os novos colegas do novo *part-time* me chamam de José (“*Hello, Mister what is your name?!*” brincam abobalhados os norteamericanos). *Ghaslighting* e *red flags* infelizmente não foram aqui palavras de uso da moda, mas facilmente identificadas. As projeções dizem por si só.

Voltando à resenha, um trecho expõe a narrativa do jornalista escritor tendo por pano de fundo a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985):

Torna-se evidente, dessa forma, o aniquilamento da individualidade, a repressão e o estímulo ao preconceito promovido pelo poder e pela mídia, e, dentro desse sistema opressivo e massificante, o personagem José representa o sujeito dilacerado por essa situação, à procura de uma maneira de afirmar a sua individualidade (Lima; Bertoncini, 2008).

Lembro das imagens que afetam uma polaridade política que vem crescendo aos poucos no Brasil, também no Leste Europeu, especificamente aqui na Hungria, nestes 70 anos pós-última independência.

Em conversas com imigrantes e cidadãos húngaros, percebo que há um consenso generalizado sobre a percepção de que o sistema público de saúde local enfrenta dificuldades para atender plenamente às necessidades da população. Vale destacar que, embora o SUS — um sistema de saúde amplo e bem estruturado no Brasil — seja ainda pouco familiar para muitas pessoas fora do país, ele representa um modelo que possui características muito distintas das experiências vividas em outras partes do mundo, a lembrar das inúmeras tentativas da nossa humanização do acesso e do cuidado.

Vou explicar o motivo de ter presenteado com essas duas obras que citei, que não eram as primeiras escolhas, mas foram as opções disponíveis. Mesmo assim, antes de oferecer o presente, fiz questão de entender um pouco sobre cada obra para não correr o risco de passar uma ideia equivocada. Esse cuidado me lembrou uma cliente/paciente muito especial, Dona Margarida, assim a chamava, ex-professora de História, que

atendi quando trabalhava como fisioterapeuta domiciliar. Dona Margarida tinha um costume único: sempre lia os livros antes de presentear-los e fazia questão de incluir uma dedicatória. Ela também dizia que, quando somos lembrados, é como se alguém estivesse orando por nós. Essas palavras me marcaram profundamente, revelando como a dor também pode carregar simbolismos individuais e históricos. Foi uma das lições mais simbólicas que recebi no trabalho em Fisioterapia.

Esta semana, em Budapeste, com as temperaturas abaixo de cinco graus, li uma notícia sobre pessoas perdendo suas vidas por conta do frio aqui na Europa. A situação me atingiu de forma crua. Separei alguns casacos e roupas para doar. Acredito que a solidariedade não é apenas uma virtude, mas uma ferramenta prática, uma maneira de lidar com o sofrimento alheio usando o que temos, onde estamos. É um lembrete de que, por mais dispersos, ainda somos capazes de construir pontes em meio às crises que nos atravessam.

Essa citação em inglês do poeta Petőfi Sándor me fez refletir sobre a ação e reação nos tempos atuais: “Não sei o que fui até agora ou o que serei; depende de você, se sou uma sombra escura ou um raio de luz brilhante.” Como foi uma postagem no Instagram, não pude verificar a veracidade da frase nem a obra da qual o trecho foi retirado, mas ela fica como uma reflexão.

Não perca a poesia da vida. Abandone o que não se encaixou ou o que não te encontrou ao longo do caminho. Siga sua própria poesia, aquela que é única, pois

é nesse *design* criativo que o mundo se expande. Esse processo acontece de dentro para fora, e reverbera no mundo ao seu redor. Na prática, esse processo também tem efeitos reais, especialmente quando você começa a estabelecer seus limites e decide quem realmente merece ter acesso a sua vida. Ao se permitir viver com intenção e autenticidade, você cria um espaço onde o seu mundo interior se reflete no exterior, guiando suas escolhas e interações de maneira mais consciente e alinhada com seu propósito.

Em Budapeste, retomo a ideia de brasilidades ao encontrar Paulo Coelho, com seu novo livro (*A legnagjobb ajándék*, em húngaro), sendo anunciado em propagandas nas estações de metrô. Um telão vibrante de cores no distrito de Józsefváros exibe uma imagem de uma arara vermelha, trazendo um pedacinho do Brasil para a Europa.

Enquanto isso, o inverno começa a se aproximar de forma intransigente; não chega de maneira suave, como a transição entre as outras estações. O anoitecer ocorre cedo, às 16h, e as árvores, já sem folhas, testemunham a despedida do outono. O vento frio corta a pele, trazendo consigo a beleza da estação que se vai, enquanto a cidade de Budapeste segue sua rotina, resistindo às baixas temperaturas que já dominam o cenário urbano.

Tentei diversas vezes buscar conciliações e reconciliações diante da falta de trato social nas relações interpessoais. No entanto, cada um sabe onde seu coração aperta. Não ser capacho do tempo ou das exigên-

cias sociais, mas de uma paz, por vezes inequívoca, que se faz necessária. Essa paz não é submissa, porém, uma escolha consciente de resguardar o que é essencial. Os olhos nunca mais secaram, novas sombras são possíveis contra a resiliência já limitada.

E nessa triste e resiliente história, lembro da compaixão húngara pelos próprios sentimentos, até mesmo no hino nacional de Ferenc Kölcsey (trad. Paulo Rónai e Geir Campos, 1823) que eu escutei nas aulas de Leitorado Húngaro:

Deus, derrama sobre o húngaro fatura e alegria.  
Guarda-o com teu braço quando luta com inimigos.  
Ao que tanto tem sofrido, traze um ano de bênçãos:  
já este povo expiou bem o passado e o porvir.

Manhãs frias desafiam corações sensíveis. O anseio não reside em ficar ou partir, mas em um compromisso inabalável com os sonhos, mesmo que ainda desconhecidos. É uma busca por equilíbrio, uma homeostase em meio aos tempos sombrios do Brasil. Novas jornadas começam a se delinear nessa caminhada, enquanto a esperança do Natal ganha forma, como nas ingênuas tramas dos filmes de um mundo globalizado. Talvez seja um recomeço.

Um banho, um chá e um mantra tornam-se rituais para aquecer os corações partidos. O valor das coisas materiais jamais suplantará a inestimável força do amor, da amizade, da sensibilidade e da verdadeira cumplicidade nas relações humanas. Essas são riquezas perenes, essenciais à vida.

Clarice Lispector, ícone da literatura brasileira e universal, escreveu certa vez — em algum canto de sua vastidão — que precisamos escrever ou falar, pois, do contrário, as palavras nos devoram. Essa afirmação ressoa profundamente em nós, sul-americanos, latinos de tantas vozes, que existimos na força do gesto, do som, da palavra derramada, seja em praça pública, seja nos confins do silêncio. Em cada expressão, há uma tentativa de não desaparecer, de reafirmar nossa essência em um mundo onde o indivíduo, às vezes, é mais eco do que raiz.

Ser imigrante — deslocado no espaço, mas não no espírito — reforça essa urgência de dizer. Não para gritar por gritar, porém, para atribuir sentido ao discurso, ainda que o sentido nos escape por entre os dedos. Pois o discurso pelo discurso é apenas miragem de poder, sombra da soberania que nunca alcança substância.

Toda palavra carrega consigo uma história, um passado que a molda, que a compromete. Falar sem autocrítica, sem consciência do que se carrega no som e na forma, é arriscar-se a perder o propósito. E, assim, a palavra se dissolve na crise estética, nas selvagerias do mundo contemporâneo — um ruído entre ruínas.

Escrever, então, é mais do que sobreviver: é resistir. É recusar-se a ser devorado, reinventando-se no gesto mais antigo da humanidade, que é transformar o indizível em algo que ressoa. É esse ato — tenso, urgente, poético — que nos ancora em nossa história, em nossa latinidade, em nossa humanidade.

Em um episódio da série *Young Sheldon* (2017), ao começar a estudar a Filosofia – tema também abordado nas aulas de Epistemologia das Ciências da Saúde –, Sheldon menciona Jean-Paul Sartre e sua célebre frase: “O inferno são os outros.” Essa reflexão ressoa de maneira peculiar diante dos *neo-patrões*, para quem a diversidade e a conquista de novas referências são fontes de incômodo profundo. Essas mudanças desestabilizam sua liderança, aprisionada no ciclo vicioso de um sistema precário que corrói não apenas estruturas, mas também a alma.

# Capítulo 13

## A família

*O ser humano é como uma casa de hóspedes  
Toda manhã, uma nova chegada  
Uma alegria, uma tristeza, uma mesquinhez  
Uma percepção momentânea chega,  
como visitante inesperado*

*Acolha a todos!  
Mesmo se for uma multidão de tristezas,  
que varre violentamente  
sua casa e a esvazia de toda a mobília*

*Mesmo assim, honre a todos os seus hóspedes  
Eles podem estar limpando você  
para a chegada de um novo deleite (...)*

Trecho declamado por Helena Bonham Carter  
no poema *A casa de hóspedes*, de Jalaluddin Rumi.

Já nas madrugadas do inverno frio e escuro, menos um grau na onda fria desta semana de novembro, nos preparativos para a volta, me recordo das imagens latinas, tropicais, repletas de cores, afetos e sorrisos sinceros – aqueles sorrisos despreocupados que florescem em meio aos laços de sangue, nas rodas de conversa em família. Nessas ocasiões, o mundo pode até parecer desmoronar, mas ali, juntos, há uma confiança inabalável no futuro e na prosperidade dos que perma-

necem próximos, é fácil de reconhecer isso agora. Isso me faz pensar na parábola do Filho Pródigo, cuja essência ressoa nesses (des)encontros:

“(...) o filho mais novo, juntando tudo o que era seu, partiu para um país distante e lá dissipou (...)” (Lucas 15:13).

Na parábola, uma resposta tocante e cheia de amor:

“(...) era preciso celebrar e alegrar-se, porque este teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado” (Lucas 15:31-32).

Curiosamente, o nome Lucas teria sido o escolhido por minha mãe, Socorro Silva, para mim, mas meu pai, João Batista, optou por uma homenagem diferente. Quando nasci, ele ainda lamentava a perda de seu irmão mais velho e, para honrar sua memória, deu-me seu nome completo: José Edmilson Silva Gomes. Essa escolha carrega a força dos laços familiares e a memória de quem, mesmo ausente, segue presente em cada celebração e abraço.

Hoje, a vida se torna cada vez mais voltada para as redes sociais, onde tudo é capturado e exibido a maneira da sociedade do espetáculo. No entanto, ao observar as redes sociais com mais atenção, percebo as nuances que se revelam por trás das imagens – sejam elas sinceras ou apenas um recorte planejado da realidade. Rolando a linha do tempo (de estímulos infinitos), entre fotos impecáveis e cenas editadas, deparei-me com um vídeo de uma personalidade brasileira que dizia: “A vida acontece no caminho, estamos sempre buscando um fim (...)”. Essa frase ressoou como se traduzisse

algo que, sem perceber, eu já vinha sentindo sobre a maneira como vivemos e enxergamos o presente – algo que um professor do doutorado já havia dito em sala com outras palavras.

Foi nesse momento que percebi a importância de sair do *piloto automático*, como se precisasse de um novo olhar para enxergar além da rotina e das expectativas que, muitas vezes, eu mesmo criava. Esse distanciamento interno trouxe mais clareza e me fez refletir sobre o que realmente vale ser vivido e compartilhado. Afinal, a vida acontece nesse caminho, nos momentos simples e nas conexões que nem sempre cabem em uma foto ou em um *post*, mas que deixam marcas profundas. Ainda assim, se antes as fotos eram reveladas e tinham presença física, hoje são memórias simbólicas guardadas nas nuvens digitais e no coração de quem as viveu (quase instantaneamente também).

Nesse compasso, recordo-me de uma conversa com um chileno, na qual compartilhei uma experiência ao chegar em Budapeste. Ainda desorientado e envolto na vertigem da viagem, decidi visitar uma igreja histórica (um local calmo). Assim que entrei, fui tomado por uma sensação de bênção ao som dos cânticos que preenchiam o espaço. Foi uma experiência quase divina. Ele então sorriu e comentou: “Europa... aqui tudo é feito para você sentir exatamente isso.”

A instituição Família continua sendo um porto seguro, mesmo diante das dinâmicas contemporâneas e dos distanciamentos típicos da vida adulta. Os laços

afetivos que a permeiam são profundamente enraizados e carregam um simbolismo ético geracional, que transcende as mudanças sociais e culturais. Esse espaço proporciona o fortalecimento do papel de cada membro, especialmente quando há apoio mútuo na busca pelos sonhos individuais, mesmo que esses sonhos não sejam plenamente conhecidos ou compreendidos por todos. Essa conexão reflete a essência de um vínculo que resiste às transformações do tempo e às exigências da modernidade.

Durante minha pós-graduação na modalidade de residência multiprofissional, dediquei um período significativo ao estudo da Saúde da Família, com um olhar atento para a saúde dos trabalhadores. Meu interesse por esse tema foi profundamente influenciado por minha história familiar: meu avô, ferroviário e filho de pescador; e minha avó paterna, trabalhadora doméstica sem acesso à educação formal, sempre foram para mim exemplos vivos dos desafios enfrentados por muitas famílias trabalhadoras. Essa conexão ressoa na forma como percebo o cuidado, enxergando a família como um núcleo essencial de suporte.

É fascinante perceber como o conceito de família se transforma de cultura para cultura, mas sua essência, esse núcleo de afeto, transcende fronteiras e desigualdades. Não se trata aqui das teorias da sociedade moderna e da fragilidade dos vínculos contemporâneos, mas do mais genuíno sentimento que atravessa o tempo: a certeza de que sua família estará sempre ali, com você.

Há algo quase mágico nesse vínculo, especialmente para quem é estrangeiro — um abrigo silencioso em meio ao desconhecido. Lembrei-me dos amigos húngaros que encontrei, com suas raízes fincadas no interior. Nos finais de semana, deixam Budapeste para retornar às casas de seus pais, onde reencontram a calma do campo, antes de retornarem à agitação da cidade.

Essa peregrinação ressoou em mim, trazendo à tona memórias de quando meus pais decidiram mudar de cidade na minha adolescência. Assim como eles, também comecei a trilhar novos caminhos, mas com o coração ancorado no que é essencial: o lar, que é menos um lugar e mais um sentimento que levamos conosco. Esse lugar do lar em si que o Carl Jung descreveu em seus estudos (Jung, 2016).

É possível concluir que família é, acima de tudo, um sentimento. Não se define apenas por laços e nós, mas pelas formas de sentir, de se conectar e de cuidar, que ultrapassam distâncias, diferenças e o tempo. Família é o abraço que aquece igual nos sonhos; é o elo que persiste nas palavras, nos gestos e nas memórias compartilhadas.

Família se assemelha ao clima do Natal que traz às cidades e aos encontros. No Natal, as luzes brilhando nas janelas, os aromas, as risadas e bons atos que ecoam, lembram que família não precisa ser perfeita, mas precisa ser sentida nesses sentimentos.

# Capítulo 14

## “Here Is December Everyday!”

*Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo.*

Fernando Pessoa

Agora, vivo o último mês da minha estadia em Budapeste, prolongada após o término da bolsa de estudos da CAPES. Meu *Residence Permit* expira em breve e, embora fosse tecnicamente possível permanecer, disseram-me que seria necessário passar um período fora da área de Schengen antes de retornar. Essa exigência, somada aos excessos burocráticos que já enfrentamos para simplesmente seguir, me levou à decisão de voltar. Não há mais espaço para *novação*.

É hora de retornar, recomeçar e levar comigo uma bagagem que não é apenas de experiências, mas também de sensíveis reflexões e aprendizados. Encerrar ciclos não é apenas concluir uma etapa; é também abrir espaço para novos começos, com a serenidade de quem entende que o essencial – o que foi vivido e aprendido – permanece.

Talvez seja simbólico que eu escolha o momento certo para transformar este diário de campo em algo

maior: um livro. Não tenho a intenção de torná-lo excessivamente abstrato ou formal, mas sim algo fiel ao que foi possível – acessível e direto –, encerrando um ciclo importante, repleto de encantos e desencantos.

A proximidade do Natal sempre traz consigo um convite à introspecção, e a tradição natalina húngara reforça essa sensação. Rica em simbolismo, essa época evoca uma atmosfera de aconchego e esperança. Aqui, o Natal transcende a mera celebração de uma data: é um momento para se conectar com as raízes e os valores compartilhados. Os costumes, as canções e os pratos tradicionais, como o doce *puszedli* ou os chocolates com *pálinka*, guardam uma forte memória, transmitidos de geração em geração. Diferente do que se vê na estética natalina televisionada, aqui me senti mais próximo do espírito real da época.

No entanto, este ano o Natal também carrega o peso de uma realidade difícil. A guerra em países vizinhos traz um contraste amargo aos valores de paz e compaixão que a data busca simbolizar. Mesmo assim, há espaço para a esperança – como na tradição do advento, em que uma vela é acesa a cada final de semana até o Natal, trazendo luz aos dias frios e cinzentos. Esse gesto, tão simples, é um lembrete de que ainda podemos encontrar refúgio em momentos de conexão e de fé no que está por vir.

Aqui, entre as tradições e a urgência de um mundo marcado por incertezas, encontrei um convite à partilha. Seja em família, com amigos ou em comunidade,

é um período em que a troca de experiências e afetos se torna mais leve, mais possível. É um momento que contrasta com o individualismo do cotidiano e reforça nossa humanidade. Mesmo em tempos difíceis, a celebração do Natal nos lembra de nossa capacidade de resiliência e de superação, onde quer que estejamos. Ainda surpreso por ter sido boa pessoa este ano, gabei até chocolates húngaros do Mikulás (Papai Noel em húngaro).

*Dia chuvoso em Budapeste (11/12/2024)*

*Notas de inverno (última estação)*

*Sopro gelado nos pulmões,  
inverno que lança em refrões,  
inspiração de liberdade limitada,  
um suspiro esperado na noitada.*

*A clave de sol dos violinos,  
em uníssonos cantam destinos,  
ajustados numa única afinação,  
harmonia de um novo coração.*

*O amor e os novos tempos vêm,  
um horizonte aclamado por quem  
espera na brisa que sopra distante,  
um futuro, talvez, estimulante.*

O aspecto mais fascinante de estudar no exterior foi a experiência de construir este diário de campo de forma fluida, com uma postura investigativa e conscien-

te, mas de forma natural, apenas no campo do aprender e experienciar que combinou autoanálise e busca constante por conhecimento – tanto para a vida quanto sobre a vida. Mesmo com uma base decolonial sempre ativa, permitiu-me deslumbrar com o diferente, encontrando no continente europeu um inesperado senso de proximidade. As brasilidades que percebi aqui, manifestadas de maneiras diversas, revelaram conexões que transcenderam fronteiras e toda essa nova perspectiva. Mais do que uma simples coleta de dados para uma pesquisa científica e social, este percurso foi, acima de tudo, um método de vivência.

Essa curiosidade, aliás, não é apenas sobre os lugares visitados ou as pessoas encontradas, mas também sobre o que emerge no próprio ato de escrever. Cada linha parece conter um eco de perguntas não respondidas, lacunas que provocam, instigam, e convidam a imaginar. As arestas, longe de serem imperfeições a corrigir, tornam-se potenciais sementes para novos enredos ou reflexões, enquanto os medos ocultos revelam não apenas vulnerabilidades, mas também a coragem que nasce da necessidade de seguir em frente.

As táticas de sobrevivência, aprendidas quase instintivamente, são um reflexo da adaptabilidade necessária neste mundo em constante movimento e desequilíbrio. Não são apenas estratégias para resistir ao caos externo, mas também maneiras de lidar com o que o caos suscita. É nesse entrelaçamento de vivências, narrativas e desafios que reside a experiência,

tanto no que se escreve quanto no que se vive. O que vem a seguir, seja na página ou no caminho, permanece uma incógnita – e talvez seja isso o mais instigante.

Assim como a neve escassa da terceira semana do Advento vai se despedindo, este lugar, Budapeste, também se revela numa memória embaçada, uma nuvem de inverno que mistura frio e nostalgia. As ruas, adornadas com luzes natalinas, carregam o peso da temporada, enquanto o ar gelado cobre os rostos dos que se aventuram pela cidade. Há algo quase efêmero na forma como a cidade se enfeita e se aproxima da neve – um espetáculo que nunca é garantido, mas sempre esperado, como uma tradição teimosa que insiste em se manter viva.

A aproximação do Natal traz um calor simbólico (revitalizado) que contrasta com o rigor do clima. Os mercados natalinos espalhados pela cidade oferecem um refúgio sensorial: o aroma de vinho quente com especiarias, os sons das canções festivas, as cores vibrantes dos enfeites pendurados nas barracas.

Budapeste no inverno não é apenas cenário; é um estado de espírito. A pouca neve, que chega com discrição e se dissolve com pressa, carrega consigo uma mensagem silenciosa. É uma lição de transitoriedade, uma lembrança de que mesmo os momentos mais marcantes – as luzes brilhantes, os ventos cortantes, o toque fugaz de um floco de neve – precisam dar lugar ao novo. Como se a cidade, nessa dança entre o frio e o calor da expectativa, buscasse se purificar para acolher

o que está por vir. É nesse silêncio desconhecido que aprendi, aqui, a praticidade do retorno.

Um fôlego gelado: qual é o preço da saudade? Escrevo enquanto caminho ao perceber as diferentes gerações, carregando a consciência de quem vive uma transição, viajante no tempo limitado pela idade que tenho nesta experiência. Um trem sobre trilhos de ferro – metáfora para o fluxo contínuo da vida –, seguindo um caminho que não escolhi por completo.

Lembro de Manuel de Barros, que dizia não querer andar nos trilhos, preferindo a liberdade do imprevisto e do inesperado. No entanto, nos trilhos há algo reconfortante: eles fornecem uma direção, uma promessa de destino, mesmo que distante e incerta. Nos trilhos, os sonhos também podem se mover; encontram um compasso, uma ordem, e talvez um fim – não como conclusão, mas como o ponto onde um trajeto pode se transformar.

Tudo na vida é cíclico, um círculo contínuo de mudanças que devem ser bem-vindas, pois mudar faz parte do processo de evolução. Aprendi com os húngaros mais próximos a manter a cabeça erguida diante do menor sinal de injustiça ou de uma tentativa de *passar a perna*, como diríamos no Brasil quando alguém tenta tirar vantagem de você.

Essa realidade é universal; acontece em qualquer lugar do mundo. É preciso estar atento, não apenas para dar margem à hipervigilância, mas para observar as atitudes ao nosso redor, que podem ser igualmente traiçoeiras.

A saudade é o eco dessa transição constante, uma ponte entre o que foi e o que ainda virá. Ela nos conecta aos trilhos que já percorremos e nos impele a seguir adiante, mesmo quando o fôlego é gelado e o peso do passado e da maldade ameaça nos deter. Cada estação alcançada é uma nova etapa, um pedaço da jornada que testemunha o valor de se viver intensamente, entre trilhos e desvios, entre certezas e mistérios.

Minha experiência de doutorado sanduíche se desenrolou como as *Quatro Estações*, de Vivaldi, cada ciclo trazendo seus próprios desafios. O início foi como a primavera, cheio de expectativas e descobertas. O verão trouxe intensidade e amadurecimento, enquanto o outono veio com reflexões e a preparação para o encerramento. Agora, ao final, o solstício de inverno envolve tudo em uma escuridão serena, como um caldo melódico de metal sinfônico europeu. É um momento de solidude que não é ausência, mas um espaço para absorver a jornada e contemplar o que está por vir.

*"Sometimes, dreams come true..."*, disse meu amigo Balázs, com um brilho genuíno no olhar, orgulhoso de suas conquistas. No topo da torre de Sisi, em Normafa, senti-me igualmente contemplado, apesar do frio cortante que parecia atravessar a pele. A neve caía incessantemente, cobrindo tudo ao redor, mas meus olhos se recusavam a piscar, decididos a capturar cada fragmento daquele momento.

Não havia lugar para o Krampus naquele cenário. Era um amor em solitude, mas não triste; era como um suspiro gelado, envolto por uma ternura silenciosa. O Natal, por sua vez, trazia outra tonalidade: uma luz suave, uma promessa sutil de renovação, aquecendo os corações com sua esperança discreta.

Mesmo nessa solitude, há algo reconfortante em equilíbrio único entre introspecção e celebração que essa época do ano proporciona. A escuridão e a luz coexistem, cada uma iluminando a outra, oferecendo uma perspectiva singular que talvez mereça um espaço especial nestes escritos.

Como cuidamos dos nossos sonhos? O que eles nos revelam? São realmente nossos? Seriam tentativas de ajustar os pesadelos? E como deveria ser depois dos sonhos?

Entre outubro e dezembro de 2024, sempre vêm lembranças marcantes dos filmes de Tim Burton. Minha irmã, brincando, disse que eu estava parecendo Edward Scissorhands, tão pálido depois de sete meses sem muito sol escaldante (interminável). Ela ria ao dizer isso, sabendo que era meu filme favorito quando morávamos juntos na infância. Ela me conhece muito bem, crescemos juntos.

Pensando sobre isso, faço uma análise desse personagem. A vida, de certa forma, nos coloca em situações em que moldamos *personagens possíveis* para sobreviver (risos) aos cataclismas.

Edward é uma figura que simboliza aqueles que não se encaixam nas normas falidas, mas cuja singula-

ridade o torna confuso aos bons e maus olhos, às vezes até incômodo. O filme traz uma metáfora poderosa sobre como as características únicas de uma pessoa podem trazer beleza e valor ao mundo, mesmo que nem sempre isso seja compreendido imediatamente. A singularidade, porém, é algo a ser celebrado, não temido. Nossas diferenças podem ser presentes – tanto para nós quanto para os outros – e aceitar quem somos, mesmo diante do imbróglío e dos abismos que tem os (des) encontros, é, sem dúvida, um ato de coragem e beleza.

O retorno, igual o sentimento natalino, nos convida a desacelerar e refletir (readaptar), também nos faz lembrar que a essência da família é essa conexão profunda, que encontra formas de sobreviver em qualquer circunstância, trazendo uma nova paz e sentido à nossa jornada.

Nessa alusão de personagens, mesmo a figura do Grinch, que inicialmente rejeita a festividade e a alegria do Natal, pode se tornar acolhedor quando confrontado com o *caos* de seus próprios sentimentos. O Natal, com seu espírito transformador, tem o poder de pertencer a essa magia da época, revelando um aspecto inesperado de compaixão e humanidade.

Quero compartilhar uma história muito bonita sobre as trocas e doações que acontecem na cidade. Quando cheguei a Budapeste, não tinha uma jaqueta de frio adequada. Um amigo de Fortaleza, chamado Giácomo, que estava prestes a sair da cidade ainda no verão, me deixou um casaco e algumas mantas, que foram es-

senciais para mim. Antes de retornar, deixei o mesmo para alguns amigos. Em um grupo de brasileiros, alguém me procurou pedindo roupas para um amigo venezuelano que acabara de chegar à cidade, após o meu *post* sobre a nova doação. Foi incrível ver esse ciclo de ajuda, uma verdadeira sensação de comunidade, onde as pessoas se conectam e se ajudam mutuamente.

Há um misticismo sutil, uma praticidade disfarçada de desconfiança, mas também uma imensa vontade de sonhar ou, talvez, apenas de guardar os próprios sonhos (sendo eles legítimos da sua própria história). Essa é a percepção que tive dos encontros com os húngaros. Aprendi muito com eles e, ao retornar, levo comigo uma esperança que se assimilou ao longo dessa jornada.

Do alto, me despeço de Budapeste, com a Ilha da Margarida à vista, e cada pessoa que encontrei está gravada na memória (em outras nuvens). O melhor disso tudo foram as emoções de cada encontro que, apesar da distância, permanecem próximas. O misticismo de Budapeste se mistura aos laços que criei, e as fotos continuam a reverberar como registros do que foi tudo aquilo. Foram sete meses que me transformaram, que me deixaram mais cheio de algo inexplicável. Agora, volto ao Ceará, Brasil, o frio não mais congela o meu corpo, mas o calor que sinto é o mesmo que me forjou nas duas terras.

## Considerações Finais

A vivência em Budapeste, Hungria, com o doutorado sanduíche no exterior, foi uma jornada repleta de aprendizagens, tanto acadêmicas quanto pessoais e profissionais. A decisão de embarcar nessa aventura foi motivada por sonhos que se tornaram reais e aspirações que se entrelaçam com essa realidade das experiências profundamente transformadoras. Desde os primeiros momentos em solo húngaro, percebi que estava diante de uma oportunidade única de crescimento e de (re)descoberta, apesar do choque cultural inicial.

Foi desafiador, mas também uma porta de entrada para um universo de novas perspectivas e autocohecimento. Aprender nova língua e aprimorar uma segunda língua, compreender as nuances culturais e adaptar-me aos costumes locais exigiu paciência, resiliência e foco (pequenas metas diárias ao longo do período). Contudo, essas dificuldades foram compensadas pelas experiências dos novos lugares exuberantes/históricos e o mais importante, as conexões humanas estabelecidas ao longo do caminho. Cada encontro, cada conversa, e cada momento de introspecção contribuíram para uma transformação pessoal significativa.

O ambiente acadêmico e poético/simbólico se fez presente e igualmente estimulante. A troca de conhecimentos com colegas e professores de diferentes partes do mundo ampliou a visão sobre a principal área de estudo no doutorado e sobre a pesquisa científica como um todo. Os desafios enfrentados durante o doutorado sanduíche fortaleceram as habilidades acadêmicas e reafirmaram uma nata paixão pela pesquisa científica, pelo ensino e pela compreensão de novas culturas. Além disso, a diversidade de pensamentos e direcionamentos metodológicos enriqueceram a prática imediata de produção de uma Tese de Doutorado, promovendo uma compreensão mais ampla, porém, ainda crítica do campo de estudo.

Refletir sobre a experiência na Hungria me faz perceber o quanto essa jornada impactou a percepção do autoconhecimento e do mundo real/concreto. As dificuldades superadas, as amizades formadas, os momentos de tensão e os momentos de introspecção contribuíram para esse amadurecimento que transcende o âmbito acadêmico. Estar imerso em uma cultura tão distinta da minha revelou a importância da adaptabilidade e da abertura para o novo (conceito bem básico que a Antropologia me oportunizou em bons momentos), valores que levarei comigo para qualquer lugar que eu vá.

Essa vivência no exterior também reafirmou o senso de pertencimento a uma comunidade global e as raízes dos territórios que já andei. Compreendi que

as fronteiras são, muitas vezes, limitações mentais que nos impedem de ver a humanidade compartilhada que existe em todos os lugares. Budapeste, com sua história rica e complexa, ensinou a valorizar as diferenças e a buscar pontos de conexão em meio às (a)diversidades. Essa missão é um trabalho inestimável na vida de um pesquisador (em formação), que certamente moldará as futuras interações e decisões.

Ao olhar para o futuro, sinto-me preparado para novas jornadas, sejam elas acadêmicas, profissionais ou pessoais. A experiência de viver no exterior me equipou com a resiliência renovada discutida e uma confiança que estava abalada na capacidade de enfrentar o desconhecido. Os sonhos que me levaram ao Leste Europeu se transformaram em uma realidade que superou as expectativas, e as lições aprendidas pavimentam o caminho para novas jornadas de aventura e coragem.

Estou ciente de que cada nova jornada trará seus próprios desafios e oportunidades, contudo, estou confiante de que a transformação pessoal resultante dessa experiência fez um bom território experiencial para enfrentá-los com mais atenção, cautela e rede de apoio (antigo *networking*). Viver em Budapeste não foi apenas um destino acadêmico, mas um marco na trajetória de vida, capítulos que preencheram essa história e expandiu os horizontes.

Assim, sigo adiante, em novos mundos. A vivência no exterior não é apenas uma lembrança, mas uma bússola que orienta os passos futuros, lembrando-me

sempre da beleza das possibilidades e da importância de buscar entender o desconhecido e as sombras que chegam nos encontros. Cada nova jornada é como aquele rio de oportunidade e renovação.

# Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. *A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan*. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 21 nov. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido: a insegurança na era contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Sandwich Doctorate Program (PDSE)*. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/en/access-to-information/actions-and-programs/scholarships-and-students/institutional-programs-abroad/sandwich-doctorate-program-pdse>. Acesso em: 8 dez. 2024.

CHARM-EU. About Us. Disponível em: <https://charm-eu.eu/about-us/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

DE PAULA, Paulo. *Diamantes invisíveis: ressignifique os seus sentimentos beneficiando-se da neuroplasticidade do cérebro*. São Paulo: Editora Gente, 2022.

DOM QUIXOTE DE LA MANCHA. Prateleira de Cima. Disponível em: <https://www.prateleiradecima.com/dom-quixote-de-la-mancha/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ELTE Alumni. Főoldal. Disponível em: <https://www.alumni.elte.hu/hu/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

ELTE Faculty of Education and Psychology. Homepage. Disponível em: <https://www.ppk.elte.hu/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

FERREIRA, Marcelus Gonçalves. Corpo/Cidade: uma cartografia do medo. Contemporânea – *Revista de Comunicação e Cultura*, v. 9, n. 2, p. 86-98, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/contemporanea/article/view/2190/1659>. Acesso em: 4 dez. 2024.

FRANCO, Túlio Batista; MERHY, Emerson Elias. *Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde: textos reunidos*. São Paulo: Hucitec Editora, 2013.

FREUD, Sigmund. *The unconscious*. London: Penguin Classics, 2005.

GIKOVATE, Flávio. *Uma nova visão do amor*. 4. ed. São Paulo: MG Editores, 2009.

GLANZ, Karen; RIMER, Barbara K.; VISWANATH, K. (Orgs.). *Health behavior and health education: Theory, research, and practice*. 3. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2008.

GOMES, José Edmilson Silva. *A pandemia Covid-19 e suas repercussões psicossociais em trabalhadores da atenção primária à saúde*. 2022. 90 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.

HARVEY, David. *17 Contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HÁSZ, Róbert. *La Forteresse*. Paris: Éditions Viviane Hamy, 2003.

HÁSZ, Róbert. *Le jardin de Diogène*. Traduit du hongrois par Chantal Philippe. Paris: V. Hamy, 2001, p. 184.

JUNG, Carl G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

KANT, Immanuel. *Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KUSSLER, Leonardo Marques; VAN LEEUVEN, Leonardo Guilherme. Da alienação em Marx à sociedade do cansaço em Han: fantasia e realidade dos trabalhadores precarizados. *Revista Cantareira*, n. 34, 25 jan. 2021.

LIMA, Marcos Hidemi de; BERTONCINI, Andréa Fleury. América Latíndia de (Zero)Icizada. *Travessias*, v. 2, n. 3, 2008.

LUCCHESI, Fátima; MACEDO, Paula Costa Mosca; MARCO, Mario Alfredo de. Saúde Mental na Unidade de Terapia Intensiva. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 19–30, 2008. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/174>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MAGRIS, Claudio. *Danúbio*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 475.

MARTINS, Georgia Carolina Carvalho; OLIVEIRA, Carla Carolina Dias De; FRANCISCO, Thiago Henrique Almino. *Produtivismo nas Universidades: a avaliação como instrumento da lógica neoliberal para Educação Superior*. Repositório UFSC. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230272>. Acesso em: 9 jun. 2023.

MATTOS, Sandra Carvalho de; RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. Música e resiliência: refugiados na Finlândia. In: CHAIA, Vera; BÓGUS, Lúcia; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires (orgs.). *Ciências sociais contemporâneas: objetos de pesquisa*. São Paulo: EDUC, 2021. p. 402-424. Disponível em: [https://neamp.org/wp-content/uploads/2022/09/ciencias\\_sociais\\_contemporaneas.pdf#page=402](https://neamp.org/wp-content/uploads/2022/09/ciencias_sociais_contemporaneas.pdf#page=402). Acesso em: 15 dez. 2024.

MELO, Marcus Vinicius Esmeraldo. *O esteio da vida: por que somos divinos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

O POETA. Teatro Mágico. São Paulo: Teatro Mágico Produções, 2008. 1 faixa (4 min 30 s).

OLIVEIRA, Marcelo Xavier de; ROSA, Leandro Amorim; CARRETERO, Gustavo Henrique; SILVA, Patrícia da. Covid-19: A influência de fatores psicossociais na crença acerca da pertinência do isolamento social no Brasil. *Estudos de Psicologia Natal, [S. l.]*, v. 27, n. 1, p. 23–33, 2023. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/epsic/article/view/20725>. Acesso em: 28 maio 2023.

PÁL, Ferenc. Sobre a divulgação e recepção da literatura brasileira na Hungria. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, v. 20, n. 2, jul./dez. 2020.

PÁL, Ferenc. Aulas de Letorado Húngaro na Uece (remoto). Eötvös Loránd University. 2024.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Organizado por Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PETTICREW, Mark; ROBERTS, Helen. *Systematic reviews in the social sciences: a practical guide*. 1. ed. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1972.

RAIMONDI, Gustavo Antônio *et al.* A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva: (des)encontros metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 12, 2020, p. e00095320.

RAIMONDI, Gustavo Antônio; MOREIRA, Claudio; BARROS, Nelson Felice de. O corpo negado pela sua “extrema subjetividade”: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*. Botucatu. v. 23, p. e180434, 2019.

ROLNIK, Suely. O corpo vibrátil de Lygia Clark. *Folha de São Paulo*, 30 abr. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3004200006.htm>. Acesso em: 12 out. 2024.

RUMI, Jalaluddin. The guest house. Disponível em: <https://www.scottishpoetrylibrary.org.uk/poem/guest-house/>. Acesso em: 2 jan. 2025.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAMPAIO, José Jackson Coelho. *Cartografia do sonho/Az álom kartográfiaja*. 1. ed. [Budapeste]: Edição do Centro Científico Brasileiro da ELTE/Faculdade de Letras da ELTE, 2016.

SAMPAIO, José Jackson Coelho. Crise, explicações alucinatórias e perspectivas de vivência como doente grave de Covid-19: um relato pessoal. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*. Botucatu. 2021; 25 (Supl. 1): e200671 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.200671>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SELYE, Hans. *The Stress of Life*. 1. ed. New York: McGraw-Hill, 1956.

SILVA, Débora Pena Batista e. (org.) et al. *O Novo Coronavírus e seus desafios para o Sistema Único de Saúde*. Porto Alegre: Rede Unida, 2020.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. *Revista entre ideias: educação, cultura e sociedade*, n. 14, 2008.

SILVA, Sarah Delgado Braga. O perfil humanista do enfermeiro que atua na Unidade de Terapia Intensiva. *Revista da JOPIC*, v. 5, n. 9, 2022.

SZAKALY, Roland. *Homepage Rolandszakaly*. Disponível em: <https://rolandszakaly.com/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Aberta I Semana de Cultura Húngara no Ceará. Uece Notícias, 13 set. 2016. Disponível em: <https://www.uece.br/noticias/aberta-i-semana-de-cultura-hungara-no-ceara/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Reitor Jackson Sampaio lança livro de poemas em português e húngaro. Uece Notícias, 2021. Disponível em: <https://www.uece.br/noticias/reitor-jackson-sampaio-lanca-livro-de-poemas-em-portugues-e-hungaro/>. Acesso em 28 nov. 2024.

VIEIRA, Lara Amanda Marques. *Aplicações do balanço de energia em seres humanos na cidade de São Paulo (Brasil) e em Budapeste (Hungria) utilizando índices de conforto*. 2022. Tese (Doutorado em Meteorologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

X, Malcolm. [features.york.ac.uk](https://features.york.ac.uk), [s.d.]. *University of York*. Disponível em: <https://features.york.ac.uk/education-is-the-passport-to-the-future-for-tomorrow-belongs-to-those-who-prepare-for-it-today-malcolm-x/index.html>. Acesso em: 2 jan. 2025.

YOUNG SHELDON. Young Sheldon. 1. temporada. [S.l.]: *Netflix*, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80192612>. Acesso em: 4 dez. 2024.

# Agradecimentos

Escrever um livro é uma jornada de solidão, mas não seria possível sem o apoio de tantas pessoas que caminharam ao meu lado, mesmo à distância.

Em primeiro lugar, à minha família, que me ensinou sobre amor, respeito e ética;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPSAC/Uece), especialmente o meu orientador, Prof. Dr. Jackson Sampaio, por acreditar também nesse sonho. Vocês me ajudaram a transformar ideias em algo tangível e me ensinaram mais do que eu poderia imaginar;

Aos colegas de turma do doutorado (PPSAC/Uece) que, gentilmente, ajudaram como uma rede de apoio no início dessa jornada;

Aos colegas e professores que me acolheram em Budapeste, D’Mari Sanka, Róbert Urbán, Urban Bálint, Pál Ferenc e Gergő;

Com carinho e gratidão a João Pozzobon e sua mãe, Dona Fernanda — os mais generosos anfitriões de Fortaleza em Brasília. Sua acolhida, apoio e hospitalidade tornaram muito mais leve e especial minha passagem pela cidade, quando fui tirar meu visto de estudante na Embaixada da Hungria.

A todos que influenciaram minha trajetória de alguma forma e contribuíram para o crescimento, tanto pessoal quanto profissional;

Aos leitores, que escolheram dar vida a este trabalho ao abrir estas páginas e conhecer mais de perto essa experiência. Espero que este livro encontre um lugar especial em suas vidas;

Por fim, à vida, que, com seus altos e baixos, nunca deixou de ser a maior das inspirações.

*Dos Sonhos... uma jornada simbólica a Budapeste* é uma obra inspirada no diário de campo do autor, que entrelaça o mundo dos sonhos com a realidade. A narrativa conduz o leitor por uma jornada introspectiva vivida por um pós-graduando cearense em terras húngaras, revelando experiências marcantes de um doutorado sanduíche internacional. Ao longo do percurso, o livro explora duas dimensões centrais: a aventura acadêmica e os sonhos como representações simbólicas de amadurecimento pessoal, profissional e acadêmico.



9 1786583 1910066